

## **Dezoito textos sobre Nossa Senhora**



**Boas leituras para o mês de Maio**

# ÍNDICE

## Vida de Maria:

(I) A Imaculada Conceição : Texto	p. 1
(I) A Imaculada Conceição : Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas a)	p. 3
(I) A Imaculada Conceição : Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas b)	p. 9
(II) Os esponsais com José: Texto	p. 15
(III) A Visitação a Sta. Isabel: Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 17
(III) A Visitação a Sta. Isabel: Texto	p. 22
(IV) O Nascimento de Jesus: Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 24
(IV) O Nascimento de Jesus: Texto	p. 29
(V) A Apresentação de Jesus no Templo: Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 31
(VI) A Adoração dos Magos : Texto	p. 38
(VI) A Adoração dos Magos : Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 37
(VII) A fuga para o Egípto : Texto	p. 43
(VII) A fuga para o Egípto : Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 45
(VIII) Regresso a Nazaré : Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 51
(VIII) Regresso a Nazaré: Texto	p. 56
(IX) Jesus entre os doutores : Texto	p. 58
(IX) Jesus entre os doutores : Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 60
(X) Vida de trabalho e normalidade em Nazaré: Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 64
(XI) As Bodas de Caná: Texto	p. 67
(XII) Junto à Cruz de Jesus : Texto	p. 69
(XIII) Sepultura de Jesus : Texto	p. 71
(XIV) Ressurreição e Ascensão : Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 73
(XV) A vinda do Espírito Santo: Texto	p. 79
(XVI) Assunção de Nossa Senhora: Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 81
(XVII) Três coisas que todo o cristão deve saber sobre os Dogmas Marianos	p. 87

*Obs. - Os itens de I a XVI foram retirados do "Site" do Opus Dei. O XVII de ACI PRENSA.*

# Vida de Maria (I): A Imaculada Conceição (Texto)

Iniciamos uma série de textos sobre a Vida da Virgem. Para cada episódio apresentam-se comentários do Magistério da Igreja, dos Padres, dos santos e dos poetas. O primeiro centra-se na Imaculada Conceição de Maria.



A história do homem sobre a terra é a história da misericórdia de Deus. Desde a eternidade, escolheu-nos Ele, antes da criação do mundo, para sermos santos e imaculados a seus olhos, pelo amor (Ef 1, 4).

No entanto, por instigação do demónio, Adão e Eva revoltaram-se contra o plano divino: tornar-vos-eis como deuses, conhecedores do bem e do mal (Gn 3, 5), tinha-lhes sussurrado o príncipe da mentira. E ouviram-no. Não quiseram dever nada ao amor de Deus. Procuraram conseguir, apenas pelas suas forças, a felicidade a que tinham sido chamados.

Mas Deus não desistiu. Desde a eternidade, na Sua Sabedoria e no Seu Amor infinitos, prevendo o mau uso da liberdade por parte dos homens, tinha decidido fazer-se um de nós mediante a Encarnação do Verbo, segunda Pessoa da Trindade.

Por isso, dirigindo-se a Satanás, que sob a figura de serpente tinha tentado o Adão e a Eva, o intimou: Eu porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e os descendentes dela (Gn 3, 15). É o primeiro anúncio da Redenção, no qual se antevê já a figura de uma Mulher, descendente de Eva, que será a Mãe do Redentor e, com Ele e sob Ele, esmagará a cabeça da serpente infernal. Uma luz de esperança se acende diante do género humano a partir do próprio instante em que pecamos.

***"PROCURARAM CONSEGUIR, APENAS PELAS SUAS FORÇAS, A FELICIDADE A QUE TINHAM SIDO CHAMADOS".***

Começavam assim a cumprir-se as palavras inspiradas — escritas muitos séculos antes de que a Virgem viesse ao mundo — que a liturgia põe nos lábios de Maria de Nazaré. Javé criou-me como primeiro fruto da sua obra, no começo dos seus feitos mais antigos... Desde a eternidade, desde o princípio, antes que a terra começasse a existir. Fui gerada quando o oceano não existia e antes que existissem as fontes de água. Fui gerada antes que as montanhas e colinas fossem implantadas, quando Javé ainda não tinha feito a terra e a erva nem os primeiros elementos do mundo (Pr 8, 22-26).

A Redenção do mundo estava em marcha já desde o primeiro momento. Depois, pouco a pouco, inspirados pelo Espírito Santo, os profetas foram desvelando os rasgos dessa filha de Adão a quem Deus – na previsão dos méritos de Cristo, Redentor universal do género humano – preservaria do pecado original e de todos os pecados pessoais e encheria de graça, para fazer d’Ela a digna Mãe do Verbo encarnado.

***"CONSEGUIU UMA VITÓRIA CONTRA UM INIMIGO IMPONENTE, AO PONTO DE QUE A ELA, MAIS DO QUE A NINGUÉM, SE DIRIGEM AQUELES LOUVORES".***

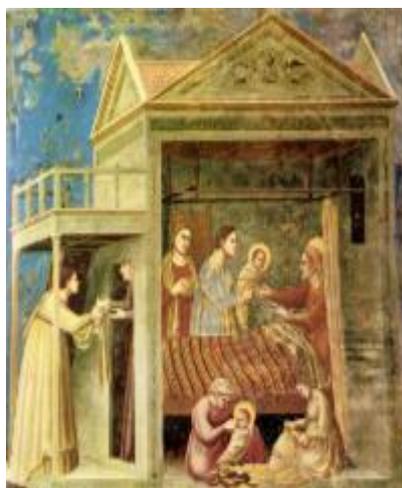
Ela é a virgem que concebeu e dará à luz um Filho e chamá-lo-á Emanuel (Is 7, 14); está representada em Judite, a heroína do povo hebreu que conseguiu uma vitória contra um inimigo imponente, ao ponto de que a Ela, mais do que a ninguém, se dirigem aqueles louvores: Tu és a glória de Jerusalém! Tu és a honra de Israel! Tu és o orgulho do nosso povo... Que o Senhor Todo-poderoso te abençoe para todo o sempre (Jt 15, 9-10).

Extasiados diante da beleza de Maria, os cristãos dirigiram-lhe sempre todo o género de louvores, que a Igreja recolhe na liturgia: horto cerrado, lírio entre espinhos, fonte selada, porta do céu, torre vitoriosa contra o dragão infernal, paraíso de delícias plantado por Deus, estrela amiga dos náufragos, Mãe puríssima...



# Vida de Maria (I): A Imaculada Conceição. A voz do Magistério, dos Padres da Igreja, dos santos e dos poetas – a)

A Natividade da Virgem Maria, numa selecção de textos do Magistério, dos Padres da Igreja, dos santos e de alguns poetas.



## A voz do Magistério

«A Sagrada Escritura do Antigo e Novo Testamento e a venerável Tradição apresentam de modo progressivo, até nos mostrarem claramente, o papel da Mãe do Salvador na economia da salvação. Os livros do Antigo Testamento descrevem a história da salvação na qual se vai preparando lentamente a vinda de Cristo ao mundo.

Esses antigos documentos, tais como são lidos na Igreja e interpretados à luz da plena revelação ulterior, vão pondo cada vez mais em evidência a figura duma mulher, a Mãe do Redentor. A esta luz, Maria encontra-se já profeticamente presente na promessa da vitória sobre a serpente (cfr. Gn. 3,15), feita aos nossos primeiros pais caídos no pecado.

Ela é, igualmente, a Virgem que conceberá e dará à luz um Filho, cujo nome será Emanuel (cfr. Is. 7,14; cfr. Mq 5, 2-3; Mt 1, 22-23). É a primeira entre os humildes e pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem a salvação de Deus. Com ela, enfim, Filha excelsa de Sião, passada a longa espera da promessa, cumprem-se os tempos e inaugura-se a nova economia da salvação, quando o Filho de

Deus dela recebeu a natureza humana, para libertar o homem do pecado pelo mistério da sua encarnação».

## Concílio Vaticano II

Const. dogm. *Lumen gentium*, n. 55.



«Olhai para Maria, formosa como a lua, pulchra ut luna. É uma forma de expressar a sua excelsa beleza. Que formosa deve ser a Virgem! Quantas vezes nos impressionaram a beleza de uma face de anjo, o encanto do sorriso de uma criança, o fascínio de um olhar puro! Certamente, no rosto da Sua própria Mãe, Deus recolheu todos os resplendores da sua arte divina. O olhar de Maria! O sorriso de Maria! A doçura de Maria! A majestade de Maria, Rainha do Céu e da terra!

Do mesmo modo que a lua brilha no céu escuro, assim também a formosura de Maria se distingue sobre todas as formosuras, que parecem sombras junto d'Ela. Maria é a mais formosa de todas as criaturas. Não é apenas a beleza natural que se reflecte naquele rosto. Deus revestiu a sua alma com a plenitude das suas riquezas por um milagre da sua onnipotência e fez passar para o olhar de Maria algo da sua dignidade sobrenatural e divina. **Uma centelha da beleza de Deus brilha nos olhos de sua Mãe»**

«Mas a Igreja não compara Maria apenas à lua; servindo-se também da Sagrada Escritura (cfr. Ct 6, 10), usa uma imagem mais intensa e exclama: Tu és, Maria, electa ut sol, eleita como o sol! A luz do sol tem uma grande diferença da da lua: é luz que aquece e vivifica. A lua brilha sobre os grandes glaciares do Pólo, mas o glaciar permanece compacto e infecundo, como permanecem as trevas e perdura o gelo nas noites lunares do Inverno. A luz da lua não tem calor, não leva a vida. Fonte de luz e de calor e de vida é o sol. Pois bem, Maria, que tem a beleza da lua, brilha também como um sol e irradia um calor vivificante. Falando d'Ela, falando-lhe a Ela, não esqueçamos que é verdadeiramente nossa Mãe;

porque através d'Ela recebemos a vida divina. Ela deu-nos Jesus e com Jesus a própria Fonte da graça. Maria é medianeira e distribuidora de todas as graças».



«Electa ut sol. Sob a luz e o calor do sol as plantas florescem sobre a terra e dão o seu fruto; Sob o influxo e a ajuda deste sol que é Maria, os bons pensamentos frutificam nas almas. Talvez neste momento já estejais inundados do encanto que emana da Virgem Imaculada, Mãe da divina graça, medianeira de todas as graças, por ser Rainha do mundo».



«Voltai a percorrer, queridos filhos e filhas, a história da vossa vida. Não vedes um tecido de graças de Deus? Então podeis pensar: nestas graças entrou Maria. As flores despontaram e os frutos amadureceram na minha vida graças ao calor desta Senhora, eleita como o sol».

**PIO XII (século XX)**

**Mensagem radiofónica na abertura do Ano Mariano, 8-XII-1953.**

## **A voz dos Padres da Igreja**

«Chamava-se Joaquim; era da casa de David, rei e profeta; a sua mulher chamava-se Ana. Permaneceu sem filhos até à velhice, porque a sua esposa era estéril. E, no entanto, precisamente a ela estava reservada a honra a que, segundo a lei de

Moisés, aspiravam todas as mulheres que dão à luz, honra que não tinha sido concedida a nenhuma mulher privada de filhos».

«Joaquim e Ana, com efeito, eram dignos de honra e de veneração, tanto em palavras como em obras; eram conhecidos como pertencentes à estirpe de Judá e de David, à descendência de reis. Quando se uniram as casas de Judá e de Leví, o ramo real e o sacerdotal ficaram misturados. Assim está escrito tanto a respeito de Joaquim como a respeito de José, com quem se desposou a Virgem santa. Deste último se afirma directamente que era da casa e tribo de David (cfr. Mt 1, 16; Lc 1, 27); mas eram-no os dois: um, segundo a descendência natural de David, o outro, em virtude da lei segundo a qual eram levitas».

«Também a bem-aventurada Ana era de um ramo eleito da mesma casa. Isto significava de antemão que o rei que nasceria da sua filha seria sumo-sacerdote, enquanto Deus e enquanto homem. Entretanto, os veneráveis e estimados pais da Virgem, desconhecendo ainda o que neles se viria a realizar, sofriam uma grande dor pela falta de filhos, por causa da lei de Moisés e também pelas zombarias de alguns homens néscios. Desejavam o nascimento de um descendente que apagasse a ignomínia e lhes devolvesse a honra diante dos seus olhos e diante do mundo inteiro ».



«Então a bem-aventurada Ana, como aquela outra Ana mãe de Samuel (cfr. 1 Sm 1, 11), foi ao templo e suplicou ao Criador do universo que lhe concedesse um fruto das suas entranhas, com o voto de o consagrar, por o ter recebido como dom. O bem-aventurado Joaquim também não estava inactivo, e pedia a Deus que o livrasse da falta de filhos».

«O Rei benigno, o Autor generoso de todos os dons, escutou a oração do justo e enviou um anúncio aos dois cônjuges. Primeiro mandou uma mensagem a Joaquim enquanto rezava no templo. Fez-lhe ouvir uma voz do Céu que lhe dizia: "Terás uma filha que será glória, não só para ti, mas para o mundo inteiro". Este mesmo anúncio foi feito à bem-aventurada Ana; ela não cessava de rezar a Deus com lágrimas ardentes. Também a ela foi enviada a mensagem da parte de Deus, no jardim onde oferecia sacrifícios com petições e orações ao Senhor. O anjo de Deus veio junto dela e disse-lhe: "Deus escutou a tua oração; darás à luz aquela que será o anúncio da alegria e chamá-la-ás Maria, porque d'Ela nascerá a salvação do mundo"».

«Depois da mensagem teve lugar a gravidez; e da estéril Ana nasceu Maria, luz para todos: com efeito, assim se traduz o nome de Maria: "a que ilumina". Então os veneráveis pais da feliz e santa menina ficaram cheios de uma grande alegria. Joaquim organizou um banquete e convidou todos os seus vizinhos, sábios e ignorantes e todos deram glória a Deus, que tinha feito para eles um grande prodígio».

«Deste modo, a angústia de Ana transformou-se numa glória mais sublime, a glória de se converter na porta da porta de Deus, porta da Sua vida e começo da Sua gloriosa conduta».

## Vida de Maria atribuída a São Máximo, O Confessor (século VII).

Os factos expostos inspiram-se em escritos apócrifos, principalmente no "Protoevangelho de Santiago", que remonta ao século II.



## A voz dos santos

«Muitíssimo dano, amadíssimos, nos causaram um homem e uma mulher; mas graças a Deus, igualmente por um homem e uma mulher tudo foi restaurado. E com grandíssimo aumento de graças. Porque o dom não foi como tinha sido o delito, mas a grandeza do benefício excede o dano».

«Assim, o prudentíssimo e clementíssimo Artífice não quebrou o que estava rachado, antes o refez mais utilmente por todos os modos, formando um novo Adão a partir do velho e trocando Eva por Maria».

«Certamente, podia bastar Cristo, pois toda a nossa suficiência nos vem d'Ele; mas não era bom para nós que o homem estivesse sozinho (cfr. Gn 2, 18). Muito mais conveniente era que ambos os sexos participassem na nossa reparação, já que ambos contribuíram para a nossa corrupção. Jesus Cristo Homem, é fiel e poderoso Mediador entre Deus e os homens, mas os homens veneram n'Ele a majestade divina. N'Ele a humanidade pareceria absorvida na divindade, não por a natureza humana já não ser tal, mas por estar divinizada. D'Ele se canta a misericórdia, mas igualmente a justiça, porque embora, pelo que sofreu, tenha aprendido a compaixão e a misericórdia (cfr. Hb 5, 8), tem simultaneamente o poder de juiz. Enfim, a exigência do nosso Deus é como um fogo ardente, de modo que o pecador não temeria chegar-se a Ele, com medo de morrer diante da sua presença, como se derrete a cera?»

«Assim pois, a mulher bendita entre todas as mulheres não está a mais. Vê-se claramente o papel que desempenha na obra da nossa reconciliação, porque precisávamos de um mediador próximo deste Mediador e ninguém pode desempenhar este ofício melhor que Maria. Eva tinha sido uma mediadora demasiado cruel, por quem a serpente antiga infundiu no homem o veneno mortífero. Mas fiel é Maria, que ofereceu aos homens e às mulheres o antídoto salvador. Eva foi instrumento da tentação, Maria do perdão; aquela induziu a pecar, esta trouxe a redenção. Que receio teria a fragilidade humana de se chegar a Maria? N'ela nada é austero, nada é terrível; tudo é suave, oferecendo a todos leite e lã».

«Estuda com cuidado toda a história evangélica e se encontras em Maria algo de dureza, de repreensão desabrida, ou algum sinal de indignação, ainda que leve, poderias desconfiar e ter receio de te chegares a Ela. Mas se, pelo contrário,

como acontece de facto, descobres que tudo o que a Ela pertence está cheio de piedade e de misericórdia, de mansidão e de graça, agradece-o ao Senhor que, com a sua benigníssima misericórdia, providenciou para ti uma mediadora tão maravilhosa, pois nada pode haver na Virgem que inspire temor.

**Ela fez-se toda para todos; tornou-se devedora de sábios e de ignorantes**, com imensíssimo amor. A todos abre o regaço da misericórdia, para que todos recebam da sua plenitude: o cativo redenção, o enfermo cura, o aflito consolo, o pecador perdão, o justo graça, o anjo alegria; enfim, toda a Trindade recebe glória; e a própria Pessoa do Filho recebe d'Ela a substância da carne humana, a fim de que não haja quem se esconda da sua ternura».São Bernardo (século XII)

**Sermão no Domingo da oitava anterior à Assunção, 1-2.**



# Vida de Maria (I): A Imaculada Conceição. Magistério, Padres, santos, poetas – b)

O Magistério da Igreja, os santos, os Padres e outros escritores inspiraram-se na oferta que a Virgem fez de si mesma para compor diversos textos. Apresenta-se uma selecção.



## A VOZ DO MAGISTÉRIO

«A definição do dogma da Imaculada Conceição refere-se de modo directo unicamente ao primeiro instante da existência de Maria, a partir do qual ficou livre de toda a mancha da culpa original. O Magistério pontifício quis assim definir só a verdade que tinha sido objecto de controvérsias ao longo dos séculos: a preservação do pecado original, sem se preocupar em definir a santidade permanente da Virgem Mãe do Senhor».

«Essa verdade faz parte do senso comum do povo cristão, que defende que Maria, livre do pecado original, foi preservada também de todo o pecado actual e a santidade inicial foi-lhe concedida para preencher toda a sua existência».

«A Igreja reconheceu constantemente que Maria foi santa e livre de todo o pecado ou imperfeição moral. O Concílio de Trento expressa essa convicção afirmando que ninguém “pode na sua vida inteira evitar todos os pecados, mesmo os veniais, se não for por privilégio especial de Deus, como a Igreja ensina sobre a bem-aventurada Virgem” (DS 1573). Também o cristão transformado e renovado pela graça tem a possibilidade de pecar. Com efeito, a graça não preserva de todo o pecado no decurso completo da vida, salvo se, como afirma o Concílio de Trento, um privilégio especial assegurar essa imunidade do pecado. E foi isso o que aconteceu em Maria».

«O Concílio tridentino não quis definir este privilégio, mas declarou que a Igreja o afirma com vigor: tenet, quer dizer, mantém-no com firmeza. Trata-se de uma opção que, longe de incluir essa verdade entre as crenças piedosas ou as opiniões de devoção, confirma o seu carácter de doutrina sólida, bem presente na fé do povo de Deus. Por outro lado, essa convicção fundamenta-se na graça que o anjo atribui a Maria no momento da Anunciação. Ao chamá-la “cheia de graça” — kejaritoméne —, o anjo reconhece n’Ela a mulher dotada de uma perfeição permanente e de uma plenitude de santidade, sem sombra de culpa nem de imperfeição moral ou espiritual».

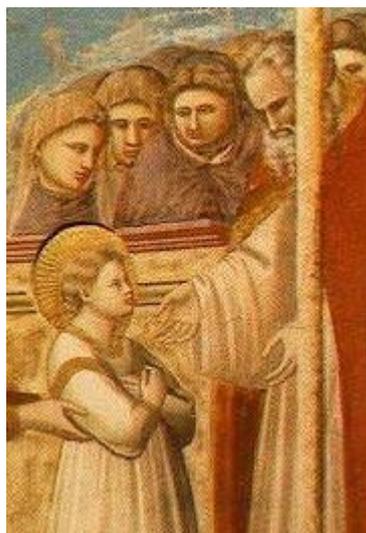
«O privilégio especial que Deus outorgou à Toda Santa leva-nos a admirar as maravilhas realizadas pela graça na sua vida. E recorda-nos também que Maria foi sempre toda do Senhor e que nenhuma imperfeição diminuiu a perfeita harmonia entre Ela e Deus».

«A sua vida terrena, portanto, caracterizou-se pelo desenvolvimento constante e sublime da fé, da esperança e da caridade. Por isso, Maria é para os crentes sinal luminoso da Misericórdia divina e guia seguro para as elevadas metas da perfeição evangélica e a santidade».

**S. João Paulo II, Catequese mariana (Discurso na audiência geral, 19-VI-1996).**

\* \* \*

## A VOZ DOS PADRES E ESCRITORES ANTIGOS



«Os meses iam-se passando para a menina. Ao fazer dois anos, disse Joaquim a Ana: “Levemo-la ao templo do Senhor para cumprir a promessa que Lhe fizemos, para que não a reclame e nossa oferenda se torne inaceitável a Seus olhos”. Ana respondeu: “Esperamos até que complete três anos, para que a menina não tenha saudades de nós. Joaquim respondeu: “Esperaremos”».

Ao chegar aos três anos, disse Joaquim: “Chama as donzelas hebreias que não têm mancha e que cada uma leve uma lâmpada acesas a acompanhem, para que a menina não olhe para trás e seu coração seja cativado por alguma coisa fora do templo de Deus. Assim fizeram, enquanto iam subindo para o templo de Deus. Lá recebeu-a o sacerdote, que abraçando-a, abençoou-a e exclamou: “O Senhor glorificou o teu nome diante de todas as gerações, e no final dos tempos, manifestará em ti sua redenção aos filhos de Israel”».

Fê-la sentar-se no terceiro degrau do altar. O Senhor derramou graças sobre a menina, que dançou cativando toda a casa de Israel.

«Os seus pais saíram do templo cheios de admiração e louvando a Deus porque a menina não tinha olhado para trás. Maria permaneceu no templo alimentando-se como uma pomba e recebendo alimento pelas mãos de um anjo».

### Proto-evangelho de Santiago, VII-VIII (Escrito apócrifo do século II).

\*\*\*

«Quando ultrapassou a idade da amamentação e fez três anos, os seus bem-aventurados pais levaram-na ao templo de Deus e consagraram-na como oferenda, de acordo com a promessa que tinham feito antes do seu nascimento. Conduziram-na com glória e honra, como era justo; precediam-na muitas virgens e acompanhavam-na com lâmpadas acesas, como tinha preanunciado um dia o rei profeta [David], antepassado da Virgem imaculada, dizendo: As suas jovens companheiras conduziram-na até ao rei, os seus amigos ofereceram-lha (Sal 44 [45] 15). O profeta tinha dito isto com antecedência, a propósito da apresentação no templo e das virgens que a precediam e a acompanhavam».

«No entanto, esta profecia não diz respeito somente àquelas virgens, mas refere-se também às almas virgens que seguiram os seus passos, almas a que o profeta chamou "seus amigos". Embora todos sejam inferiores a Ela na amizade e na semelhança, no entanto, por graça e bondade do seu Filho, o Senhor, as almas dos santos são chamadas "seus amigos"; por outro lado, o próprio Senhor e Criador do universo não considerou indigno chamar "irmãos" àqueles que Lhe são gratos e o imitam. Na realidade, todas as almas dos justos que chegaram a ser "seus amigos" mediante o exercício da santidade, gozarão da sua ajuda e estarão espiritualmente unidas ao Senhor seu Filho e serão introduzidas Santo dos Santos celestial».

### Vida de Maria, atribuída a São Máximo o Confessor (século VII)

\* \* \*

## A VOZ DOS SANTOS

«Não houve nem nunca haverá oferenda feita por uma criatura, nem maior nem mais perfeita do que a que fez Maria a Deus quando se apresentou no Templo para Lhe oferecer, não incenso nem cordeiros, nem moedas de ouro, mas a si própria de todo e por inteiro, em perfeito holocausto, consagrando-se como vítima perpétua em Sua honra. Compreendeu muito bem a voz do Senhor que a chamava a dedicar-se toda inteira ao Seu amor, com aquelas palavras: Levanta-te, apressa-te, amiga minha... e vem (Ct 2, 10). Por isso queria o seu Senhor que se dedicasse de todo a amá-Lo e a alegrá-Lo: Ouve, minha filha, olha, inclina o teu ouvido e esquece o teu povo e a casa paterna (Sal 44, 14). E Ela, nesse mesmo instante, seguiu a chamada de Deus».



«Por amor a esta menina privilegiada acelerou o Redentor a Sua vinda ao mundo. Precisamente porque não se julgava digna sequer de ser escrava da Mãe de Deus, foi a escolhida para ser essa mãe. Com o aroma das suas virtudes e com as suas poderosas orações atraiu ao seu seio virginal o Filho de Deus. Por isso o seu divino Esposo lhe chamou rola: Ouvia-se na nossa terra a voz da rola (Ct 2, 12); não só porque Ela, tal como a rola, sempre gostou da solidão, vivendo neste mundo como num deserto, mas porque como a rola que vai sempre gemendo pela campina, Maria suspirava sempre compadecendo-se das misérias do mundo perdido e pedindo a Deus que outorgasse a redenção para todos. Com muito mais fervor do que os profetas Ela repetia, quando estava no templo, as súplicas e suspiros deles para que mandasse o Redentor: Envia, Senhor, o Cordeiro dominador da terra (Is 15, 1). Céus, gotejai lá de cima; e as nuvens chovam o Justo (Is 45, 8). Oh se rasgásseis os céus e descêsseis! (Is 44, 1)».

«Numa palavra, Ela era o objecto das complacências de Deus, ao contemplar esta virgenzinha aspirando sempre à mais elevada perfeição como coluna de incenso rica pelo aroma de todas as virtudes, tal como a descreve o Espírito Santo: Quem é esta que vai subindo pelo deserto como uma coluna de fumo feita de mirra e de incenso e de toda a espécie de aromas? (Ct 3, 6). Na verdade, diz Sofronio, era esta donzela o jardim das delícias do Senhor onde se encontravam toda a espécie de flores e todos os aromas das virtudes. Por isso, afirma São João Crisóstomo, Deus escolheu Maria para Sua Mãe, porque não encontrou na terra uma virgem mais santa nem mais perfeita que Maria, nem lugar mais digno para habitar do que o seu seio sacrossanto. São Bernardo diz de modo semelhante: não houve na terra sítio mais digno do que o seio virginal. Santo Antonino afirma que a bem-aventurada Virgem, para ser escolhida e destinada à dignidade de Mãe de Deus, tinha que possuir uma perfeição tão grande e consumada que superasse totalmente a perfeição de todas as outras criaturas: a suprema perfeição da graça é estar preparada para conceber o Filho de Deus».

«Como a santa menina Maria se ofereceu a Deus no templo com prontidão e por inteiro, assim nós neste dia apresentemo-nos a Maria sem demora e sem reserva e roguemos-lhe que nos ofereça a Deus, que não nos recusará vendo que somos oferecidos pelas mãos daquela que foi o templo vivo do Espírito Santo, as delícias do seu Senhor e a escolhida como Mãe do Verbo eterno. E esperemos toda a espécie de bens desta excelsa e muito agradecida Senhora que recompensa com grande amor os obséquios que recebe dos seus devotos».

**Santo Afonso Maria de Ligório (séc. XVII), As glórias de Maria, Parte II, Discurso III.**

\*\*\*

«Desde há quase trinta anos, Deus pôs no meu coração o anseio de fazer compreender às pessoas de qualquer estado, condição ou ofício, esta doutrina: a vida corrente pode ser santa e cheia de Deus; o Senhor chama-nos a santificar o

trabalho quotidiano, porque aí está também a perfeição cristã. Consideramo-lo uma vez mais, contemplando a vida de Maria.

Não nos esqueçamos de que a quase totalidade dos dias que Nossa Senhora passou na Terra decorreram de forma muito semelhante aos dias de muitos milhões de mulheres, ocupadas a cuidar da sua família, a educar os seus filhos, a levar a cabo as tarefas do lar. Maria santifica as coisas mais pequenas, aquilo que muitos consideram erradamente como não transcendente e sem valor: o trabalho de cada dia, os pormenores de atenção com as pessoas queridas, as conversas e as visitas por motivo de parentesco ou de amizade... Bendita normalidade, que pode estar cheia de tanto amor de Deus!

Na verdade, é isso que explica a vida de Maria: o seu amor. Um amor levado ao extremo, até ao esquecimento completo de si mesma, contente por estar ali, onde Deus quer que esteja e cumprindo com esmero a vontade divina. Isso é o que faz com que o mais pequeno dos seus gestos nunca seja banal, mas cheio de significado. Maria, nossa Mãe, é para nós exemplo e caminho. Temos de procurar ser como Ela nas circunstâncias concretas em que Deus quer que vivamos».

**São Josemaría (s. XX), Cristo que passa, n. 148.**

\* \* \*

## **A VOZ DOS POETAS: Diogo Bernardes (1532-1605)**



### **Endechas a Nossa Senhora**

Virgem soberana,  
De outros cantos dina:  
Falta a voz humana,  
Cante a voz divina.

Estrelas e flores,  
Areias do mar  
Podem-se contar,  
Não vossos louvores.

De tal maravilha  
Não me maravilho,  
Pois sois mãe e filha  
De Deus, vosso Filho.

Sois templo divino  
Do Espírito Santo:  
Quem é Só e Trino  
A vós só quis tanto.

Sois cedro em Líbano,  
Em Cádiz sois palma,  
Remédio do dano,  
Vida da nossa alma.

Sois jardim cheiroso,  
Plátano em ribeira;  
Em campo formoso,  
Formosa oliveira.

Sois esquadrão forte,  
Torre em alto erguida,  
Escudo da morte,  
Doçura da vida.

Entre espinhos rosa,  
Lírio junto de água;  
Toda sois formosa,  
Em vós não há mágoa.

Fostes escolhida  
Por nossa desculpa,  
Sem culpa nascida,  
Remédio da culpa.

Quanto Eva perdeu  
Por vós se cobrou,  
Quem de vós nasceu  
Tal vos fabricou.

O Verbo nascido  
Deu-vos por Mãe sua,  
O Sol por vestido,  
Por chapins a Lua.

Deu-vos a Trindade  
Coroa de estrelas;  
Mas a claridade,  
Vós lha dais a elas.

Sois fonte suave,  
Alívio de tristes;  
Sois do Céu a chave,  
Vós o Céu abristes!

Quanto o Sol rodeia,  
Quanto o Mar abraça,

Tudo encheis de graça,  
Sois de graça cheia.

### **A Natividade de Nossa Senhora**

Não seja hoje o sol de luz avaro,  
mostre mor resplendor, mor fermosura,  
pois nasceu hoje aquela Virgem pura  
da qual outro nasceu mais puro e claro.

Com gosto espiritual, com prazer raro  
celebre toda humana criatura  
o parto que deu luz à noite escura,  
rainha deu ao céu, a terra emparo.

Felice parto que o inferno espanta,  
enche o céu de beleza e maravilha,  
restaura-nos a graça que perdemos.

Com tal filha te alegre, o Ana santa;  
com seu filho se alegre a santa filha,  
e nós com todos três nos alegremos.



# Vida de Maria (II): Os esponsais com José (Texto)

Quando a vida de Maria e a de José se unem, o cume da história está mais próximo do que nunca. A cena do matrimónio ocupa o quarto artigo da "Vida da Virgem Maria" .



Está próxima a plenitude dos tempos. A predestinada para ser Mãe de Deus ainda não o sabe. Cresceu e fez-se mulher. Mas a Trindade Santa prepara-lhe um matrimónio santo que guardará a sua virgindade. O Filho de Deus feito homem, Messias de Israel e Redentor do mundo, há-de nascer e crescer no seio de uma família.

É muito provável — todos os indícios apontam nesse sentido — que, naquela altura, os pais da Virgem já tivessem falecido. Maria devia viver em casa de algum parente, que teria tomado conta d'Ela quando ficou órfã. Ao aproximar-se a idade em que as donzelas de Israel costumavam contrair matrimónio, por volta dos quinze anos, o chefe daquela família, como representante do pai de Myriam, teve que se ocupar desse assunto. E acertou-se o matrimónio de Maria com José, o artesão de Nazaré.

Os Evangelhos dão-nos poucas notícias sobre o esposo de Maria. Sabemos que também ele pertencia à casa de David e que era um varão justo ( Mt 1, 19), quer dizer, um homem que — como afirma a Escritura — põe o seu enlevo na lei do Senhor e nela medita dia e noite ( Sal 1, 2). A liturgia aplica-lhe umas palavras inspiradas: o justo florescerá como uma palmeira, crescerá como o cedro do Líbano ( Sal 91 [92] 13).

***"COMO SE FARÁ ISTO. PORQUE NÃO CONHEÇO HOMEM". ESTA RESPOSTA, QUANDO ERA JÁ A PROMETIDA DE JOSÉ DE NAZARÉ, NÃO TEM SENÃO UMA EXPLICAÇÃO: MARIA TINHA A FIRME DETERMINAÇÃO DE PERMANECER VIRGEM"***

O Evangelho de São Lucas narra que quando o Arcanjo Gabriel lhe anuncia, da parte de Deus, a concepção de um filho, Maria responde: Como se fará isto. Porque não conheço homem ( Lc 1, 34). Esta resposta, quando era já a prometida de José de Nazaré, não tem senão uma explicação: Maria tinha a firme determinação de permanecer virgem. Não há motivos humanos que justifiquem essa decisão, estranha naquela época. Toda a jovem israelita, e ainda mais se pertencesse à descendência de David, guardava no seu coração o sonho de se contar entre os ascendentes do Messias. O magistério da Igreja e os teólogos explicam essa firme determinação como fruto de uma inspiração especialíssima do Espírito Santo, que estava a preparar aquela que ia ser Mãe de Deus. Esse mesmo Espírito fez-lhe encontrar o homem que seria o seu esposo virginal.

Não sabemos como Maria e José se encontraram. Se a Virgem, como é provável, habitava já em Nazaré — uma pequena aldeia da Galileia — já se conheceriam há algum tempo. Em qualquer caso, antes de se celebrarem os esponsais, Maria devia ter comunicado a José o seu propósito de virgindade. E José, preparado pelo Espírito Santo, deve ter descoberto nessa revelação uma voz do Céu: muito provavelmente também ele se tinha sentido impulsionado interiormente a dedicar-se de alma e corpo ao Senhor. Não é possível imaginar a concórdia que se estabeleceu imediatamente entre esses dois corações, nem a paz interior que transbordava nas suas almas.

***A JOSÉ, DE SANGUE NOBRE E DE ESPÍRITO AINDA MAIS NOBRE, A IGREJA APLICA O ELOGIO QUE A SABEDORIA DIVINA TINHA FEITO A MOISÉS: "AMADO DE DEUS E DOS HOMENS, E A SUA MEMÓRIA É ABENÇOADA".***

Tudo é muito sobrenatural nesta cena da vida de Maria e, ao mesmo tempo, é tudo muito humano. Essa mesma simplicidade — tão própria das coisas divinas — explica a lenda que depressa se formou sobre os esponsais de Maria e José; um relato cheio de acontecimentos maravilhosos, que a arte e a literatura imortalizaram. Segundo essas fontes, quando Maria chegou à idade de contrair matrimónio, Deus mostrou milagrosamente aos sacerdotes do Templo de Jerusalém e a todo o povo quem era o eleito para esposo de Maria.

O facto histórico deve ter sido muito mais simples. O local dos esponsais pode muito bem ter sido Nazaré. Quando a família de Maria chegou a um acordo com José, celebraram-se os esponsais, que na Lei moisaica tinham a mesma força que o matrimónio. Passado algum tempo, o esposo devia conduzir a noiva à sua própria casa. Nesse lapso de tempo teve lugar a Anunciação.

Este episódio da vida de Maria reveste-se de grande importância. José era da estirpe real de David e, em virtude do seu matrimónio com Maria, conferirá ao filho da Virgem — Filho de Deus — o título legal de filho de David, cumprindo assim as profecias. A José, de sangue nobre e de espírito ainda mais nobre, a Igreja aplica o elogio que a Sabedoria divina tinha feito a Moisés: amado de Deus e dos homens, e a sua memória é abençoada ( Sir 45, 1).

Maria apenas sabe que o Senhor a quis desposar com José, um varão justo que a ama e protege. José apenas sabe que o Senhor deseja que guarde Maria, como preparação para um casamento divino da Virgem com o Espírito Santo. Israel ignora este casal de recém casados. José sempre calado. Maria sempre discreta. Mas Deus enleva-Se e os anjos admiram-se.

**J. A. Loarte**



# Vida de Maria (III)– A visitação a Santa Isabel: Magistério, Padres, santos, poetas

A visitação de Maria a sua prima Isabel tem sido meditada por numerosos santos e artistas. Apresentamos aqui uma selecção dessas reflexões.



## A voz do Magistério

No relato da Visitação, São Lucas mostra como a graça da Encarnação, depois de ter inundado Maria, leva salvação e alegria à casa de Isabel. O Salvador dos homens, oculto no seio de Sua Mãe, derrama o Espírito Santo, manifestando-se já desde o início da Sua vinda ao mundo.

O evangelista, descrevendo a saída de Maria para a Judeia, usa o verbo *anistemi*, que significa levantar-se, pôr-se em movimento. Considerando que este verbo se usa nos evangelhos para indicar a ressurreição de Jesus (cfr. Mc 8, 31; 9, 9. 31; Lc 24 7. 46) ou acções materiais que envolvem um impulso espiritual (cfr. Lc 5, 27-28; 15, 18. 20), podemos supor que Lucas, com esta expressão, quer sublinhar o impulso vigoroso que leva Maria a dar ao mundo o Salvador.

O texto evangélico refere, além disso, que Maria realiza a viagem "com pressa" (Lc 1, 39). Também a expressão "às montanhas" (Lc 1, 39), no contexto de Lucas, é muito mais do que uma simples indicação topográfica, pois permite pensar no mensageiro da boa nova descrito no livro de Isaías: "Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa notícia, que anuncia a salvação, que diz a Sião: o teu Deus reina!" (Is 52, 7).

Assim como manifesta São Paulo, que reconhece o cumprimento deste texto profético na pregação do Evangelho (cfr. Rm 10, 15), assim também São Lucas parece convidar a ver em Maria a primeira evangelista, que difunde a boa nova, começando as viagens missionárias do seu divino Filho. A direcção da viagem da Virgem Santíssima é particularmente significativa: será da Galileia à Judeia, como o caminho missionário de Jesus (cfr. Lc 9, 51). Com efeito com a sua visita a Isabel, Maria realiza o prelúdio da missão de Jesus e, colaborando já desde o início da sua maternidade na obra redentora do Filho, transforma-se no modelo daqueles que na Igreja se põem a caminho para levar a luz e a alegria de Cristo aos homens de todos os lugares e de todos os tempos.

## S. João Paulo II (séc. XX)

Discurso na audiência geral de 2-X-1996.

\* \* \* \* \*

O Magnificat é um cântico que revela em filigrana a espiritualidade dos anawim bíblicos, isto é, daqueles fiéis que se reconhecem "pobres" não só no desapego de qualquer idolatria da riqueza e do poder, mas também na humildade profunda do coração, despojado da tentação do orgulho, aberto à irrupção da graça divina que salva...

O primeiro movimento do cântico mariano (cf. Lc 1, 46-50) é uma espécie de voz solista que se eleva em direcção ao céu para alcançar o Senhor. Ouvimos precisamente a voz de Nossa Senhora que fala assim do seu Salvador, que fez maravilhas na sua alma e no seu corpo. Com efeito, observe-se o ressoar constante da primeira pessoa: "A minha alma... o meu espírito... meu salvador... chamar-me-ão bem-aventurada... fez grandes coisas em mim...". A alma da oração é, portanto, a celebração da graça divina que transbordou no coração e na existência de Maria, tornando-a a Mãe do Senhor.

A estrutura íntima do seu canto é, portanto, o louvor, o agradecimento, a alegria agradecida. Mas este testemunho pessoal não é solitário, intimista ou puramente individualista, porque a Virgem Mãe está consciente de ter uma missão a cumprir pela humanidade e de que a sua vida se insere na história da salvação. E assim pode dizer: "A sua misericórdia estende-se de geração em geração sobre aqueles que o temem" (v. 50). Com este louvor ao Senhor, Nossa Senhora dá voz a todas as criaturas redimidas, que no seu Fiat, assim como na figura de Jesus nascido da Virgem, encontram a misericórdia de Deus.

Neste ponto desenvolve-se o segundo movimento poético e espiritual do Magnificat (cf. vv. 51-55). Ele possui uma tonalidade mais coral, como que se à voz de Maria se associasse a da inteira comunidade dos fiéis que celebram as escolhas surpreendentes de Deus. No original grego do Evangelho de Lucas temos sete verbos no aoristo (NT: um dos tempos pretéritos da conjugação grega), que indicam igual número de acções que o Senhor realiza de modo permanente na história: "Manifestou o poder do seu braço... dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu-os de bens... despediu os ricos... acolheu Israel".

Nestas sete acções divinas é evidente o "estilo" no qual o Senhor da história inspira o seu comportamento: ele declara-se do lado dos últimos. O seu projecto com frequência está escondido sob o terreno obscuro das vicissitudes humanas, que vêem triunfar "os soberbos, os poderosos e os ricos". Contudo a sua força secreta está destinada a revelar-se no final, para mostrar quem são os verdadeiros predilectos de Deus: "Os que o temem", fiéis à sua palavra; "os humildes, os famintos, Israel seu servo", isto é, a comunidade do povo de Deus que, como Maria, está constituída por aqueles que são "pobres", puros e simples de coração. É aquele "pequeno rebanho" que está convidado a não temer, porque ao Pai aprouve conceder-lhe o seu reino (cf. Lc 12, 32). E assim este cântico convida a associarmo-nos a este pequeno rebanho, a ser realmente membros do Povo de Deus na pureza e na simplicidade do coração no amor de Deus.

Aceitemos então o convite, que no seu comentário ao texto do Magnificat, nos dirige santo Ambrósio. O grande Doutor da Igreja diz: "Esteja em cada um a alma de Maria que engrandece o Senhor, esteja em todos o espírito de Maria que exulta em Deus; se, segundo a carne, uma só é a mãe de Cristo, segundo a fé todas as almas geram Cristo; de facto, cada uma acolhe em si o Verbo de Deus... A alma de Maria engrandece o Senhor, e o seu espírito exulta em Deus, porque, consagrada com a alma e com o espírito ao Pai e ao Filho, ela adora com afecto devoto um só Deus, do qual tudo provém, e um só Senhor, em virtude do qual todas as coisas existem" (Exposição do Evangelho segundo Lucas, 2, 26-27: SAEMO, XI, Milão-Roma 1978, p. 169).

Neste maravilhoso comentário do Magnificat de santo Ambrósio sensibiliza-me de modo particular a palavra surpreendente: "Se, segundo a carne, uma só é a mãe de Cristo, segundo a fé todas as almas geram Cristo: de facto cada uma acolhe em si o Verbo de Deus". Assim o santo Doutor, interpretando as palavras de Nossa Senhora, convida-nos a fazer com que o Senhor encontre um abrigo na nossa alma e na nossa vida. Não devemos apenas levá-lo no coração, mas devemos levá-lo ao mundo, de forma que também nós possamos gerar Cristo para o nosso tempo. Peçamos ao Senhor que nos ajude a magnificá-lo com o Espírito e com a alma de Maria e a levar de novo Cristo ao nosso mundo.

## **Bento XVI (séc. XXI)**

**Discurso na audiência geral, 15-II-2006.**

\* \* \* \* \*

## **A voz dos Padres**

Há que considerar que o superior se dirigiu ao inferior para o ajudar: Maria a Isabel, Cristo a João. E, no momento da chegada de Maria, manifestam-se os benefícios da presença divina. Repara de que modo tão distinto em cada um deles! Isabel ouviu primeiro a voz, mas João a primeira coisa que sente é a graça. Ela percebeu de acordo com a ordem natural,

ele alegrou-se com o mistério sobrenatural. Ela notou a chegada de Maria; ele, a do Senhor. E quando o filho ficou cheio do Espírito Santo, então encheu-se também a mãe (...).



Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor? (Lc 1, 43). Não fala como uma ignorante, mas, reconhece, antes, o efeito da graça divina, não do mérito humano. Quer dizer: porque me chega esta felicidade, que venha a Mãe do meu Senhor ter comigo? Reconheço que não tenho nada que o exigisse. Por que justiça, por que acções, por que méritos? Pressinto o milagre, reconheço o mistério: a Mãe do Senhor está grávida do Verbo, cheia de Deus (...).

Maria ficou com Isabel cerca de três meses; depois voltou para sua casa (Lc 1, 56). Compreende-se bem que Santa Maria, por um lado, prestasse os seus serviços e, por outro, o fizesse durante um número simbólico de meses. Não ficou tanto tempo só por ser parente, mas também para proveito do profeta: pois, se só a sua entrada produziu um efeito tão grande que, com a saudação de Maria, o menino saltou de gozo no seio materno e a mãe [Isabel] ficou cheia do Espírito Santo, em quanto quantificaremos os efeitos da presença de Maria durante tanto tempo?

**Santo Ambrósio de Milão (séc. IV)**

**Exposição do Evangelho segundo São Lucas 2, 22-23.25.29.**

\* \* \* \*

A saudação de Maria foi eficaz pois encheu Isabel do Espírito Santo. Com a sua língua, mediante a profecia, fez brotar para a sua prima, como de uma fonte, um rio de dons divinos. Com efeito, aonde chega a cheia de graça, tudo fica cheio de alegria.

Isabel ficou cheia do Espírito Santo e exclamou em alta voz: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?» (Lc 1, 42-43). Bendita entre as mulheres! Tu, com efeito, converteste-te para elas em princípio de regeneração. Destes-nos a licença para entrar no Paraíso e afastaste a antiga dor. A partir de ti, o género humano deixa de ser insultado. Os herdeiros de Eva já não têm medo da antiga maldição, porque Cristo, Redentor dos homens, Salvador da natureza, Adão espiritual, procede do teu ventre para curar as feridas do homem terreno.

**Pseudo Gregório Taumaturgo (séc. V)**

**Homilia II sobre a Anunciação**

\* \* \* \*

De que forma pode a alma engrandecer o Senhor? Com efeito, se Deus não pode crescer nem diminuir, dado que é aquele que é, por que motivo diz agora Maria: a minha alma glorifica o Senhor? (Lc 1, 46).

Do mesmo modo que os pintores de retratos, uma vez que escolheram como modelo, por exemplo, o rosto do rei, põem toda a sua habilidade de artistas na reprodução desse único modelo, assim também cada um de nós, transformando

a sua alma à imagem de Cristo, compõe um retrato d'Ele que será mais ou menos perfeito; umas vezes, descuidado e sujo; outras vezes, claro e luminoso, parecido com o original.



«Assim também, quando tiver feito grande a imagem da imagem, que é a minha alma; quando a tiver engrandecido com as obras, com o pensamento e com as palavras, então a imagem de Deus torna-se cada vez mais clara e o próprio Senhor, de quem a alma é imagem, é engrandecido na nossa própria alma. E como o Senhor cresce na nossa imagem, assim também, se somos pecadores, Ele diminui e decrece».

**Orígenes (séc. III)**

**Comentário ao Evangelho de São Lucas 8, 2.**

\* \* \* \*

## **A voz dos santos**

Sucede, por vezes, que o pecador procura numa coisa o que não poderá encontrar e pelo contrário encontra-a o justo: a riqueza do pecador está reservada para o justo (Prv 13, 22). Assim, Eva deitou a mão ao fruto e não achou nele tudo o que desejava; a Santíssima Virgem, pelo contrário, encontrou no seu fruto tudo o que Eva tinha desejado.

Eva procurou três coisas no seu fruto: Primeiro, o que enganosamente lhe tinha prometido o demónio, ser como deus, conhecedores do bem e do mal. E mentiu; porque é mentiroso e pai da mentira. Eva, por ter comido do fruto, não veio a ser semelhante a Deus, mas muito diferente; com o pecado afastou-se de Deus seu Salvador e foi expulsa do Paraíso. Maria, pelo contrário, encontrou-o no fruto do seu ventre e com Ela todos os cristãos, pois por Cristo unimo-nos e tornamo-nos semelhantes a Deus.

Segundo, Eva no seu fruto procurou prazer, pois tinha parecido bom para comer; mas não o obteve, antes se deu conta, imediatamente, de que estava despida e sentiu dor. No fruto da Virgem, pelo contrário, encontramos doçura e sabor.

Terceiro, o fruto de Eva era formoso à vista; mas mais formoso é o de Maria, a Quem os Anjos desejam contemplar.



Por conseguinte, Eva não pôde encontrar no seu fruto o que também não encontra nenhum pecador no seu pecado. Busquemos, pois, o que ansiamos, no fruto da Virgem».

**São Tomás de Aquino (séc. XIII)**

**Exposição da Ave-maria.**



# Vida de Maria (III) – Visitação a Santa Isabel (Texto)

Este artigo da Vida de Maria reflecte sobre a visitação de Nossa Senhora a sua prima, Santa Isabel.



---

Isabel, a quem chamavam estéril, vai ser mãe. Maria soube-o por Gabriel, o enviado de Deus. E, pouco depois, levantou-se, foi com pressa às montanhas, a uma cidade de Judá (Lc 1, 39). Não a move a curiosidade, nem se põe a caminho para comprovar por si própria o que o anjo lhe comunicou. Maria, humilde, cheia de caridade — de uma caridade que a impele a preocupar-se mais com a sua idosa prima do que consigo própria — vai a casa de Isabel porque pressentiu, na mensagem do Céu, uma secreta relação entre o filho de Isabel e o Filho que Ela traz nas suas entranhas.

O caminho de Nazaré a Ain Karin — a pequena cidade situada nos montes da Judeia, que a tradição identifica com o lugar de residência de Zacarias e Isabel — é longo, uma distância de quase cento e quarenta quilómetros. Provavelmente José organizou a viagem. Trataria de encontrar uma caravana em que a Virgem pudesse viajar segura e talvez ele próprio a acompanhasse, pelo menos até Jerusalém. Alguns comentadores pensam que a acompanhou mesmo até Ain Karin, distante pouco mais de sete quilómetros da capital, embora regressasse em seguida a Nazaré, onde tinha o seu trabalho.

Maria entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel (Lc 1, 40). Algumas tradições locais afirmam que o encontro entre as duas primas ocorreu, não na própria cidade, mas numa casa de campo onde Isabel — como diz o texto sagrado — se ocultou durante cinco meses (cfr. Lc 1, 24), para se afastar dos olhares indiscretos de parentes e vizinhos e para elevar a sua alma em agradecimento a Deus, que lhe tinha concedido um tão grande benefício.

Saúda-se a pessoa que chega cansada de uma viagem, mas neste caso é Maria que saúda Isabel. Abraça-a, felicita-a, promete-lhe estar a seu lado. Com Ela entra naquela casa a graça do Senhor, porque Deus a fez sua mediadora. A sua chegada causou uma revolução espiritual. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria — conta São Lucas — o menino saltou-lhe no ventre e Isabel ficou cheia do Espírito Santo (Lc 1, 41).

***COM ELA ENTRA NAQUELA CASA A GRAÇA DO SENHOR, PORQUE DEUS A FEZ SUA MEDIADORA. A SUA CHEGADA CAUSOU UMA REVOLUÇÃO ESPIRITUAL.***

Foram três os benefícios que Maria levou consigo (cfr. Lc 1, 42-45). Em primeiro lugar, encheu de glória aquela casa: Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor? Se a visita de uma personalidade importante da terra honra sobremaneira quem o hospeda, que se dirá da honra recebida ao acolher o Filho unigénito do Pai, feito homem no seio de Nossa Senhora? Imediatamente, o Baptista, ainda não nascido, estremeceu e exultou de gozo: ficou santificado

pela presença de Jesus Cristo. E Isabel, iluminada pelo Espírito de Deus, irrompeu numa aclamação profética: logo que a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, o menino saltou de alegria no meu ventre. Bem-aventurada a que acreditou, porque se hão-de cumprir as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor.

A Virgem ia servir e depara-se com que a louvem, que a bendigam, que a proclamem Mãe do Messias, Mãe de Deus. Maria sabe que efectivamente é assim, mas atribui tudo ao Senhor: porque pôs os olhos na humildade da sua serva: de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-poderoso fez em mim maravilhas, Santo é o seu nome. (Lc 1, 48-49).

~

***NO MAGNIFICAT, CÂNTICO CRIADO PELA VIRGEM — POR INSPIRAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO — COM EXPRESSÕES DO ANTIGO TESTAMENTO, RETRATA-SE A ALMA DE MARIA.***

No Magnificat, cântico criado pela Virgem — por inspiração do Espírito Santo — com expressões do Antigo Testamento, retrata-se a alma de Maria. É um canto à misericórdia de Deus, grande e onipotente e, simultaneamente, uma manifestação da humildade de Nossa Senhora. Sem que eu nada tenha feito — vem dizer — o Senhor quis que se cumprisse em mim o que tinha anunciado aos nossos pais, em favor de Abraão e da sua linhagem, para sempre. A minha alma glorifica o Senhor, não porque seja grande, mas porque o Senhor a fez grande.

Maria humilde: escrava de Deus e serva dos homens. Permanece três meses na casa de Isabel, até ao nascimento de João. E, com a sua presença, encherá de graças também Zacarias, para que cante ao Senhor um hino de louvor e de arrependimento, com toda a força da fala recuperada: Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e resgatou o seu povo (Lc 1, 68).

**J.A. Loarte**



# Vida de Maria (IV): O nascimento de Jesus – Magistério, Padres, santos, poetas

Seleção de textos de literatura religiosa que comentam a cena do nascimento de Cristo em Belém.



## A VOZ DO MAGISTÉRIO

«Ficando, pois, a salvo a propriedade de uma e de outra natureza e unindo-se ambas numa só pessoa, a humildade foi recebida pela majestade, a fraqueza pela força, a mortalidade pela eternidade e para pagar a dívida da nossa raça, a natureza inviolável uniu-se à natureza passível. E assim — coisa que convinha para nosso remédio — um só mediador entre Deus e os homens, que é Jesus Cristo homem [1 Tm 2, 5], por um lado, pôde morrer e por outro não. Na natureza, pois, íntegra e perfeita de verdadeiro homem, nasceu Deus verdadeiro, inteiro no Seu, inteiro no nosso.

«O Filho de Deus entra, pois, nestas fraquezas do mundo, descendo do Seu trono celeste, mas não se afastando da glória do Pai, gerado por nova ordem, por novo nascimento. Por nova ordem, porque invisível no Seu, tornou-se visível no nosso; incompreensível, quis ser compreendido; permanecendo antes do tempo, começou a ser no tempo; Senhor do universo, tomou forma de servo, obscurecida a imensidade da Sua majestade; Deus impassível, não se envergonhou de ser homem passível e imortal, de Se submeter à lei da morte. E, por novo nascimento, gerado: porque a virgindade inviolada ignorou a concupiscência e forneceu a matéria da carne. A natureza foi tomada da mãe do Senhor, não a culpa; e no Senhor Jesus Cristo gerado do seio da Virgem, não por ser o nascimento maravilhoso, é a natureza distinta de nós. Porque o que é verdadeiro Deus é também verdadeiro homem e não há nesta unidade mentira alguma, ao dar-se juntamente a humildade do homem e a alteza da divindade. Pois da forma que Deus não se muda pela misericórdia, assim tão pouco o homem se aniquila pela dignidade. Uma forma e outra, com efeito, opera o que lhe é próprio, com comunhão da outra; quer dizer, que o Verbo opera o que pertence ao Verbo, a carne cumpre o que respeita à carne. Um deles resplandece pelos milagres, o outro sucumbe pelas injúrias. E assim o Verbo não se separa da igualdade da glória paterna; também, tão pouco, a carne abandona a natureza do nosso género».

**São Leão Magno (século V). Carta 28 dogmática *Lectis dilectionis tuae*, a Flaviano, patriarca de Constantinopla (13-VI-449), lida no Concílio ecuménico de Calcedónia (ano 451).**

\* \* \*

«Seguindo, pois, os Santos Padres, todos a uma voz ensinamos que há-de confessar-se um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, o mesmo perfeito na divindade e o mesmo perfeito na humanidade, verdadeiramente Deus e o

mesmo verdadeiramente homem de alma racional e de corpo, consubstancial com o Pai enquanto à divindade e o mesmo consubstancial connosco enquanto à humanidade, semelhante em tudo a nós, excepto no pecado [ Hb 4, 15]; gerado do Pai antes dos séculos enquanto à divindade e o mesmo, nos últimos dias, por nós e para nossa salvação, gerado de Maria Virgem, mãe de Deus, enquanto à humanidade; que se há-de reconhecer um só e mesmo Cristo Filho Senhor unigénito em duas naturezas, sem confusão, sem alteração, sem divisão, sem separação; de modo algum apagada a diferença de naturezas por causa da união, mas conservando, antes, cada natureza a sua propriedade e concorrendo numa só pessoa e numa só hipóstasis, não quebrado ou dividido em duas pessoas, mas um só e mesmo Filho unigénito, Deus Verbo Senhor Jesus Cristo, como dos primórdios acerca d'Ele nos ensinaram os profetas e o próprio Jesus Cristo e no-lo transmitiu o Símbolo dos Padres».

**Concílio Ecuménico de Calcedónia, sessão 5 (22-X-451). Definição das duas naturezas de Cristo (Denz 301-302).**

\* \* \*

## **A VOZ DOS PADRES:**

«Um grande sol se recolheu e escondeu numa nuvem esplêndida. Uma adolescente foi Mãe d'Aquele que criou o homem e o mundo. Ela levava um menino, acariciava-O, abraçava-O, mimava-O com as mais formosas palavras e adorava-O dizendo-Lhe: A minha mente está perturbada pelo temor, concede-me a força para Te louvar. Não sei explicar como estás calado, quando sei que em ti retumbam os tronos. Nascestes de mim como um pequeno, mas és forte como um gigante; és o Admirável , como te chamou Isaías quando profetizou sobre ti (cfr. Is 9, 5).

Eis aqui que todo Tu estás comigo e, no entanto, estás inteiramente escondido em teu Pai. As alturas do céu estão cheias da Tua majestade e, não obstante, o meu seio não foi demasiado pequeno para ti. A Tua Casa está em mim e nos Céus. Louvar-Te-ei com os Céus. As criaturas celestes olham-me com admiração e chamam-me Bendita

Que me ampare o céu com o seu abraço, porque fui mais honrada do que ele. O céu, com efeito, não foi a Tua mãe; mas tornaste-o o Teu trono. Quanto mais venerada é a Mãe do Rei do que o Seu trono! Abençoar-Te-ei, Senhor, porque quiseste que fosse a Tua Mãe; celebrar-Te-ei com formosas canções.

Oh! Gigante que susténs a terra e que quiseste que ela Te sustenha. Bendito sejas. Glória a Ti, oh! Rico, que te fizeste Filho de uma pobre».

## **Santo Efrén da Síria (século IV). Hino 18**

Também era conveniente que nascesse em Belém, porque Belém significa "casa do pão"; e precisamente é Ele próprio quem diz: Eu sou o pão vivo que desceu do Céu ( Jo 6, 51). Portanto, o lugar onde nasce o Senhor já antes tinha sido chamado casa do pão, porque, efectivamente, havia de verificar-se que quem saciaria interiormente as almas apareceria ali na substância da carne.

E não nasce na casa dos Seus pais, mas no caminho, para mostrar que na realidade nascia como que emprestado na Sua humanidade que tinha tomado. De emprestado, digo, ou no alheio, não me referindo à Sua potestade, mas à natureza; porque da Sua potestade está escrito: veio para o que era Seu (Jo 1, 11); e pelo que se refere à Sua natureza, na Sua

nasceu antes dos tempos, na nossa veio no tempo. Portanto, o que, permanecendo eterno, se mostrou no tempo, é alheio a onde desceu.



E como pelo profeta se diz: toda a criatura é como a erva ( Is 40, 6), ao fazer-Se homem converteu a nossa erva em grão, o que diz de Si mesmo: se o grão de trigo, depois de lançado à terra, não morre, fica infecundo ( Jo 12, 24). Por isso, ao nascer é deitado numa manjedoura, para alimentar com o trigo da Sua carne todos os fiéis, ou seja, os santos animais, de modo que não permaneçam em jejum do sustento da sabedoria eterna».

**São Gregório Magno (século VI). Homilia 8 sobre os Evangelhos.**

\* \* \*

## **A VOZ DOS SANTOS E AUTORES ESPIRITUAIS**

«Saí, pois, filhas de Sião, diz a Esposa no Cantar dos Cantares, e olhai para o Rei Salomão com a coroa com que o coroou a Sua Mãe no dia dos seus sponsais e no dia da alegria do seu coração.

Almas piedosas e que amam Cristo, largai agora todos os cuidados e negócios do mundo e, recolhidos todos os vossos pensamentos e sentidos, ponde-vos a contemplar o verdadeiro Salomão, pacificador de céus e terra, não com a coroa com que O coroou o Seu Pai quando o gerou eternamente e lhe comunicou a glória da Sua divindade, mas com a que O coroou Sua Mãe quando o teve temporalmente e o vestiu da nossa humanidade.

Vinde ver o Filho de Deus, não no seio do Pai, mas nos braços da Mãe; não entre os coros dos anjos, mas entre uns vis animais; não sentado à destra da Majestade nas alturas, mas reclinado numa manjedoura de animais; não trovejando nem relampejando no céu, mas chorando e tremendo de frio num estábulo.

Vinde celebrar este dia dos seus esponsais, donde já sai do tálamo virginal desposado com a natureza humana com tão estreito vínculo de matrimónio, que nem na vida nem na morte se há-de desatar.



Este é o dia da alegria secreta do Seu coração, quando chorando exteriormente como menino, se alegrava interiormente pelo nosso remédio como verdadeiro Redentor».

**Frei Luis de Granada (século XVI), Vida de Jesus Cristo, cap. 4.**

\* \* \*

«Contemplo agora Jesus, deitado numa manjedoura ( Lc 2, 12), num lugar que só é próprio para os animais. Onde está, Senhor, a Tua realeza: o diadema, a espada, o ceptro? Pertencem-Lhe e não os quer; reina envolto em panos. É um Rei inermes, que se nos apresenta indefeso: é uma criança. Como não havemos de recordar aquelas palavras do Apóstolo: aniquilou-se a Si mesmo, tomando a forma de servo ( Flp 2, 7)?

Nosso Senhor encarnou, para nos manifestar a vontade do Pai. E começa a instruir-nos, estando ainda no berço. Jesus Cristo procura-nos — com uma vocação, que é vocação para a santidade — para consumarmos com Ele a Redenção. Considerai o seu primeiro ensinamento: temos de corredimir à custa de triunfar, não sobre o próximo, mas sobre nós mesmos. Como Cristo, precisamos de aniquilar-nos, de sentir-nos servidores dos outros para os conduzir a Deus.

Onde está o nosso Rei? Não será que Jesus deseja reinar, antes de mais, no coração, no teu coração? Por isso se fez Menino, porque quem não ama uma criança? Onde está o Rei? Onde está o Cristo, que o Espírito Santo procura formar na nossa alma? Não pode estar na soberba, que nos separa de Deus, nem na falta de caridade que nos isola dos homens. Aí não está Cristo, aí o homem fica só.

Aos pés de Jesus Menino, diante de um Rei que não ostenta sinais exteriores de realeza, podeis dizer-lhe: Senhor, expulsa a soberba da minha vida, subjuga o meu amor próprio, esta minha vontade de afirmação pessoal e de imposição da minha vontade aos outros. Faz com que o fundamento da minha personalidade seja a identificação contigo».

**São Josemaría Escrivá de Balaguer (século XX). Cristo que passa, n. 31.**

\* \* \*

## A VOZ DOS POETAS

À Encarnação do Verbo Eterno

soneto CXXXVII, in OBRAS DE LUÍS de CAMÕES, Lello & Irmão Ed., Porto, 1970, p. 72



### À Encarnação do Verbo Eterno

Desce do Céu imenso Deus benino  
Pera encarnar na Virgem soberana.  
Porque desce o divino a cousa humana?  
Pera subir o humano a ser divino.

Pois como vem tão pobre e tão menino,  
Rendendo-se ao poder de mão tirana?  
Porque vem receber morte inumana.  
Pera pagar de Adão o desatino.

É possível que os dois o fruto comem  
Que de quem lhes deu tanto foi vedado?  
Sim, porque o próprio ser de deuses tomem.

E por esta razão foi humanado?  
Sim, porque foi com causa decretado,  
Se quis o homem ser Deus, que Deus fosse homem.

////////////////////////////////////

# Vida de Maria (IV): O nascimento de Jesus (Texto)

Um texto sobre o nascimento de Jesus em Belém.



Octávio César Augusto ordenou o censo dos habitantes da urbe romana. A ordem estende-se a todos: do mais rico ao mais pobre. Na Palestina, tem de se fazer de acordo com os hábitos judaicos: cada um na sua cidade de origem. José foi também da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de David, que se chama Belém, porque era da casa e da família de David para se recensear juntamente com Maria, sua esposa, que estava grávida (Lc 2, 4-5).

Assim, com esta simplicidade, o evangelista começa a narração do acontecimento que iria mudar a história da humanidade. A viagem era longa, uns cento e vinte quilómetros. Quatro dias de caminho — se tudo decorresse normalmente — nalguma das caravanas que viajavam da Galileia para o sul. Maria não era obrigada a realizá-la; era dever do chefe de família. Mas como deixá-la sozinha, se estava quase a dar à luz? E, sobretudo, como não acompanhar José até à cidade onde — segundo as Escrituras — havia de nascer o Messias? José e Maria devem ter descoberto naquele estranho capricho do longínquo imperador a mão do Altíssimo, que lhes guiava todos os seus passos.

***O REI DE ISRAEL, O DESEJADO DE TODAS AS NAÇÕES, O FILHO ETERNO DE DEUS, VEM AO MUNDO NUM LUGAR PRÓPRIO PARA ANIMAIS.***

Belém era uma pequena aldeia. Mas, em virtude do recenseamento, tinha adquirido uma desusada animação. José dirigiu-se com Maria ao oficial imperial para pagar o tributo e inscrever-se com a sua mulher no livro dos súbditos do imperador. Depois, começou a procurar um lugar onde passar a noite. A tradição apresenta-o batendo infrutiferamente de porta em porta. Finalmente vai ao khan ou hospedaria pública, onde sempre se pode encontrar um canto. Não era mais do que um pátio fechado por muros. No centro, uma cisterna fornecia água; à sua volta acomodavam-se os animais de carga e, encostados à parede, uns alpendres para os viajantes, cobertos por um tecto rudimentar. Com frequência estavam divididos por tabiques formando compartimentos, onde cada grupo de hóspedes gozava de uma certa independência.

Não era o lugar oportuno para que a Virgem desse à luz. Imaginamos o sofrimento de José, ao aproximar-se a hora do parto, por não encontrar um lugar adequado. Não havia para eles lugar na hospedaria (Lc 2, 7), escreve laconicamente São Lucas. Alguém, talvez o próprio dono do khan, deve ter-lhes indicado que nas proximidades da aldeia, havia grutas que se utilizavam para albergar o gado nas noites frias; poderiam talvez acomodar-se nalguma delas, até que diminuísse a aglomeração de pessoas e se libertasse algum lugar na cidade.

A divina Providência serviu-se destas circunstâncias para mostrar a pobreza e humildade com que o Filho de Deus tinha decidido vir à terra. Todo um exemplo para os que o seguiriam através dos séculos, como explica São Paulo:

conheceis a liberalidade de Nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, fez-se pobre por vós, a fim de que vós fosseis ricos pela Sua pobreza (2 Cor 8, 9). O Rei de Israel, o Desejado de todas as nações, o Filho eterno de Deus, vem ao mundo num lugar próprio para animais. E a Sua Mãe vê-se obrigada a oferecer-Lhe, como primeiro berço, uma manjedoura estreita.

***OS ÚLTIMOS DA TERRA, NÓMADAS COM OS REBANHOS QUE GUARDAVAM POR CONTA DE OUTROS, SERÃO OS PRIMEIROS A RECEBER O ANÚNCIO DESSE ENORME PORTENTO: O NASCIMENTO DO MESSIAS PROMETIDO.***

Mas o Omnipotente não quer que passe totalmente inadvertido este acontecimento singular. Naquela mesma região havia uns pastores, que velavam e faziam de noite a guarda ao seu rebanho (Lc 2, 8). Eles, os últimos da terra, nómadas com os rebanhos que guardavam por conta de outros, serão os primeiros a receber o anúncio desse enorme portento: o nascimento do Messias prometido.

Apareceu-lhes um anjo do Senhor e a glória do Senhor os envolveu com a sua luz e tiveram grande temor. Porém o anjo disse-lhes: "Não temais porque vos anuncio uma boa nova, que será de grande alegria para todo o povo..." (Lc 2, 9-10). E, depois de lhes comunicar a Boa Nova, deu-lhes um sinal pelo qual poderiam reconhecê-Lo: encontrareis o Menino envolto em panos e deitado numa manjedoura (Lc 2, 12). Imediatamente, diante dos seus olhos assombrados, apareceu uma multidão de anjos que louvava a Deus dizendo: glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens, objecto da boa vontade de Deus (Lc 2, 14).

Puseram-se a caminho. Talvez arranjassem uns presentes para obsequiar a mãe e o recém-nascido. A homenagem foi, para Maria e para José, a prova de que Deus velava pelo Seu Filho. Também eles se encheriam de gozo perante o júbilo ingénuo daquelas pessoas e ponderariam no seu coração como o Senhor se compraz nos pobres e humildes.

Quando acabou a festa, os pastores regressaram ao cuidado dos seus rebanhos, louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto (Lc 2, 20). Depois de dois mil anos, também nós somos convidados a proclamar as maravilhas divinas. Amanheceu um dia santo; vinde, gentes e adorai o Senhor; porque uma grande luz desceu hoje à terra (Terceira Missa de Natal, aclamação antes do Evangelho).

**J.A. Loarte**

////////////////////////////////////

# Vida de Maria – A apresentação de Jesus no Templo (V): Magistério, Padres e Santos

Textos que relatam, com diferentes estilos, um mesmo acontecimento: a apresentação do menino Jesus no Templo.



## A voz do Magistério

«Maria é a Virgem oferente . No episódio da apresentação de Jesus no Templo (cf. Lc 2,22-35), a Igreja, guiada pelo Espírito Santo, descobriu, para além do cumprimento das leis respeitantes à oblação do primogénito (cf. Ex 13,11-16) e à purificação da mãe (cf. Lv 12,68), um mistério "salvífico" relativo à história da Salvação, precisamente: e em tal mistério realçou a continuidade da oferta fundamental que o Verbo encarnado fez ao Pai, ao entrar no mundo (cf. Hb 10,5-7); viu nele proclamada a universalidade da Salvação, porque Simeão, ao saudar no Menino a luz para iluminar as nações e a glória de Israel (cf. Lc 2,32), reconhecia n'Ele o Messias, o Salvador de todos; entendeu aí uma referência profética à Paixão de Cristo: é que as palavras de Simeão, as quais uniam num único vaticínio o Filho, "sinal de contradição" (Lc 2,34), e a Mãe, a quem a espada haveria de trespassar a alma (cf. Lc 2,35), verificaram-se no Calvário. Mistério de salvação, portanto, que nos seus vários aspectos, orienta o episódio da apresentação no Templo para o acontecimento "salvífico" da Cruz.

Mas a mesma Igreja, sobretudo a partir dos séculos da Idade Média, entreviu no coração da Virgem Maria, que leva o Filho a Jerusalém "para o oferecer ao Senhor" (cf. Lc 2,22), uma vontade oblativa, que transcendia o sentido ordinário do rito. Dessa intuição temos um testemunho na afetuosa apóstrofe de São Bernardo: "Oferece, Virgem santa, o teu Filho e apresenta ao Senhor o fruto bendito do teu ventre. Sim! Oferece a hóstia santa e agradável a Deus, para reconciliação de todos nós!"(São Bernardo, Sermão na festa da Purificação, III, 2: PL183, 370)

## Paulo VI (séc. XX)

### Exortação apostólica *Marialis cultu*, 2-II-1974, n. 20

\* \* \*

«A primeira pessoa que se une a Cristo no caminho da obediência, da fé provada e do sofrimento partilhado é a sua mãe, Maria. O texto evangélico mostra-no-la no gesto de oferecer o Filho: uma oferenda incondicional que a envolve em primeira pessoa: Maria é a Mãe d'Aquele que é «glória do seu povo, Israel» e «luz que ilumina as nações» (cf. Lc 2, 32.34). E ela mesma, na sua alma imaculada, deverá ser trespassada pela espada do sofrimento, mostrando assim que o seu papel na história da salvação não termina no mistério da Encarnação, mas se completa na amorosa e dolorosa participação na morte e na ressurreição do seu Filho. Levando o Filho a Jerusalém, a Virgem Mãe oferece-o a Deus como verdadeiro Cordeiro que tira os pecados do mundo: apresenta-o a Simeão e a Ana como anúncio de redenção; apresenta-o a todos como luz para um caminho seguro pela via da verdade e do amor.

As palavras que neste encontro vêm aos lábios do idoso Simeão – Os meus olhos viram a tua salvação ( Lc 2, 30) – encontraram eco no coração da profetiza Ana. Estas pessoas justas e piedosas, envolvidas pela luz de Cristo, podem contemplar no Menino Jesus «a consolação de Israel» ( Lc 2, 25). A sua expectativa transforma-se assim em luz que ilumina a história. Simeão é portador de uma antiga esperança e o Espírito do Senhor fala ao seu coração: por isso pode contemplar aquele que muitos profetas e reis tinham desejado ver, Cristo, luz que ilumina as nações. Reconhece naquele Menino o Salvador, mas intui no espírito que em seu redor se jogará o destino da humanidade, e que deverá sofrer muito por parte de quantos o rejeitarão; proclama a sua identidade e a missão de Messias com as palavras que formam um dos hinos da Igreja nascente, do qual irradia toda a exultação comunitária e escatológica da expectativa salvífica realizada. O entusiasmo é tão grande que viver e morrer são a mesma coisa, e a «luz» e a «glória» tornam-se uma revelação universal».

## Bento XVI (séc. XXI)

### Homilia na festa da Apresentação do Senhor, 2-II-2006.

\* \* \*



«As palavras do velho Simeão, anunciando a Maria a Sua participação na missão salvífica do Messias, põem em evidência o papel da mulher no mistério da redenção. Com efeito, Maria é não só uma pessoa individual, mas também a «filha de Sião», a mulher nova que, ao lado do Redentor, partilha a Sua paixão e gera no Espírito os filhos de Deus. Essa realidade é expressa pela imagem popular das «sete espadas» que trespassam o coração de Maria. Essa representação evidencia o profundo vínculo que existe entre a mãe, que se identifica com a filha de Sião e com a Igreja, e o destino de sofrimento do Verbo encarnado.

Ao entregar o Filho, há pouco recebido de Deus, para O consagrar à Sua missão de salvação, Maria entrega-se também a si mesma a essa missão. Trata-se de um gesto de participação interior, que não só é fruto do natural afecto materno, mas exprime sobretudo o consentimento da mulher nova à obra redentora de Cristo.

Na sua intervenção, Simeão indica a finalidade do sacrificio de Jesus e do sofrimento de Maria: estes acontecerão «a fim de se revelarem os pensamentos de muitos corações» ( Lc . 2, 35). Jesus «sinal de contradição» ( Lc . 2, 34) que envolve a mãe no Seu sofrimento, conduzirá os homens a tomar posição relativamente a Ele, convidando-os a uma decisão fundamental. Ele, com efeito, «está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel» ( Lc . 2, 34).

Maria está, pois, unida ao Seu divino Filho com vista à obra da salvação. Existe certamente o perigo de queda para quem rejeita Cristo, mas um efeito maravilhoso da redenção é a levantar de muitos. Este simples anúncio acende uma grande esperança nos corações, aos quais já testemunha o fruto do sacrificio.

Pondo sob o olhar da Virgem estas perspectivas da salvação antes da oferta ritual, Simeão parece sugerir a Maria que ela cumpra este gesto para contribuir no resgate da humanidade. De facto, ele não fala com José nem de José: as suas palavras dirigem-se a Maria, que ele associa ao destino do Filho (...).

A conclusão do episódio da apresentação de Jesus no templo parece confirmar o significado e o valor da presença feminina na economia da salvação. O encontro com uma mulher, Ana, conclui estes momentos singulares, nos quais o Antigo Testamento quase se entrega ao Novo».

**S. João Paulo II (séc. XX)**

## **A voz dos Padres da Igreja**

«Do mesmo modo que a Mãe de Deus e Virgem intacta susteve nos seus braços a Luz verdadeira e a entregou aos que jaziam nas trevas, também nós, iluminados com a Sua luz, e sustendo nas nossas mãos a luz que a todos ilumina, apressemo-nos a sair ao encontro d'Aquele que é a Luz verdadeira.



Assim, verdadeiramente veio a luz ao mundo ( Jo 3, 19) e iluminou este mundo rodeado de trevas; e visitou-nos o Sol que vem do alto e iluminou os que se encontravam nas trevas (cfr. Lc 1, 78-79). É este o nosso mistério. Por isso caminhamos segurando os círios, para significar a Luz que nos iluminou e o esplendor futuro que esperamos receber d'Ele. Corramos todos juntos ao encontro de Deus.

Veio a luz verdadeira que ilumina todo o homem ( Jo 1, 9); portanto, irmãos, deixemo-nos iluminar. Que todos sejamos participantes do seu resplendor; que ninguém, encobrindo o seu resplendor, permaneça na noite, mas que todos, resplandecentes e iluminados, vamos ao seu encontro para receber, juntamente com o velho Simeão, aquela Luz clara e sempiterna. E todos, participando da alegria do ancião, entoemos um cântico de acção de graças ao Pai da luz, que nos enviou a Luz verdadeira, eliminou as trevas e nos fez a todos resplandecentes.

Também nós vimos por Ele o teu Salvador, que apresentaste diante de todos os povos ( Lc 2, 30-31), a quem manifestaste para glória do novo Israel e sem dilação fomos libertados do antigo pecado, do mesmo modo que Simeão, uma vez que tendo visto Cristo, foi libertado das ataduras da vida presente.

Também nós abraçámos a Cristo com a fé que nos vem de Belém; fomos constituídos Povo de Deus, os que antes éramos gentios; vimos com os nossos olhos Deus feito carne e, aceite nos braços do nosso espírito a presença visível de Deus, somos o novo Israel».

**São Sofrónio de Jerusalém (séc. VII)**

**Discurso III na Apresentação do Senhor.**

\* \* \*

«Simeão não tinha ido ao templo por casualidade, mas movido pelo Espírito Santo: todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus ( Rm 8, 14). O Espírito Santo levou-o ao templo. Também tu, se queres abraçar Jesus



e tê-lo entre as tuas mãos, se desejas tornar-te digno de ser libertado da prisão, põe todo o teu esforço em ser dirigido pelo Espírito e em vir ao templo de Deus. Agora encontras-te no templo do Senhor Jesus, ou seja, na Sua Igreja; é este o templo construído com pedras vivas (1 Pe 2, 5). Mas tu estás no templo do Senhor quando a tua vida e os teus costumes são dignos do nome que designa a Igreja. Se vens ao templo movido pelo Espírito, encontrarás Jesus Menino, acolhê-Lo-ás nos teus braços e dirás: agora, Senhor, podes levar em paz deste mundo o teu servo, segundo a Tua palavra ( Lc 2, 29)».

**Orígenes (séc. III)**

**Tratado sobre o Evangelho de São Lucas 15, 1-5.**

## **A voz dos santos**

«A Lei antiga impunha dois preceitos, relativos ao nascimento dos filhos primogénitos: um obrigava a mãe, pois ficava impura, a permanecer retirada na sua casa por um período de quarenta dias, decorridos os quais ia purificar-se no templo; o outro impunha aos pais a obrigação de levar o primogénito ao templo para o oferecer ao Senhor. A Virgem Santíssima quis cumprir nesse dia um e outro preceito.

É verdade que Maria não estava obrigada à lei da purificação por ter permanecido sempre virgem puríssima; mas amava com tão entranhável amor a humildade e a obediência que, como as outras mães, quis apresentar-se no templo para se purificar. Cumpriu também o segundo mandamento da lei apresentando o seu Filho e oferecendo-o ao eterno Pai, como diz São Lucas: cumprido o tempo da purificação da Mãe, segundo a lei de Moisés, levaram o Menino a Jerusalém

para O apresentar ao Senhor ( Lc 2, 22). Mas a Virgem Maria ofereceu-O de modo muito diverso do que costumavam fazer as outras mães ao oferecerem os seus filhos.

As outras mães ofereciam os seus filhos, mas sabiam muito bem que esta oblação não passava de uma mera cerimónia legal; pois, uma vez resgatados, recuperavam o direito que tinham sobre eles, sem o temor de os terem depois que oferecer à morte. Maria, pelo contrário, ofereceu realmente o seu Filho à morte e sabia muito bem que o sacrifício que então fazia da vida de Jesus Cristo se havia de consumir um dia na ara da Cruz; de maneira que, oferecendo a vida do seu Filho pelo imenso amor que lhe tinha, Maria fez um perfeito holocausto de si mesma a Deus».

**Santo Afonso Maria de Ligório (séc. XVIII)**

**As glórias de Maria.**



# Vida de Maria (VI): Adoração dos magos (Texto)

A série sobre a Vida de Maria detém-se agora na cena da adoração dos magos, com a qual se profetizava a chegada à Igreja de todos os povos.



A Sagrada Família regressou a Belém. As palavras do velho Simeão ressoavam nos ouvidos de Maria e de José. À memória da Virgem viriam os textos de alguns profetas que, falando do Messias, seu Filho, afirmam que não só seria Rei de Israel, mas receberia as honras de todos os povos da terra.

Isaías já o tinha anunciado com particular eloquência: À tua luz caminharão os povos e os reis andarão ao brilho do teu esplendor. Lança um olhar em volta e observa: todos se reuniram e vieram procurar-te (...). Uma grande multidão de camelos te invade, camelos de Madiã e Efa; vêm todos de Sabá, trazendo ouro e incenso e anunciando os louvores de Javé (Is 60, 3-6).

Entretanto, o tempo decorria na mais absoluta normalidade. Nada fazia pressagiar qualquer acontecimento fora do comum. Até que um dia aconteceu algo extraordinário.

Tendo nascido Jesus em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que uns Magos vieram do Oriente a Jerusalém, perguntando: Onde está o Rei dos judeus que acaba de nascer? Porque nós vimos a Sua estrela no Oriente e viemos adorá-l'O (Mt 2, 1-2). São Mateus anota que, ao ouvir essa pergunta, o rei Herodes perturbou-se e toda a Jerusalém com ele (Mt 2, 3).

Sabemos muito pouco sobre estas personagens. De qualquer forma, o texto evangélico oferece algumas certezas: tratava-se de uns viajantes procedentes do Oriente, onde tinham descoberto uma estrela de extraordinário fulgor, que os impeliu a deixar as suas casas e partir em busca do Rei dos judeus. Tudo o resto — o seu número, o país de origem, a natureza da luz celestial, o caminho que seguiram — não passa de mera conjectura, mais ou menos fundada.

A tradição ocidental fala de três personagens, a quem inclusive dá um nome — Melchior, Gaspar e Baltasar — enquanto outras tradições cristãs elevam o seu número para sete e até para doze. O facto de que procedessem do Oriente aponta para as longínquas regiões de além Jordão: o deserto siro-árabe, Mesopotâmia, Pérsia. A favor da origem persa pesa um episódio historicamente comprovado. Quando, nos princípios do século VII, o rei persa Cosroes II invadiu a Palestina, destruiu as basílicas que a piedade cristã tinha edificado em memória do Salvador, excepto uma: a Basílica da Natividade, em Belém. E isto por uma simples razão: na sua entrada figurava a representação de uns personagens vestidos com indumentária persa, numa atitude de prestar homenagem a Jesus nos braços de Sua Mãe.

***OS CORAÇÕES DE MARIA E DE JOSÉ DEVEM TER-SE ENCHIDO DE ALEGRIA E GRATIDÃO. ALEGRIA PORQUE OS ANÚNCIOS PROFÉTICOS SOBRE JESUS COMEÇAVAM A CUMPRIR-SE.***

A palavra magos, com que os designa o Evangelho, não tem nada que ver com o que hoje em dia se entende por esse nome. Não eram pessoas dadas à magia, mas homens cultos, muito provavelmente pertencentes a uma casta de estudiosos dos fenómenos celestes, discípulos de Zoroastro, já conhecidos por numerosos autores da Grécia clássica. Por outro lado, é um facto comprovado que a expectativa messiânica de Israel era conhecida nas regiões orientais do Império Romano e inclusive na própria Roma. Não é estranho, pois, que alguns sábios pertencentes à casta dos magos, ao descobrir um astro de extraordinário fulgor, o tivessem interpretado — iluminados interiormente por Deus — como um sinal do nascimento do esperado Rei dos Judeus.

Embora a piedade popular una, de modo quase imediato, o nascimento de Jesus com a chegada dos Magos à Palestina, não se conhece com precisão a época em que teve lugar; sabemos, sim, que Herodes, sentindo-se ameaçado, inquiriu deles cuidadosamente, acerca do tempo em que lhes tinha aparecido a estrela (Mt 2, 7). Depois perguntou aos doutores da Lei pelo lugar de nascimento do Messias e os escribas responderam citando o profeta Miqueias: e tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre as principais cidades de Judá; porque de ti sairá um chefe que apascentará Israel, Meu povo (Mt 2, 6). Usando uma mentira, Herodes pôs os Magos a caminho de Belém: ide, informai-vos bem acerca do Menino, e, quando O encontrardes, comunicai-mo, a fim de que também eu O vá adorar (Mt 2, 8). O seu propósito era bem diverso, pois propunha-se assassinar todos os meninos nascidos na cidade e na sua comarca, menores de dois anos, para assim se assegurar da morte daquele que — segundo o seu curto entender — lhe vinha disputar o trono. Deduz-se destes dados que a chegada dos Magos ocorreu algum tempo após o nascimento de Jesus; talvez um ano ou ano e meio.

Depois de receberem essa informação os Magos dirigiram-se apressadamente para Belém, cheios de alegria ao ver reaparecer a estrela, que tinha desaparecido misteriosamente em Jerusalém. Este mesmo facto advoga em favor da suposição de que o astro que os guiava não era um fenómeno natural — um cometa, uma conjunção, etc., como se procurou muitas vezes demonstrar — mas um sinal sobrenatural dado por Deus a esses homens escolhidos, e só a eles.

Mal saíram de Jerusalém — prossegue São Mateus — a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que chegando ao local onde estava o Menino, parou. Entraram na casa, viram o Menino com Maria, Sua mãe e prostrando-se O adoraram; e abrindo os seus tesouros ofereceram-Lhe presentes de ouro, incenso e mirra (Mt 2, 9-11).

Os corações de Maria e de José devem ter-se enchido de alegria e gratidão. Alegria porque os anúncios proféticos sobre Jesus começavam a cumprir-se; agradecimento porque os presentes daqueles homens generosos — predecessores na fé dos cristãos procedentes dos gentios — possivelmente, contribuíram para aliviar uma situação económica precária. José e Maria não puderam corresponder à sua generosidade. Eles, no entanto, consideraram-se suficientemente recompensados pelo olhar e o sorriso de Jesus, que iluminou de novo as suas almas e pelas doces palavras de agradecimento de Sua Mãe, Maria.

**J.A. Loarte**



# Vida de Maria – Adoração dos magos (VI): Magistério, Padres, santos, poetas

A adoração dos magos vista pelos Padres da Igreja, os santos, o magistério, poetas...

## A VOZ DO MAGISTÉRIO

«A chegada dos Magos do Oriente a Belém, para adorar o recém-nascido Messias, é o sinal da manifestação do Rei universal aos povos e a todos os homens que procuram a verdade. É o início de um movimento oposto ao de Babel: da confusão à compreensão, da dispersão à reconciliação. Descobrimos assim um vínculo entre a Epifania e o Pentecostes: se o nascimento de Cristo, que é a Cabeça, é também o nascimento da Igreja, Seu corpo, vemos nos Magos os povos que se agregam ao resto de Israel, anunciando o grande sinal da "Igreja poliglota", realizado pelo Espírito Santo cinquenta dias depois da Páscoa.



O amor fiel e tenaz de Deus, que nunca falta à sua aliança de geração em geração. É o "mistério" do qual fala São Paulo nas suas Cartas, também no trecho da Carta aos Efésios há pouco proclamado: o Apóstolo afirma que "por revelação me foi dado conhecer o mistério que acabo de vos expor" (*Ef* 3, 3) e encarregou-se de o dar a conhecer.

Este "mistério" da fidelidade de Deus constitui a esperança da história. Sem dúvida, ele é contrastado por impulsos de divisão e de subjugação, que dilaceram a humanidade por causa do pecado e do conflito de egoísmos. A Igreja está, na história, ao serviço deste "mistério" de bênção para a humanidade inteira. Neste mistério da fidelidade de Deus, a Igreja desempenha plenamente a sua missão unicamente quando reflecte em si mesma a luz de Cristo Senhor, e assim ajuda os povos do mundo no caminho da paz e do progresso autêntico (...).

Com Jesus Cristo a bênção de Abraão estendeu -se a todos os povos, à Igreja universal como novo Israel que acolhe no seu seio a humanidade inteira. Contudo, também hoje continua em muitos sentidos a ser verdade o que dizia o profeta: "a noite cobre a terra" e a nossa história. De facto, não se pode dizer que a globalização seja sinónimo de ordem mundial, pelo contrário. Os conflitos pela supremacia económica e pelo monopólio dos recursos energéticos, hídricos e das matérias-primas tornam difícil o trabalho de quantos, a todos os níveis, se esforçam por construir um mundo justo e solidário.

Há necessidade de uma esperança maior, que permita preferir o bem comum de todos ao luxo de poucos e à miséria de muitos. "Esta grande esperança só pode ser Deus... não um deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano" ([Spe salvi](#), n. 31): o Deus que se manifestou no Menino de Belém e no Crucificado-Ressuscitado.»

*Bento XVI (século XXI). Excertos da homilia na solenidade da Epifania, 6-I-2008.*

\* \* \*

## A VOZ DOS PADRES DA IGREJA

«A Providência misericordiosa de Deus, tendo decidido vir no fim dos tempos para socorrer o mundo que perecia, determinou antecipadamente em Cristo a salvação de todos os povos (...). A manifestação desta inefável misericórdia faz-se, amadíssimos, quando Herodes detinha o poder real sobre os judeus. Tinha terminado a legítima sucessão dos reis, não existia já a autoridade dos sacerdotes, um estranho ostentava o domínio soberano. Por isso, a vinda do verdadeiro Rei encontrava-se apoiada pelas palavras desta profecia: *o ceptro não se afastará de Judá, nem o bastão de comando do meio dos seus pés, até que o tributo lhe seja trazido e os povos lhe obedecem* (Gn 49, 10). Tratava-se destes povos numa descendência inumerável que tinha sido prometida noutra tempo ao santo patriarca Abraão, descendência que seria gerada não por uma semente carnal, mas pela fecundidade da fé; descendência comparada à multidão de estrelas, para que o pai de todas as nações esperasse uma posteridade não terrena, mas celestial (...).



Instruídos por estes mistérios da graça divina, amadíssimos, celebremos, pois, com uma sábia alegria o dia das nossas primícias e o começo da vocação dos pagãos. Sejam agradecidos a Deus misericordioso, que, segundo as palavras do Apóstolo, *nos fez dignos de participar da herança dos santos na luz. Ele nos livrou do poder das trevas e nos transferiu para o reino de Seu muito amado Filho* (Col 1, 12-13). Com efeito, como antes Isaías tinha anunciado, *o povo que andava nas trevas viu uma grande luz, e uma luz brilhou para os que habitavam um país tenebroso* (Is 9, 1). Por isso, ele próprio diz ao Senhor: *agora vais convocar um povo desconhecido; um povo que não te conhecia acorrerá a ti* (Ibid., 55, 5). Abraão viu esse dia e regozijou-se (cf. Jo 8, 56) quando teve conhecimento que os seus filhos segundo a fé seriam abençoados na sua descendência, isto é, em Cristo, e entreviu na fé que seria futuro pai de todos os povos (cf. Rm 4, 18)».

### São Leão Magno (séc. V). Homilia na solenidade da Epifania, 3.

\* \* \*

«Talvez alguém se maravilhe e se pergunte: Como é que os Magos puderam reconhecer o nascimento do Salvador apenas pelo sinal de uma estrela? Em primeiro lugar, há que dizer que se trata de um dom que lhes concedeu o Senhor. Em segundo lugar, lê-se nos livros de Moisés que já Balaão foi uma espécie de profeta dos pagãos. Com efeito, ele profetizou — na medida em que era capaz de o fazer — a vinda de Cristo e a Sua encarnação por intermédio de uma virgem. Profetizou (...) nestes termos: *uma estrela avança de Jacob, um ceptro levanta-se de Israel* (Nm 24, 17). Por esta razão parece que os Magos procedem da descendência de Balaão (...). Ao ver o sinal da nova estrela, os Magos acreditaram imediatamente, pois compreenderam que tinham sido chamados a dar cumprimento à profecia do seu antepassado (...). O profeta Balaão viu em espírito aquela estrela que estes puderam ver com os seus olhos e deste modo chegaram à fé. Aquele profetizou a vinda de Cristo; estes, quando veio, olharam-no com os olhos da fé».

### São Cromácio de Aquileia (séc. IV). Comentário ao Evangelho de São Mateus, IV, 1.

\* \* \*

«Na minha opinião, é evidente que não se tratava de uma estrela habitual; mais ainda, não foi uma verdadeira estrela, mas uma força invisível que tomou a aparência de estrela, o que se prova, antes de mais nada pela rota que seguiu. Efectivamente, não há nenhuma estrela que siga o caminho que aquela seguiu. O sol, a lua e todos os astros, vemos que se movem de oriente para ocidente; aquela, pelo contrário, seguia de norte para sul, que é a posição da Pérsia em relação à Palestina.

Em segundo lugar, o mesmo se pode demonstrar pelo tempo. Porque não só aparecia durante a noite, mas em pleno dia e no pleno esplendor do sol. Não há estrela que tenha tal virtude; não a tem nem a própria lua, que, mesmo ultrapassando por tantos graus a todas as estrelas, mal começam a brilhar os raios do sol, esconde-se e desaparece. Pelo contrário, a estrela dos Magos, pela superioridade do seu brilho, venceu os próprios raios solares e brilhava no meio da sua luz.

Terceira prova: a estrela dos Magos aparecia e ocultava-se. Efectivamente, durante a viagem até à Palestina, a estrela foi-os guiando; depois, mal chegaram a Jerusalém, ocultou-se-lhes. E por fim, quando, informado Herodes sobre a finalidade da sua vinda, partiram, mostrou-se-lhes de novo. Tudo isto não é próprio do movimento de uma estrela, mas de um poder muito racional. Era uma estrela que não tinha rumo próprio, mas que, quando os Magos tinham que andar, movia-se ela; quando tinham que parar, parava, acomodando-se sempre ao que convinha. Era como a coluna de nuvem que guiava os judeus pelo deserto, através da qual, segundo lhes convinha, montavam ou moviam o seu acampamento.

A quarta prova evidente é a maneira como lhes mostrou o lugar onde se encontrava o Menino. Efectivamente, não lho mostrou parando nas alturas, pois ter-lhes-ia sido impossível distingui-lo deste modo, mas descendo até lá. Compreendereis perfeitamente que um lugar tão pequeno, uma pobre cabana possivelmente, ou menos do isso ainda, como é natural, o corpinho de um menino pequenino, não é possível que uma estrela o indique (...). Que é, com efeito, o que o evangelista deu a entender quando disse: *e eis que a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que, chegando ao lugar onde estava o Menino, parou (Mt 2, 9).*

Já vedes, pois, por quantos argumentos se prova que esta estrela não foi uma estrela habitual, e que não apareceu porque assim o exigira o horóscopo profano».

**São João Crisóstomo (séc. IV). Homilias sobre o Evangelho de São Mateus, VI.**

\* \* \*

## **A VOZ DOS SANTOS**

«E, abrindo os seus tesouros, ofereceram-lhe presentes de ouro, incenso e mirra. Detenhamo-nos um pouco para entender este passo do Santo Evangelho. Como é possível que nós, que nada somos e nada valem, ofereçamos alguma coisa a Deus?

Mas o Senhor sabe que o dar é próprio dos apaixonados e Ele próprio nos diz o que deseja de nós. Não lhe interessam riquezas, nem frutos, nem animais da terra, do mar ou do ar, porque tudo isso lhe pertence. Quer algo de íntimo, que havemos de lhe entregar com liberdade: *dá-me, meu filho, o teu coração*. Vedes? Se compartilha, não fica satisfeito: quer tudo para si. Repito: não pretende o que é nosso; quer-nos a nós mesmos. Daí – e só daí – advêm todas as outras ofertas que podemos fazer ao Senhor.

Demos-lhe, portanto, ouro: o ouro fino do espírito de desprendimento do dinheiro e dos bens materiais. Não esqueçamos que são coisas boas, que vêm de Deus. Mas o Senhor dispôs que as utilizemos sem deixar que o coração fique preso a elas, pelo contrário, tirando delas proveito para bem da humanidade (...).



Oferecemos incenso: o desejo – que elevamos até ao Senhor – de levar uma vida recta, de que se desprenda o *bonus odor Christi*, o perfume de Cristo. Impregnar as nossas palavras e acções desse *bonus odor* é semear compreensão e amizade. Que a nossa vida acompanhe as vidas dos restantes homens, para que ninguém se encontre ou se sinta só. A caridade há-de ser também carinho, calor humano (...).

E, com os Reis Magos, oferecemos também mirra, isto é, o sacrifício, que não deve faltar na vida cristã. A mirra traz à nossa lembrança a Paixão do Senhor: na cruz, dão-lhe a beber mirra misturada com vinho, e com mirra ungiram o seu corpo para a sepultura. Mas não pensem que meditar na necessidade de sacrifício e da mortificação significa dar uma nota de tristeza (...). Mortificação não é pessimismo nem espírito azedo. A mortificação nada vale sem a caridade: por isso, havemos de procurar mortificações que, além de nos mantermos livres em relação às coisas da terra, não mortifiquem os que vivem à nossa volta. O cristão não pode ser um verdugo nem um miserável; há-de ser um homem que sabe amar com obras, que prova o seu amor na pedra de toque da dor».

**São Josemaría Escrivá de Balaguer (séc. XX). Cristo que passa, nn. 35-37.**

\* \* \*

## **A VOZ DOS POETAS**

**DIOGO BERNARDES (1532-1605)**

## A estrela dos Reis Magos

### Soneto



Ditosa estrela, que os três reis guiaste  
da praia oriental tão fielmente,  
que o grande Rei dos reis omnipotente  
menino em um presépio lhes mostraste,

um raio só de quantos derramaste  
guie minha alma já dereitamente  
ao mesmo bom Jesus que juntamente  
ali também com eles adoraste;

onde posto nos braços de Maria,  
ali fê, esperança e caridade  
lhe ofereça, em vez de ouro, mirra, incenso;

depois, guiado do teu lume imenso,  
de Herodes conhecendo a falsidade,  
me torne a recolher por outra via.



## Vida de Maria (VII) – A fuga para o Egípto (Texto)

O décimo capítulo da Vida de Maria é dedicado à fuga para o Egípto da Sagrada Família, “meses de trabalho escondido e de sofrimento silencioso, com a nostalgia da casa abandonada”.



Pintura de Murillo.

Tendo partido os Magos de Belém, quando um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e lhe disse: «Levanta-te, toma o Menino e Sua Mãe, foge para o Egípto e fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o Menino para o matar (Mt 2, 13). Num instante, a alegria da Virgem com a visita daqueles personagens, que tinham reconhecido no seu Filho o Messias, transformou-se em dor e angústia. Era bem conhecida a crueldade do velho rei da Palestina, sempre temeroso de que alguém lhe arrebatasse o trono; por isso, tinha mandado assassinar vários dos seus filhos e outras pessoas que lhe podiam fazer sombra, como consta em diversas fontes históricas. O perigo era, pois, grande; mas Deus tinha uns planos de salvação que não podiam deixar de se cumprir pela ambição e pela iniquidade de um tirano. No entanto, o Senhor não faz milagres chamativos, conta com a correspondência das Suas criaturas fiéis. Por isso, os Magos, depois de avisados em sonhos por Deus para não tornarem a Herodes, voltaram para a sua terra por outro caminho (Mt 2, 12).

Também José se comportou com extrema docilidade. Logo que recebeu o aviso divino, levantando-se de noite, tomou o Menino e Sua Mãe e retirou-se para o Egípto (Mt 2, 14). Começava a primeira das perseguições que Jesus Cristo tinha que sofrer na terra, ao longo da história, em Si próprio ou nos membros do Seu Corpo místico.

Existiam dois itinerários principais para ir para o Egípto. Um mais cómodo, mas também mais frequentado, descia pela margem do Mediterrâneo e atravessava a cidade de Gaza. O outro, menos utilizado, passava por Hebrón e Bersabé, antes de atravessar o deserto de Idumea e entrar no Sinai. Em qualquer caso, tratava-se de uma longa viagem, de várias centenas de quilómetros, que deve ter durado de dez a catorze dias.

Em Hebrón ou em Bersabé (esta última cidade situada a 60 quilómetros de Belém), devem ter comprado provisões antes de enfrentar a travessia do deserto. É provável que, nesta parte da viagem, se incorporassem nalguma pequena caravana, pois teria sido quase impossível fazê-la sozinhos: o calor extenuante, a falta de água, o perigo de bandidos, tornavam-na absolutamente desaconselhável. O historiador Plutarco narra que os soldados romanos que, no ano 155 antes de Cristo, realizaram essa

travessia para combater no Egito, tinham mais medo de enfrentar as agruras do deserto do que a guerra que se dispunham a fazer.

***DEUS TINHA UNS PLANOS DE SALVAÇÃO QUE NÃO PODIAM DEIXAR DE SE CUMPRIR PELA AMBIÇÃO E PELA INIQUIDADE DE UM TIRANO. NO ENTANTO, O SENHOR NÃO FAZ MILAGRES CHAMATIVOS, CONTA COM A CORRESPONDÊNCIA DAS SUAS CRIATURAS FIÉIS.***

A tradição supõe — e é lógico que assim fosse — que Maria, com o Menino nos braços, cavalgava sobre um jumento, e que José conduziria pela rédea. Mas a fantasia dos escritos apócrifos fez florescer numerosas lendas sobre este episódio; palmeiras que estendem as copas para oferecer uma sombra aos fugitivos, feras que se amansam, salteadores que se tornam humanitários, fontes de água que aparecem de repente para matar a sede... A piedade popular faz-se disso eco em quadros e composições poéticas, com a finalidade louvável de enaltecer o cuidado da Providência divina. A verdade é que se tratou de uma fuga em toda a linha, na qual, aos sofrimentos físicos, se juntava o temor de serem alcançados em qualquer momento por algum pelotão de soldados. Só quando chegaram a Rhinocolura, na fronteira da Palestina com o Egito, se puderam sentir mais tranquilos.

Entretanto, na pequena aldeia de Belém consumava-se a matança de um grupo de crianças menores de dois anos, arrancados dos braços das suas mães. Cumpriu-se então — anota São Mateus — o que estava anunciado pelo profeta Jeremias: "Uma voz se ouviu em Ramá, pranto e grande lamentação; Raquel chorando os seus filhos, sem admitir consolação, porque já não existem" (Mt 2, 18). Trata-se, indubitavelmente, de uma passagem de difícil compreensão, que foi, por vezes, para muitos, pedra de escândalo: como pôde Deus permitir o sofrimento dos inocentes, especialmente se são crianças? A resposta a esta pergunta apoia-se em dois pontos firmes: Deus não trata os homens como marionetas, mas respeita a sua liberdade, também quando se empenham em fazer o mal; ao mesmo tempo, com a sua Sabedoria e a Sua Providência, sabe retirar bem do mal. Deus escreve direito com as linhas torcidas dos homens. De qualquer forma, só à luz do sacrifício de Cristo na Cruz se esclarece este enigma. A Redenção operou-se por meio do sofrimento do Justo, do Inocente por excelência, que deseja associar os homens ao seu sacrifício.

A tradição não é unânime sobre o lugar da residência da Sagrada Família no Egito: Menfís, Heliópolis, Leontópolis..., pois no amplo delta do Nilo florescia muitas comunidades judias. Integraram-se numa delas como uns emigrantes mais, e aí José encontraria um trabalho que lhe permitisse sustentar dignamente, ainda que modestamente, a sua família. De acordo com os cálculos mais comuns, viveram no Egito pelo menos um ano, até que, de novo, um anjo anunciou a José que já podia regressar à Palestina.

Foram meses de trabalho escondido e de sofrimento silencioso, com a nostalgia da casa abandonada e, ao mesmo tempo, com a alegria de ver crescer Jesus são e forte, longe do perigo que o espreitava. À sua volta contemplavam muita idolatria, tantas figuras de deuses estranhos com rasgos de animais. Mas Maria sabia que Jesus Cristo tinha vindo ao mundo também por aquela gente, também eles eram destinatários da Redenção. E a Virgem abraçava-os no seu coração maternal.

**J.A. Loarte**



# Vida de Maria (VII) – A fuga para o Egito: Magistério, Padres, santos, poetas

O décimo capítulo da Vida de Maria é dedicado à fuga da Sagrada Família para o Egito, aos “meses de trabalho escondido e de sofrimento silencioso, com a nostalgia da casa abandonada”.



## A voz do Magistério

«Depois de terem adorado o Senhor e terem satisfeito a sua devoção, os Magos, de acordo com o aviso recebido em sonhos, regressaram ao seu país por um caminho diferente daquele por onde tinham vindo. Acreditando já em Cristo, não tinham que ir, com efeito, pelo caminho da sua antiga vida, mas entrando na nova rota, abstêm-se dos erros que tinham abandonado. Era necessário invalidar as manobras de Herodes, que, sob o pretexto de zelo, preparava um engano ímpio sobre o Menino Jesus.

Por isso, ficando o seu plano desbaratado e a sua esperança iludida, a cólera do rei inflamou-se com ardor. Recordando a data que os Magos tinham indicado, derramou a raiva da sua crueldade sobre todas as crianças de Belém e numa matança geral fez perecer todos os recém-nascidos da cidade, fazendo-os passar para a glória eterna. Pensou que nenhuma criança tinha escapado da morte nesse lugar e, por isso, que Cristo tinha também morrido. Mas Ele, que reservava para outro tempo a efusão do Seu sangue para a redenção do mundo, tinha fugido para o Egito, levado pelo cuidado dos Seus pais. Restaurava assim a antiga linhagem do povo hebreu e exercia o principado do verdadeiro José, usando de um poder e de uma providência muito maior que a sua, pois vinha libertar os corações dos egípcios de uma fome mais terrível do que toda a indigência, que eles sofriam pela ausência da verdade, já que Ele veio do Céu como verdadeiro pão de vida (cfr. Jo 6, 51). De modo que este país não seria já estranho à preparação do mistério da única vítima, onde, pela imolação do cordeiro, tinham sido prefigurados pela primeira vez o sinal salvador da cruz e a Páscoa do Senhor».

## São Leão Magno, Papa (século V)

### Homilia 3 na solenidade da Epifania.

\*\*\*

«Tal como o agir, também o sofrimento faz parte da existência humana. Este deriva, por um lado, da nossa finitude e, por outro, do volume de culpa que se acumulou ao longo da história e, mesmo actualmente, cresce de modo irreprímível.

Certamente é preciso fazer tudo o possível para diminuir o sofrimento: impedir, na medida do possível, o sofrimento dos inocentes; amenizar as dores; ajudar a superar os sofrimentos psíquicos. Todos estes são deveres tanto da justiça como da caridade, que se inserem nas exigências fundamentais da existência cristã e de cada vida verdadeiramente

humana. Na luta contra a dor física conseguiu-se realizar grandes progressos; mas o sofrimento dos inocentes e inclusive os sofrimentos psíquicos aumentaram durante os últimos decénios.

Devemos – é verdade – fazer tudo por superar o sofrimento, mas eliminá-lo completamente do mundo não entra nas nossas possibilidades, simplesmente porque não podemos desfazer-nos da nossa finitude e porque nenhum de nós é capaz de eliminar o poder do mal, da culpa que – como constatámos – é fonte contínua de sofrimento. Isto só Deus o poderia fazer: só um Deus que pessoalmente entra na história fazendo-Se homem e sofre nela. Nós sabemos que este Deus existe e que por isso este poder que « tira os pecados do mundo » (Jo 1,29) está presente no mundo. Com a fé na existência deste poder, surgiu na história a esperança da cura do mundo».

**Bento XVI (século XXI)**

**Carta encíclica Spe salvi, 30-XI-2007, n. 36.**



## **A voz dos Padres**

«Aparecido, pois, o anjo, fala não com Maria, mas com José, e diz-lhe: Levanta-te e toma o Menino e Sua Mãe (Mt 2, 13). Ao ouvir isto, José não se escandalizou nem disse: isto parece um enigma. Tu mesmo me dizias não há muito tempo que Ele salvaria o Seu povo, e agora não é capaz nem de Se salvar a Si mesmo, mas temos necessidade de fugir, de empreender uma viagem e uma longa deslocação. Isto é contrário à tua promessa. Mas não diz nada disto, porque José é um varão fiel. Também não pergunta pelo tempo do regresso, apesar de que o anjo o tenha deixado indeterminado, pois tinha-lhe dito: e fica lá até que eu te avise (Ibid.). No entanto, nem por isso entorpece, antes obedece, acredita e suporta alegremente todas as provas. É bem verdade que Deus, que ama os homens, mistura dificuldades e doçuras, estilo que Ele segue com todos os santos. Nem os perigos nem os consolos no-los dá contínuos, antes de uns e outros vai Ele entretecendo a vida dos justos. Assim fez com José».

**São João Crisóstomo (século IV)**

**Homilias sobre o Evangelho de São Mateus, 8, 3.**

\*\*\*

«Herodes teme, os magos desejam; estes desejam encontrar o Rei, aquele temeu perder o reino. Por último, todos O procuram: aqueles, para viver por Ele; o outro, porque quer dar-Lhe a morte; Herodes, para cometer um grande pecado

contra Ele; os magos, para que lhes perdoe todos os seus. Herodes dá morte a muitas crianças com a intenção de matar um determinado, e enquanto causa tão cruel e sangrenta matança nas pessoas de tantos inocentes, é ele o primeiro a causar a sua própria morte com tanta maldade. Entretanto, o nosso Rei, a Palavra que ainda não fala, enquanto os magos O adoravam as crianças morriam por Ele, ou jazia deitado ou tomava o peito, e antes de falar encontrava crentes e antes de padecer fazia também mártires.

Oh crianças ditosas, recém-nascidas, nunca tentados, nunca forçados a lutar e já coroados! Duvide que fostes coroados, ao padecer por Cristo, quem pense que de nada serve às crianças o Baptismo de Cristo. Ainda não tínheis a idade para crer em Cristo, que havia de sofrer também a Sua paixão, mas tínheis carne em que padecê-la por Ele, que a sofreria posteriormente. De nenhum modo a graça do Salvador abandonaria estas crianças, o Menino que tinha vindo buscar o que se tinha perdido, não só mediante o Seu nascimento, mas também suspenso da cruz. Quem pôde ter como pregoeiros do seu nascimento os anjos, como proclamadores os céus e como adoradores os magos, poderia conceder-lhes que não morressem aqui por Ele, se soubesse que com aquela morte iam perecer e não viver numa felicidade maior. Longe, longe de nós pensar que, vindo libertar os homens, Cristo não se preocupasse com a recompensa para aqueles que iam morrer por Ele que, pendente da cruz, orou inclusivamente pelos seus assassinos».



### **Santo Agostinho (séculos IV-V)**

#### **Sermão 373, 2-3.**

\*\*\*

«Que temes, Herodes, ao ouvir que nasceu um Rei? Ele não veio expulsar-te a ti, mas para vencer o Maligno. Mas tu não entendes estas coisas e por isso perturbaste e enfureces-te, e, para que não escape o que procuras, mostras-te cruel, dando a morte a tantas crianças. Nem a dor das mães que gemem, nem o lamento dos pais pela morte dos seus filhos, nem o choro e os gemidos das crianças te fazem desistir do teu propósito. Matas o corpo das crianças, porque o temor te matou em ti o coração (...).

As crianças sem o saber, morrem por Cristo; os pais fazem luto pelos mártires. Cristo fez Suas dignas testemunhas os que ainda não podiam falar. É esta a maneira com reina Aquele que veio para reinar. É assim que o Libertador concede liberdade e o Salvador dá a salvação... Oh! grande dom da graça! De quem são os merecimentos para que triunfem assim as crianças? Ainda não falam, e já confessam Cristo. Ainda não podem entabular batalha, valendo-se dos seus próprios membros, e já conseguem a palma da vitória».

### **São Quodvultdeus (século V)**

#### **Sermão 2, sobre o Símbolo.**

## A voz dos santos

«Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo. Ao ouvir isto, o Rei Herodes ficou perturbado, e com ele toda a cidade de Jerusalém (Mt 2, 2-3). Esta cena continua a repetir-se nos nossos dias. Perante a grandeza de Deus, perante a decisão – seriamente humana e profundamente cristã – de viver de modo coerente com a fé, há quem fique desconcertado, e mesmo quem se escandalize, sem nada entender. Dir-se-ia que não admitem a existência de outra realidade para além dos seus acanhados horizontes terrenos. Em face das manifestações de generosidade que observam no comportamento dos que ouviram o chamamento do Senhor, sorriem com displicência, assustam-se, ou então - em casos que parecem verdadeiramente patológicos - obstinam-se em pôr obstáculos à santa determinação tomada por uma consciência com plena liberdade.



Já várias vezes tive oportunidade de assistir a essa espécie de mobilização geral contra quem se decide a dedicar toda a sua vida ao serviço de Deus e do próximo. Há pessoas que estão convencidas que o Senhor não pode escolher quem quer que seja sem lhes pedir primeiro autorização a eles; e de que o homem não tem inteira liberdade para aceitar ou recusar o Amor. Para quem pensa desse modo, a vida sobrenatural de cada alma é algo de secundário; julgam que se lhe deve prestar atenção, mas só depois de satisfeitos os pequenos comodismos e os egoísmos humanos (...).

Considerai o caso de Herodes. É um poderoso da terra e tem oportunidade de recorrer à colaboração dos sábios: convocando todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Messias. O poder e a ciência não o levam ao conhecimento de Deus. Para o seu coração empedernido, o poder e a ciência são instrumentos da maldade: o desejo inútil de aniquilar Deus, o desprezo pela vida de um punhado de crianças inocentes».

**São Josemaria (século XX)**

**Cristo que passa, n. 33.**

\*\*\*

«Não nos entristecemos pela Sua morte, alegremo-nos, antes, porque receberam o prémio merecido. Quando eles morreram entre os tormentos, Raquel, ou seja, a Mãe Igreja, acompanhou-os com luto e lágrimas. Mas a Jerusalém celestial, que é Mãe de todos nós, acolheu imediatamente com sinais de alegria os que tinham sido audazes na terra e introduziu-os na glória do Seu Senhor, para que recebessem d'Ele a coroa. Por este motivo, São João afirma que "estavam diante do trono e diante do Cordeiro, revestidos com vestes brancas, com palmas nas suas mãos" (Ap 7,9). Agora, coroados, estão de pé diante do trono de Deus os mesmos que antes jaziam, esmagados pelos sofrimentos, diante dos tribunais terrenos. Estão na presença do Cordeiro e não poderão ser excluídos, por motivo algum, da contemplação da Sua glória, do mesmo modo que aqui em baixo nenhum suplício pôde apartá-los do amor (...). "Por isso estão diante do trono de Deus e O servem de dia e de noite no Seu Templo" (Ap 7, 15).

Estar na presença de Deus, louvá-Lo sem interrupção, não é um serviço custoso, é antes algo muito grato e desejável; a expressão "de dia e de noite" não significa propriamente sucessão no tempo, indica antes de modo simbólico

a perpetuidade. Nos claustros de Cristo "já não existirá a noite" (Ap 21, 25), mas um dia único, mais feliz do que mil dias em qualquer outro lugar. Nesse dia, Raquel já não chorará pelos seus filhos, pois Deus "enxugará as lágrimas dos seus olhos" (Ap 7, 17); mas "há gritos de júbilo e de vitória nas tendas dos justos" (Sal 117, 15)».

**São Beda o Venerável (séculos VII-VIII) Homilia sobre os Santos Inocentes 1, 10.**

## **A voz dos poetas**

Desterrado parte o Menino,  
e chora;  
disse-lhe Sua Mãe assim, e chora.

Calai, meu Senhor, agora.  
Ouvi prantos de amargura,  
pobreza, temor, tristura,  
águas, ventos, noite escura,  
com que vai Nossa Senhora,  
e chora;  
calai, meu Senhor, agora.

O desterro que sofreis  
é a chave com que abris  
ao mundo que redimis,  
a cidade em que Deus mora  
e chora;  
calai, meu Senhor, agora.

Não pode ficar nisto;  
morrereis, e não tão presto;  
mas a cruz do serás posto  
me trespassa desde agora,  
e chora;  
calai, meu Senhor, agora

Calai-vos, minha luz é aviso,  
pois que vosso Pai quis  
que sejais do paraíso  
Flor que nunca se desflora,  
e chora;  
calai, meu Senhor, agora.

Oh grande Rei de minhas entranhas,  
como ides pelas montanhas,  
fugindo para terras estranhas  
da mão matadora!  
e chora;  
calai, meu Senhor, agora.

Vós tomais esta viagem  
por guardar a homenagem  
que fizeste à linhagem  
da gente pecadora,  
e chora;  
calai, meu Senhor, agora.

Com seu Filho já fugindo,  
já cansado, já temendo,  
já tremendo, já correndo  
atrás da fé, sua guia,  
e chora;  
calai, meu Senhor, agora.

Chora o Menino do látego,  
da água e do desabrigo  
com a Mãe, que é testemunha,  
nossa luz que ilumina,  
e chora;  
calai, meu Senhor, agora.

Oh os que vão caminhando,  
temendo e atrás mirando  
se os ia já alcançando  
a gente perseguidora!  
E chora;  
calai, meu Senhor, agora.

À Virgem sem mancha  
a verde palma se humilha,  
em sinal de maravilha,  
que é do céu imperadora,  
e chora;  
calai, meu Senhor, agora.

Este frio não Vos fatigue,  
nem Herodes que vos persegue,  
pelo grande bem que se segue  
esta vida penosa,  
e chora;  
calai, meu Senhor, agora.

Pela ira herodiana  
que sofreis, Filho, de gana,  
dai a glória soberana  
ao que tal desterro adora  
e chora;  
calai, meu Senhor, agora.

Estando o Menino nos seus braços,  
faixazinha de retalhos,  
desfizeram-se em mil pedaços  
os ídolos a destempo  
e chora;  
calai, meu Senhor, agora.

;Oh se soubesses, Egipto,  
quanto já és bendito  
pelo tesouro infinito  
que hoje em ti se entesoura!  
E chora;  
calai, meu Senhor, agora.

# Vida de Maria (VIII): Regresso a Nazaré

## - Magistério, Padres, santos, poetas

O regresso do Egipto a Nazaré foi contemplado por numerosos artistas e santos. Apresenta-se uma selecção de textos sobre este tema.



### A VOZ DO MAGISTÉRIO

Depois da morte de Herodes, quando se dá o retorno da sagrada família a Nazaré, inicia-se o longo período da vida oculta. Aquela que "acreditou no cumprimento das coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor" (Lc 1, 45) vive no dia-a-dia o conteúdo dessas palavras. O Filho a quem deu o nome de Jesus está diariamente ao seu lado; assim, no contacto com Ele, usa certamente este nome, o que não devia, aliás, causar estranheza a ninguém, tratando-se de um nome que era usual, desde havia muito tempo, em Israel. Maria sabe, no entanto, que aquele a quem foi posto o nome de Jesus, foi chamado pelo Anjo "Filho do Altíssimo" (cf. Lc 1, 32). Maria sabe que o concebeu e deu à luz "sem ter conhecido homem", por obra do Espírito Santo, com o poder do Altíssimo que sobre ela estendeu a sua sombra (cf. Lc 1, 35), tal como nos tempos de Moisés e dos antepassados a nuvem velava a presença de Deus (cf. Ex 24, 16; 40, 34-35; 1 Rs 8, 10-12). Maria sabe, portanto, que o Filho, por ela dado à luz virginalmente, é precisamente aquele "Santo", "o Filho de Deus" de que lhe havia falado o Anjo.

Durante os anos da vida oculta de Jesus na casa de Nazaré, também a vida de Maria "está escondida com Cristo em Deus" (cf. Col 3, 3) mediante a fé. A fé é, efectivamente, um contacto com o mistério de Deus. Maria está constante e quotidianamente em contacto com o mistério inefável de Deus que se fez homem, mistério que supera tudo aquilo que foi revelado na Antiga Aliança. Desde o momento da Anunciação, a mente da Virgem-Mãe foi introduzida na "novidade" radical de auto-revelação de Deus e tomou consciência do mistério. Ela é a primeira daqueles "pequeninos" dos quais um dia Jesus dirá: "Pai, ... escondeste estas coisas aos sábios e aos sagazes e as revelaste aos pequeninos" (Mt 11, 25). Na verdade, "ninguém conhece o Filho senão o Pai" (Mt 11, 27).

Como poderá então Maria "conhecer o Filho"? Certamente, não como o Pai o conhece; e no entanto, ela é a primeira entre aqueles aos quais o Pai "o quis revelar" (cf. Mt 11, 26-27; 1 Cor 2, 11). Se, porém, desde o momento da Anunciação lhe foi revelado o Filho, que apenas o Pai conhece completamente, como Aquele que o gera no "hoje" eterno (cf. Sl 2, 7), então Maria, a Mãe, está em contacto com a verdade do seu Filho somente na fé e mediante a fé! Portanto, é feliz porque "acreditou"; e acredita cada dia, no meio de todas as provações e contrariedades do período da infância de Jesus e, depois, durante os anos da sua vida oculta em Nazaré, quando ele "lhes era submisso" (Lc 2, 51): submisso a Maria e também a José, porque José, diante dos homens, fazia para ele as vezes de pai; e era por isso que o Filho de Maria era tido pela gente do lugar como "o filho do carpinteiro" (Mt 13, 55).

A Mãe daquele Filho, por conseguinte, lembrando tudo quanto lhe tinha sido dito na Anunciação e nos acontecimentos sucessivos, é portadora em si mesma da "novidade" radical da fé: o início da Nova Aliança. Este é o início do Evangelho, isto é, da boa nova e jubilosa nova. Não é difícil, porém, perceber naquele início um particular aperto do coração, unido a uma espécie de "noite da fé" - para usar as palavras de São João da Cruz - como que um "véu" através do qual é forçoso aproximar-se do Invisível e viver na intimidade com o mistério (cfr. Subida do Monte Carmelo, II, cap. 3, 4-6). Foi deste modo, efectivamente, que Maria, durante muitos anos, permaneceu na intimidade com o mistério do seu Filho, e avançou no seu itinerário de fé, à medida em que Jesus "crescia em sabedoria ... e graça, diante de Deus e dos homens" (Lc 2, 52). Manifestava-se cada vez mais aos olhos dos homens a predilecção que Deus tinha por ele. A primeira entre estas criaturas humanas admitidas à descoberta de Cristo foi Maria que, com Ele e com José, vivia na mesma casa em Nazaré.

### **S. João Paulo II (século XX). Carta encíclica *Redemptoris Mater*, 25-III-1987, n. 17.**

\*\*\*

«Nazaré é a escola onde começa a entender-se a vida de Jesus, é a escola onde se inicia o conhecimento do Seu Evangelho. Aqui aprendemos a observar, a escutar, a meditar, a penetrar no sentido profundo e misterioso desta simples, humilde e encantadora manifestação do Filho de Deus entre os homens. Aqui se aprende inclusivamente, talvez de uma maneira quase insensível, a imitar essa vida.

Aqui revela-se-nos o método que nos fará descobrir quem é Cristo. Aqui compreendemos a importância que tem o ambiente que rodeou a Sua vida durante a Sua estadia entre nós, e quão necessário é o conhecimento dos lugares, dos tempos, dos costumes, da linguagem, das práticas religiosas, numa palavra, de tudo aquilo de que Jesus se serviu para Se revelar ao mundo. Aqui tudo fala, tudo tem um sentido.

Aqui, nesta escola, compreendemos a necessidade de uma disciplina espiritual se queremos seguir os ensinamentos do Evangelho e ser discípulos de Cristo. Como gostaríamos de ser outra vez crianças e voltar a esta humilde mas sublime escola de Nazaré! Como gostaríamos de voltar a começar, junto de Maria, a nossa iniciação na verdadeira ciência da vida e na mais elevada sabedoria da verdade divina! (...).

A Sua primeira lição é o silêncio. Como desejaríamos que se renovasse e fortalecesse em nós o amor ao silêncio, esse admirável e indispensável hábito do espírito, tão necessário para nós, que estamos atordoados por tanto ruído, tanto tumulto, tantas vozes da nossa ruidosa e extremamente agitada vida moderna. Silêncio de Nazaré, ensina-nos o recolhimento e a interioridade, ensina-nos a estar sempre dispostos a escutar as boas inspirações e a doutrina dos verdadeiros mestres. Ensina-nos a necessidade e o valor de uma conveniente formação, do estudo, da meditação, de uma vida interior intensa, da oração pessoal que só Deus vê.

Oferece-se-nos, além disso, uma lição de vida familiar. Que Nazaré nos ensine o significado da família, a sua comunhão de amor, a sua simples e austera beleza, o seu carácter sagrado e inviolável, o doce e insubstituível que é a sua pedagogia e o fundamental e incomparável que é a sua função no plano social.

Finalmente, aqui aprendemos também a lição do trabalho. Nazaré, a casa do filho do artesão: como desejamos compreender mais neste lugar a austera mas redentora lei do trabalho humano e exaltá-la devidamente, restabelecer a consciência da sua dignidade, de maneira que fosse patente para todos; recordar aqui, sob este tecto, que o trabalho não pode ser um fim em si mesmo e que a sua dignidade e a liberdade para o exercer não provêm tão só dos seus motivos económicos, mas também daqueles outros valores que o encaminham para um fim mais nobre».

### **S. Paulo VI (século XX). Alocução em Nazaré, 5-I-1964**

\* \* \*

## **A VOZ DOS PADRES DA IGREJA**

«Convém meditar nas palavras que se seguem. Diz: "Crescia em sabedoria e graça" (Lc 2, 40). Crescer em sabedoria e graça não pertence à natureza divina: desde o princípio tinha tudo e nada lhe faltava. Mas também não há que pensar que, segundo a natureza humana, [Jesus] se fortaleceu mais ou foi mais cheio daquele Espírito Santo que habitava n'Ele, pois desde o primeiro momento teve o supremo grau de inabituação da graça. Com efeito, mediante a união das

duas naturezas, imediatamente "n'Ele habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade" (Col 2, 9), como afirma o santo Apóstolo Paulo.



Assim, as palavras: "Crescia em sabedoria e graça" (Lc 2, 40), ensinam que desde o primeiro momento da inabitação da humanidade na divindade, a plenitude de graça e de sabedoria se manifestava e resplandecia cada vez mais, de acordo com o desenvolvimento e o crescimento corporal; não recebia uma nova graça ou uma sabedoria superabundante, mas a plenitude de graça e de sabedoria manifestava-se por meio das Suas gloriosas acções (...). No entanto, não convinha que a Sua sabedoria se manifestasse fora da idade. E como, segundo a ordem da natureza, se requer esperar pelos doze anos para atingir a plenitude da razão, assim considerou Ele coisa boa atingi-la ao chegar aos doze anos».

#### **São Máximo o Confessor (século VII). Vida de Maria, n. 60.**

\*\*\*

«O Menino Jesus, que hoje nasceu para nós, cresce em sabedoria, idade e graça naqueles que O acolhem, mas em diversa medida. Não é idêntico em todos, mas adapta-Se à disponibilidade e à capacidade de cada um e, na medida em que é acolhido, mostra-Se como criança, como adolescente ou como adulto. É como um ramo na videira: não aparece sempre do mesmo modo, mas muda com o decorrer das estações; germina, floresce, converte-se em fruto, chega a fazer-se vinho.

A videira encerra já a promessa no fruto ainda não pronto para o vinho, mas aguarda a estação propícia. No entanto, não se pode dizer que o ramo esteja desprovido de atractivo. Em lugar de deleitar o gosto, deleita o olfacto; e na espera da vindima, fortalece o coração com a esperança. A fé firme e segura da graça que se espera é já gozo para quem aguarda com paciência. Assim sucede com a uva de Chipre: promete o vinho embora ainda não o seja. E com a sua flor (a flor é a esperança) dá garantias da graça futura. Quem adere plenamente mediante a sua vontade à lei do Senhor, e medita nela de dia e de noite, cresce como uma árvore frondosa regada por veias de água viva e produz fruto a seu tempo».

#### **São Gregório de Nisa (século IV). Homilia II sobre o Cântico dos Cânticos (PG 44, 802-804).**

\* \* \*

## A VOZ DOS SANTOS

«S. Mateus, ao narrar estas cenas no seu Evangelho, põe constantemente em destaque a fidelidade de José, que cumpre sem vacilações os mandatos de Deus, embora por vezes o sentido desses mandatos lhe possa parecer obscuro ou se lhe oculte a sua conexão com o resto dos planos divinos.



A fé de José não vacila, a sua obediência é sempre estrita e rápida. Para compreender melhor esta lição que aqui nos dá o Santo Patriarca, é bom que consideremos que a sua fé é activa e que a sua obediência não se parece com a obediência de quem se deixa arrastar pelos acontecimentos. Porque a fé cristã é o que há de mais oposto ao conformismo ou à falta de actividade e de energia interiores.



José abandonou-se sem reservas nas mãos de Deus, mas nunca deixou de reflectir sobre os acontecimentos, e assim recebeu do Senhor a inteligência das obras de Deus, que é a verdadeira sabedoria. Deste modo, aprendeu a pouco e pouco que os planos sobrenaturais têm uma coerência divina, que às vezes está em contradição com os planos humanos.

Nas diversas circunstâncias da sua vida, o Patriarca não renuncia a pensar, nem se alheia da sua responsabilidade. Pelo contrário: põe toda a sua experiência humana ao serviço da fé. Quando volta do Egipto, ouvindo que Arquelau reinava na Judeia em vez de seu pai Herodes, temeu ir para lá. Aprendeu a mover-se dentro dos planos divinos e, como confirmação de que Deus quer o que ele pressentia, recebe a indicação de se retirar para a Galileia.

Assim foi a fé de S. José: plena, confiante, íntegra, manifestando-se numa entrega real à vontade de Deus, numa obediência inteligente. E, com a Fé, a Caridade, o Amor. A sua fé funde-se com o amor: com o amor de Deus que estava a cumprir as promessas feitas a Abraão, a Jacob, a Moisés; com o carinho de esposo para com Maria e com o carinho de pai para com Jesus. Fé e amor na esperança da grande missão que Deus, servindo-se também dele – um carpinteiro da Galileia – estava a começar no mundo: a redenção dos homens.»

**São Josemaria (século XX). Cristo que passa, n. 42.**

\* \* \*

## A VOZ DOS POETAS

O infinito Menino vai crescendo,  
e com garbo e graça sobrehumana  
dá passinhos pela mão asiendo  
à que pisa a imortal Diana;  
dela para o justo José parte correndo,  
e dos braços com que o universo aplanas  
asas fazendo, voa para o doce ninho  
do terno coração do seu querido...

Pendendo alegre do amado colo,  
e achando-Se seguro entre seus braços,  
o rosto grave junta ao Seu belo,  
premiando seus dulcíssimos abraços:  
Talvez deixe os braços de Sua mãe,  
e cheio de amoroso regozijo  
por ver que tal favor a José agrade,  
balbuciando com ele, pai! lhe disse.

Ele com afecto e com amor de pai  
filho! lhe chama, sendo de Deus Filho;  
encosta o seu rosto ao de escarlate e neve,  
e das suas rosas o alento bebe.  
Já o Menino Deus os alvos peitos deixa  
ricos do seu alimento soberano,  
e nos pés de ouro já com maior força,  
e anda sem que ninguém Lhe dê a mão;  
chora se vê que seu José se afasta,  
e vendo-o voltar se alegre ufano;  
ásele e diz cheio de alegria:  
"Pai, dê-nos o pão de cada dia"...

**José de Valdivielso (siglos XVI-XVII). Vida, excelencias y muerte del glorioso Patriarca y Esposo de Nuestra Señora San José, canto XIX.**

////////////////////////////////////

# Vida de Maria (VIII): Regresso a Nazaré (Texto)

Neste mês contemplam-se os primeiros anos da Sagrada Família em Nazaré, no regresso do Egipto, quando Jesus ia crescendo e fortificando-Se como homem, graças aos cuidados de Maria e de José.



Não se sabe com certeza o tempo que durou a estada da Sagrada Família no Egipto. A maior parte dos estudiosos pensa que se prolongou por um ou dois anos. São Mateus, o evangelista que nos relata estes acontecimentos, mostra-se lacónico, como noutras ocasiões. Morto Herodes — escreve — o Anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, no Egipto e disse-lhe: "Levanta-te, toma o Menino e Sua mãe, e vai para a terra de Israel; porque morreram os que procuravam tirar a vida ao Menino" ( Mt 2, 19-20).

A resposta do Patriarca foi imediata, como noutras ocasiões: Ele levantou-se, tomou o Menino e Sua mãe, e voltou para a terra de Israel ( Mt 2, 21). Nem uma dúvida, nem uma vacilação. Apenas o tempo necessário para recolher as ferramentas do seu ofício, os poucos bens de que dispunha. Ter-se-ia despedido das pessoas em cuja companhia tinha vivido aqueles meses e teria feito as diligências adequadas para empreender o regresso.

***"ELE LEVANTOU-SE, TOMOU O MENINO E SUA MÃE E VOLTOU PARA A TERRA DE ISRAEL" (MT 2, 21). NEM UMA DÚVIDA, NEM UMA VACILAÇÃO. APENAS O TEMPO NECESSÁRIO PARA RECOLHER AS FERRAMENTAS DO SEU OFÍCIO, OS POUCOS BENS DE QUE DISPUNHA.***

As tradições coptas indicam que a Sagrada Família fez a viagem de regresso por via marítima, e não por terra. É uma hipótese provável. Uma vez terminado o perigo, este caminho era mais económico e oferecia menos privações do que os trilhos das caravanas terrestres. Provavelmente partiram nalguma das numerosas embarcações que sulcavam o Nilo a partir de Menfis (actualmente Cairo) até Alexandria, onde apanhariam um pequeno barco que, em quatro ou cinco dias, navegando próximo da costa do Mediterrâneo, atracava em Ascalón, Joppe ou Yamnia.

Ao desembarcar, José recolheu informações sobre o novo rei da Judeia. Era Arquelau, filho de Herodes, e quase tão cruel como o pai, pois acabava de decapitar vários milhares de súbditos no próprio Templo. Num primeiro momento, o esposo de Maria tinha pensado estabelecer-se em Belém, lugar do nascimento do Messias; mas como o anjo não tinha indicado nada de concreto — tinha-lhe dito somente que regressasse à terra de Israel — encarou a possibilidade de ir para um lugar que não estivesse sujeito à jurisdição do rei. O Senhor confirmou-o nos seus propósitos por intermédio de um anjo: ouvindo dizer que Arquelau reinava na Judeia (...), teve medo de ir para lá; e, avisado por Deus em sonhos, retirou-se para a região da Galileia ( Mt 2, 22). Se a profecia de Miqueias tinha anunciado o nascimento de Jesus em Belém, outros oráculos — como São Mateus indica— designavam Nazaré como o lugar onde o Messias havia de crescer e

chegar à idade adulta. E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, cumprindo-se deste modo o que tinha sido anunciado pelos profetas: "Será chamado nazareno" ( Mt 2, 23).

A viagem de regresso foi tranquila e repousada, em etapas curtas. Podemos imaginar a emoção da Virgem e do seu Esposo quando, ao atravessar a planície de Esdrelón, já na Galileia, foram descobrindo os locais que lhes eram familiares, nos quais tinham decorrido os anos da sua meninice e adolescência. Em Nazaré reencontraram-se com parentes e amigos, que ficariam assombrados ao vê-los regressar depois de tantos meses sem terem notícias deles. Não faltariam as perguntas embaraçosas, motivadas pelo carinho e uma sã curiosidade, a que responderiam com descrição, para não revelar a verdade sobre Jesus que só eles guardavam no coração.

***ERA UMA FAMÍLIA EM QUE O AMOR A DEUS E AOS OUTROS SE IDENTIFICAVA COM OS CUIDADOS QUE DISPENSAVAM A JESUS, VERBO ETERNO DO PAI.***

Instalaram-se numa pequena casa, uma construção pobre contígua a uma das grutas tão frequentes em Nazaré. Talvez a encontrassem em mau estado, depois de tanto tempo sem estar habitada, mas não se lamentaram: imediatamente puseram mãos à obra. José reparou-a do melhor modo possível, Maria limpou-a com cuidado, talvez ajudada por Maria de Cléofas, sua prima, mãe de Santiago e de José, de Simão e de Judas e de outras pessoas da família.

A vida e o trabalho da Sagrada Família retomaram o seu ritmo quotidiano, sem nenhum acontecimento especial digno de referência. São Lucas, que a partir deste momento retoma a sua narração, refere secamente que o Menino crescia e fortificava-Se cheio de sabedoria, e a graça de Deus estava com Ele ( Lc 2, 40). A Virgem Santíssima, como todas as mães, seguia com olhar amoroso o crescimento humano do seu Filho e Senhor, cheia de admiração diante da naturalidade do modo de agir de Deus. José trabalhava com empenho, agradecido de servir com o seu trabalho o mistério da Redenção. Era uma família em que o amor a Deus e aos outros se identificava com os cuidados que dispensavam a Jesus, Verbo eterno do Pai, que aprendia a falar com palavras humanas e a amar com coração de homem.

**J.A. Loarte**

////////////////////////////////////

# Vida de Maria (IX): Jesus entre os doutores (Texto)

Que angústia a da Virgem Maria quando se apercebeu de que se tinha perdido o Menino! Encontrou-O em Jerusalém, como se contempla neste novo artigo sobre a vida de Nossa Senhora.



A Lei de Moisés obrigava os varões israelitas a apresentarem-se diante do Senhor três vezes por ano: na Páscoa, no Pentecostes e na festa dos Tabernáculos. Esse dever não afectava as mulheres nem os meninos antes de completarem 13 anos, idade em que ficavam sujeitos em tudo aos ditames da Lei. No entanto, entre os israelitas piedosos, era frequente que também as mulheres subissem a Jerusalém para adorar a Deus, por vezes na companhia dos filhos.

No tempo de Jesus, era costume que apenas os que residiam a menos de um dia de viagem fizessem essa peregrinação, que além disso se costumava limitar à festa da Páscoa. Como Nazaré distava de Jerusalém vários dias de caminho, também José não estava estritamente obrigado pelo preceito. No entanto, tanto ele como Maria iam todos os anos a Jerusalém pela festa da Páscoa ( Lc 2, 41). O evangelista não diz se Jesus os acompanhava nessas ocasiões, como era frequente nas famílias piedosas. Só agora fala expressamente desta viagem, talvez para fixar cronologicamente o episódio que se dispõe a relatar, talvez porque o Menino, entrado já no décimo terceiro ano de vida, podia considerar-se obrigado ao preceito. E assim, quando chegou aos doze anos, foram a Jerusalém segundo o costume daquela festa ( Lc 2, 42).

Jerusalém era uma massa fervilhante de peregrinos e comerciantes. Tinham chegado caravanas das regiões mais remotas: dos desertos da Arábia, das margens do Nilo, das montanhas da Síria, das cultas cidades da Grécia... Reinava a confusão por todo o lado: burros, camelos e bagagem enchiam as ruas e os arredores da cidade. E no Templo, os fiéis aglomeravam-se para oferecer os seus sacrifícios e fazer as suas orações.

***PODEMOS IMAGINAR OS PENSAMENTOS DE NOSSA SENHORA: SERIA ESTA A ESPADA DE DOR, PREDITA POR SIMEÃO, QUE LHE IA ATRAVESSAR O CORAÇÃO?***

Com não menos confusão se preparavam para o regresso para o lugar da procedência, homens e mulheres em separado; as crianças, de acordo com a idade, podiam juntar-se a um ou a outro grupo. Não havia uma organização férrea; bastava saber o lugar e a hora aproximada da partida. Não é estranho que, acabados os dias que ela (a festa) durava, quando voltaram, o Menino ficou em Jerusalém, sem que os Seus pais o advertissem ( Lc 2, 43).

Maria e José não se aperceberam até que, ao cair a tarde do primeiro dia de viagem, as caravanas da Galileia fizeram uma paragem no caminho para passar a noite. Que angústia a sua, quando notaram a falta de Jesus! Gastaram as horas que restavam do dia procurando-O entre os parentes e conhecidos ( Lc 2, 44). A toda a pressa, talvez nessa mesma noite, regressaram a Jerusalém à Sua procura. Encaminharam-se para o local onde tinham comido o cordeiro pascal, foram ao Templo, perguntaram aos amigos e conhecidos que encontravam pelas ruas. Tudo em vão, ninguém tinha visto Jesus. Podemos imaginar os pensamentos de Nossa Senhora: seria esta a espada de dor, predita por Simeão, que lhe ia atravessar o coração?

Assim decorreu o segundo dia, com ansiedade e dor. Voltaram uma e outra vez a percorrer os locais onde tinham estado, até que ao terceiro dia de buscas O encontraram no Templo, seguramente num dos salões, situados junto aos átrios, que os escribas utilizavam para dar as suas lições. Era uma cena frequente nos dias de festa: o mestre, num assento de cerimónia em local elevado, para ser bem visto e ouvido, com um rolo do livro sagrado nas mãos, explicava alguma passagem da Escritura aos ouvintes, que escutavam sentados no chão. De vez em quando, o escriba fazia alguma pergunta ao auditório, à qual respondiam os alunos mais adiantados. Foi assim que José e Maria encontraram Jesus: sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os O ouviam estavam maravilhados da Sua sabedoria e das Suas respostas ( Lc 2, 46-47).

***MARIA E JOSÉ ACATARAM OS PLANOS DE DEUS, COM UMA HUMILDADE E UMA DOCILIDADE PLENAS. É UMA LIÇÃO PARA TODOS OS CRISTÃOS, QUE NOS CONVIDA A ACEITAR COM AMOR AS MANIFESTAÇÕES DA PROVIDÊNCIA.***

Também a Nossa Senhora e o seu Esposo, quando O viram, admiraram-se ( Lc 2, 48). Mas o seu assombro não se devia à sabedoria das respostas, mas ao facto de ser a primeira vez que sucedia algo semelhante: Jesus, o filho obedientíssimo, tinha ficado em Jerusalém sem os avisar. Não se tinha perdido; tinha-os abandonado voluntariamente.

- Filho, porque procedeste assim connosco? Eis que teu pai e eu Te procurávamos cheios de aflição. Ele disse-lhes: «Por que me procuráveis? Não sabeis que devo ocupar-Me nas coisas de Meu Pai? Eles, porém, não entenderam o que lhes disse ( Lc 2, 48-50).

Ao receber essa resposta, sem a compreender, Maria e José acataram os planos de Deus, com uma humildade e uma docilidade plenas. É uma lição para todos os cristãos, que nos convida a aceitar com amor as manifestações da Providência divina, ainda que por vezes não as entendamos.

**J.A. Loarte**



# Vida de Maria (IX): Jesus entre os doutores. Magistério, Padres e Santos

A cena do encontro entre Jesus e os Seus pais no Templo de Jerusalém, nos textos do magistério, nos Padres da Igreja e Santos.



## A VOZ DO MAGISTÉRIO

«Através deste episódio, Jesus prepara a Sua mãe para o mistério da Redenção. Maria, juntamente com José, vive nesses três dramáticos dias em que o Filho Se separa deles, para permanecer no Templo, a antecipação do tríduo da Sua paixão, morte e ressurreição.

Deixando partir a Sua Mãe e José para a Galileia, sem lhes indicar a intenção de permanecer em Jerusalém, Jesus introduz-os no mistério daquele sofrimento que leva à alegria, antecipando quanto haveria de realizar depois com os discípulos, mediante o anúncio da Sua Páscoa.

A resposta de Jesus em forma interrogativa é densa de significado: «Porque Me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de Meu Pai?» ( *Lc* . 2, 49). Com essa expressão Ele, de modo inesperado e imprevisto, revela a Maria e José o mistério da Sua Pessoa, convidando-os a ultrapassar as aparências e abrindo-lhes perspectivas novas quanto ao Seu futuro.

Esta referência à total dedicação ao projecto de Deus é evidenciada no texto evangélico, pela expressão verbal «é necessário», que aparecerá, depois, no anúncio da Paixão (cf. *Mc* . 8, 31). Aos Seus pais, pois, é pedido que O deixem ir, a fim de cumprir a Sua missão lá onde O conduz a vontade do Pai celeste.

O Evangelista comenta: «Mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse» ( *Lc* . 2, 50). Maria e José não percebem o conteúdo da Sua resposta, nem o modo, que parece ser uma rejeição, com que Ele reage à preocupação deles como pais. Com esta atitude Jesus quer revelar os aspectos misteriosos da Sua intimidade com o Pai, aspectos que Maria intui sem, porém, os saber ligar com a prova que estava a atravessar.

As palavras de Lucas permitem-nos conhecer como Maria vive no mais profundo do seu ser este episódio deveras singular. Ela «guardava todas estas coisas no seu coração» ( *Lc* . 2, 51). A Mãe de Jesus liga os eventos ao mistério do Filho, que lhe foi revelado na Anunciação e aprofunda-os no silêncio da contemplação, oferecendo a sua colaboração no espírito de um renovado «fiat».

Inicia assim o primeiro elo duma cadeia de eventos, que levará Maria a superar progressivamente o papel natural, que deriva da sua maternidade, para se pôr ao serviço da missão do seu divino Filho.

**João Paulo II (século XX). *Discurso na audiência geral*, 15-I-1997.**



\* \* \*

## A VOZ DOS PADRES DA IGREJA

«Feitos os doze anos, detém-Se em Jerusalém. Os Seus pais, não sabendo onde estava, procuram-n'O com inquietação e não o encontram. Procuram-n'O entre os parentes, entre os companheiros de viagem, entre os conhecidos; mas não o encontram com nenhuma destas pessoas. Jesus é procurado pelos seus pais, pelo pai adoptivo que o tinha acompanhado e velado por Ele no Egipto; e, no entanto, apesar de tanta procura, não o encontram logo.

Jesus, com efeito, não se encontra entre os parentes e amigos segundo a carne, não está entre os que se unem a Ele corporalmente. O meu Jesus não pode ser encontrado na multidão.

Aprende onde o encontram os que O procuram, de maneira que também tu — procurando junto de José e Maria — o possas encontrar. Ao procurá-l'O, diz o evangelista, *acharam-n'O no templo* ( *Lc 2, 46*). No O encontraram num lugar qualquer, mas no templo; e nem sequer simplesmente no templo, mas *no meio dos doutores, que escutava e interrogava* ( *Ibid.* ). Procura também tu Jesus no templo de Deus, procura-O na Igreja, procura-O nos mestres que estão dentro do templo e não saem de lá. Se O procurares assim, encontrá-l'O-ás.

Por outro lado, se alguém afirma que é mestre e não possui a Jesus, esse é mestre só de nome; e Jesus, Verbo e Sabedoria de Deus, não se deixa encontrar junto dele. Encontram-n'O enquanto está sentado no meio dos doutores; e não só está sentado, mas interroga-os e escuta-os. Também agora Jesus se encontra aqui connosco, questiona-nos e nos escuta-nos. *E todos os que O ouviam estavam maravilhados* ( *Lc 2, 47*). Porquê? Não era certamente pelas Suas perguntas, embora fossem extraordinárias, mas pelas Suas respostas. Interrogava os doutores e como eles não conseguiam responder a algumas das Suas perguntas, Ele próprio respondia. Mas a Suas respostas não se baseavam na habilidade da discussão, mas na sabedoria da Sagrada Escritura. Também tu, portanto, deixa-te instruir pela Lei divina»

**Orígenes (século III). *Homilias sobre o Evangelho de São Lucas 18, 2-4*.**

\*\*\*

«Não se deve passar por alto a modéstia santa da Virgem Maria. Tinha dado à luz a Cristo; um anjo tinha-se aproximado d'Ela e tinha-lhe comunicado: *eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus. Será grande e será chamado Filho do Altíssimo* ( Lc 1, 31-32). Embora tivesse merecido dar à luz o Filho do Altíssimo, era muito humilde; nem sequer se antepôs ao marido no modo de falar. Não diz: "eu e teu pai", mas: *o teu pai e eu* . Não teve em conta a dignidade do seu seio, mas a hierarquia conjugal.

A resposta do Senhor Jesus Cristo: *convinha que Eu me ocupasse das coisas do Meu Pai* ( Lc 2, 49), não indica que a paternidade de Deus exclua a de José. Como o provamos? Pelo testemunho da Escritura, que afirma textualmente: *Ele disse-lhes: "Porque me procuráveis? Não sabíeis que é necessário que Eu esteja nas coisas do Meu Pai?" Mas eles não compreenderam o que lhes disse. E foi com eles, e veio para Nazaré, e era-lhes submisso* ( Lc 2, 49-51). Não disse: "Era submisso à Sua Mãe", ou: "Era-lhe submisso", mas: *era-lhes submisso* . A quem? Não era aos pais? Um e outro eram pais, a quem Ele era submisso, do mesmo modo que se tinha dignado ser Filho do homem. Mas eles eram pais no tempo e Deus era-o desde a eternidade. Eles eram pais do Filho do homem, o Pai o era do Seu Verbo e Sabedoria, era Pai do Seu Poder, por quem fez todas as coisas».

**Santo Agostinho (séculos IV-V). *Sermão 51, 18-20.***

\* \* \*



## A VOZ DOS SANTOS

«Fixemo-nos nas angústias e pesares que deve ter experimentado esta aflita Mãe durante os três dias que passou a procurar por todos os lados o seu adorado Filho. *Por ventura vistes* — exclamaria com a Esposa dos Cantares — *O amado da minha alma?* ( Ct 3, 3). Mas ninguém lhe sabia responder. Cansada e fatigada, Maria, sem poder achar o íman do seu coração, podia dizer com mais ternura do que Ruben ao não encontrar o irmão José: *o menino já lá não está e eu para onde irei?* ( Gn 37, 30). O meu Jesus não aparece em nenhum lado; não sei que mais devo fazer para o encontrar; mas, para onde irei privada do meu tesouro? Durante aqueles três dias viveu banhada em pranto e podia muito bem repetir aquelas palavras de David: *as lágrimas são o meu pão noite e dia, e durante todo o tempo me perguntam: onde está o teu Deus?* ( Sal 41, 4).

Era tão grande a aflição de Maria, que passou aquelas três noites sem dormir, rogando com abrasadas lágrimas ao Eterno Pai que lhe devolvesse o seu Filho. E com frequência, como observa São Bernardo, dirigia-se ao seu querido Jesus repetindo aquelas palavras da Esposa do Cantares: *mostra-me onde apascentas, onde fazes a sesta ao meio-dia* ( Ct 1, 6). Meu Filho diz-me onde estás, a fim de que não Te vá procurar em vão e à aventura».

**Santo Afonso Maria de Ligório (século XVIII). *As glórias de Maria.***

\*\*\*

«Cristo é uma criança. Que dor a de sua Mãe e a de S. José, porque - no regresso de Jerusalém - não vinha entre os parentes e amigos! E que alegria a sua, quando o vêem, já de longe, doutrinando os mestres de Israel! Mas reparai nas palavras, aparentemente duras, que saem da boca do Filho, ao responder a sua Mãe: *por que me buscáveis?* .

Não era razoável que o procurassem? As almas que sabem o que é perder Cristo e encontrá-lo podem compreender isto ... *Por que me buscáveis? Não sabíeis que devo ocupar-me nas coisas de meu Pai ? Não sabíeis, porventura, que eu devo dedicar totalmente o meu tempo ao meu Pai celestial?*

Este é o fruto da oração de hoje: que nos persuadamos de que o nosso caminhar na terra - em todas as circunstâncias e em todos os momentos - é para Deus; que é um tesouro de glória, uma imagem do Céu; que é, nas nossas mãos, uma maravilha que temos de administrar, com sentido de responsabilidade perante os homens e perante Deus, sem necessidade de mudar de estado, no meio da rua, santificando a nossa profissão ou o nosso ofício, a vida de família, as relações sociais e todas as actividades que parecem à primeira vista só terrenas (...).

Recorre comigo à Mãe de Cristo. Mãe Nossa, que viste crescer Jesus, que o viste aproveitar a sua passagem entre os homens: ensina-me a utilizar os meus dias em serviço à Igreja e às almas. Mãe bondosa, ensina-me a ouvir, no mais íntimo do meu coração, como uma censura carinhosa, sempre que for necessário, que o meu tempo não me pertence, porque é do Nosso Pai que está nos Céus».

**São Josemaría Escrivá de Balaguer (século XX). *Amigos de Deus* , nn. 53-54.**



# Vida de Maria – vidas de trabalho e normalidade em Nazaré (X) : Magistério, Padres e Santos

As vidas ocultas de Cristo, José e Maria – vidas de trabalho e normalidade em Nazaré – tal como a contemplaram o magistério, os Padres da Igreja e outros autores espirituais.

## A VOZ DO MAGISTÉRIO

«Em Maria, a consciência de cumprir uma tarefa que Deus lhe tinha confiado atribuía um significado mais excelso à sua vida quotidiana. Os afazeres simples e humildes de cada dia assumiam, aos seus olhos, um valor singular, já que eram vividos por Ela como serviço à missão de Cristo.

O exemplo de Maria ilumina e encoraja a experiência de inúmeras mulheres, que realizam o seu trabalho quotidiano exclusivamente entre as paredes domésticas. Trata-se de um empenho humilde, oculto, repetitivo e, muitas vezes, não apreciado de modo suficiente. Contudo, os longos anos, vividos por Maria na casa de Nazaré, revelam as suas enormes potencialidades de amor autêntico e, portanto, de salvação. Com efeito, a simplicidade da vida de tantas donas de casa, sentida como missão de serviço e de amor, contém um valor extraordinário aos olhos do Senhor.

E pode-se até dizer que a vida de Nazaré, para Maria, não era dominada pela monotonia. Em contacto com Jesus que crescia, Ela esforçava-se por penetrar o mistério do seu Filho, contemplando e adorando. São Lucas diz: «Maria conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração» (2, 19; cf. 2, 51).

«Todas estas coisas»: são os acontecimentos de que Ela foi, ao mesmo tempo, protagonista e espectadora, a começar pela Anunciação; mas, sobretudo, é a vida do Menino. Cada dia de intimidade com Ele constitui um convite a conhecê-lo melhor, a descobrir mais profundamente o significado da Sua presença e o mistério da Sua pessoa.

Poder-se-ia pensar que para Maria era fácil acreditar, dado que Ela vivia quotidianamente em contacto com Jesus. A respeito disso, porém, é preciso recordar que os aspectos singulares da personalidade do Filho permaneciam habitualmente ocultos; embora o Seu modo de agir fosse exemplar, Ele vivia uma vida semelhante à de tantos dos Seus coetâneos.

Durante os trinta anos da permanência em Nazaré, Jesus não manifesta as Suas qualidades sobrenaturais nem realiza gestos prodigiosos. Às primeiras manifestações extraordinárias da Sua personalidade, ligadas ao início da pregação, os Seus familiares (chamados no Evangelho «irmãos») assumem — segundo uma interpretação — a responsabilidade de O reconduzir a casa, porque julgam que o Seu modo de Se comportar não é normal (cf. Mc . 3, 21).

Na digna e laboriosa atmosfera de Nazaré, Maria esforçava-se por compreender a trama providencial da missão do Filho. Nesse sentido, para a Mãe foi certamente objecto de particular reflexão a frase que Jesus pronunciara no Templo de Jerusalém, quando tinha doze anos: «Não sabíeis que devia estar em casa de Meu Pai» ( Lc . 2, 49). Ao meditar sobre isto, Maria podia entender melhor o sentido da filiação divina de Jesus e o da sua maternidade, empenhando-se em divisar, no comportamento do Filho, os traços reveladores da Sua semelhança com Aquele a Quem Ele chamava «Meu Pai».

A comunhão de vida com Jesus, na casa de Nazaré, levou Maria a progredir não só «na peregrinação da fé» ( LG , 58), mas também na esperança. Essa virtude, alimentada e sustentada pela lembrança da Anunciação e das palavras de Simeão, abrange toda a Sua existência terrena, mas é de modo particular exercida nos trinta anos de silêncio e ocultamento passados em Nazaré.

Entre as paredes domésticas a Virgem vive a esperança de forma excelsa; sabe que não ficará desiludida, ainda que não conheça os tempos e os modos com que Deus realizará a Sua promessa. Na obscuridade da fé e na ausência de sinais extraordinários, que anunciem o início da missão messiânica do Filho, Ela espera, para além de qualquer prova,

aguardando de Deus o cumprimento da promessa. Ambiente de crescimento da fé e da esperança, a casa de Nazaré torna-se um lugar de sublime testemunho da caridade. O amor que Cristo desejava infundir no mundo acende-se e arde, antes de tudo, no coração da Mãe: é precisamente no lar que se prepara o anúncio do Evangelho da caridade divina.

Olhando para Nazaré, contemplando o mistério da vida oculta de Jesus e da Virgem, somos convidados a reflectir sobre o mistério da nossa própria existência, que — recorda São Paulo — «está escondida com Cristo em Deus» ( Col . 3, 3).

Trata-se, com frequência, de uma existência humilde e obscura aos olhos do mundo; porém, de uma existência que na escola de Maria pode manifestar inesperadas potencialidades de salvação, irradiando o amor e a paz de Cristo.»

#### **João Paulo II ( século XX) - Discurso na audiência geral, 29-I-1997.**

«Nazaré recorda-nos o dever de reconhecer e de respeitar a dignidade e a missão conferidas por Deus às mulheres, assim como os seus carismas e talentos especiais. Seja como mães de família, como uma presença vital no mercado de trabalho e nas instituições da sociedade, seja na vocação particular a seguir o Senhor mediante os conselhos evangélicos da castidade, pobreza e obediência, as mulheres desempenham um papel indispensável na criação daquela "ecologia humana" (cf. [Centésimus annus](#) , 39), de que o mundo e também esta terra têm tão urgente necessidade: um ambiente em que as crianças aprendam a amar e a estimar os outros, a ser honestos e respeitadores para com todos, a praticar as virtudes da misericórdia e do perdão.

Aqui pensamos também em São José, o homem justo que Deus colocou à frente da sua casa. Do exemplo forte e paterno de José, Jesus aprendeu as virtudes da piedade viril, da fidelidade à palavra dada, da integridade e do trabalho duro. No carpinteiro de Nazaré, pôde ver como a autoridade posta ao serviço do amor é infinitamente mais fecunda do que o poder que procura dominar. Quanta necessidade tem o nosso mundo do exemplo, da orientação e da força calma de homens como José!

Enfim, ao contemplar a Sagrada Família de Nazaré, dirijamos o nosso olhar ao Menino Jesus, que na casa de Maria e de José cresceu em sabedoria e conhecimento, até ao dia em que deu início ao seu ministério público. Gostaria de transmitir um pensamento particular aos jovens aqui presentes. O [Concílio Vaticano II](#) ensina que as crianças desempenham um papel especial para fazer crescer os seus pais em santidade (cf. [Gaudium et spes](#) , 48). Peço-vos que reflectis sobre isto, permitindo que o exemplo de Jesus vos oriente não apenas na manifestação do respeito aos vossos pais, mas também ajudando-os a descobrir mais plenamente o amor que confere à vossa vida o sentido mais completo. Na Sagrada Família de Nazaré, Jesus ensinou a Maria e José um pouco da grandeza do amor de Deus, seu Pai celeste, fonte última de todo o amor, o Pai do qual toda a paternidade no céu e na terra adquire o seu nome (cf. Ef 3, 14-15).»

#### **Bento XVI (Século XXI) - Alocução em Nazaré, 14-V-2009.**

\*\*\*

## **A VOZ DOS PADRES E ESCRITORES ANTIGOS**

« Aprendamos, filhos, a estar submetidos aos nossos pais. Aqui o maior submete-se ao mais pequeno. Com efeito, vendo que José é maior do que Ele, Jesus honra-o com o respeito que se deve a um pai, dando a todos os filhos um exemplo de submissão aos pais ou, se são órfãos, àqueles que têm a autoridade paterna. Mas porque é que falo dos pais e dos filhos? Se Jesus, o Filho de Deus, se submete a José e a Maria, não deverei eu submeter-me ao Bispo que Deus me deu por pai? Não deverei estar sujeito ao sacerdote que o Senhor me mandou?

Penso que José compreendia bem que Jesus era superior a ele, embora lhe estivesse submetido; e, sabendo isto, dava-lhe ordens com prudência e moderação. Reflecta cada um sobre este facto. Ocorre com frequência que um homem de pouco valor esteja colocado acima de outros melhores do que ele e às vezes sucede que o inferior vale mais do que o superior que governa. Se quem está investido de uma elevada dignidade compreende estas coisas, não se encherá de orgulho por causa da sua mais elevada categoria, mas estará consciente de que o inferior pode ser melhor do que ele, do mesmo modo que Jesus estava submetido a José».

#### **Orígenes (século III) - Homilias sobre São Lucas 20, 5**

\*\*\*

## A VOZ DOS SANTOS E AUTORES ESPIRITUAIS

«Não nos esqueçamos de que a quase totalidade dos dias que Nossa Senhora passou na Terra decorreram de forma muito semelhante à vida diária de muitos milhões de mulheres, ocupadas em cuidar da sua família, em educar os seus filhos, em levar a cabo as tarefas do lar. Maria santifica as mais pequenas coisas, aquilo que muitos consideram erradamente como não transcendente e sem valor: o trabalho de cada dia, os pormenores de atenção com as pessoas queridas, as conversas e as visitas por motivo de parentesco ou de amizade... Bendita normalidade, que pode estar cheia de tanto amor de Deus!

Na verdade, é isso o que explica a vida de Maria: o amor. Um amor levado até ao extremo, até ao esquecimento completo de si mesma, contente por estar onde Deus quer que esteja e cumprindo com esmero a vontade divina. Isso é o que faz com que o mais pequeno dos seus gestos nunca seja banal, mas cheio de significado. Maria, nossa Mãe, é para nós exemplo e caminho. Havemos de procurar ser como Ela nas circunstâncias concretas em que Deus quis que vivêssemos.

Procedendo deste modo, daremos aos que nos cercam o testemunho de uma vida simples e normal, com as limitações e com os defeitos próprios da nossa condição humana, mas coerente. E assim, vendo-vos iguais a eles em tudo, os outros serão levados a perguntar-nos: como se explica a vossa alegria? Donde tirais forças para vencer o egoísmo e o comodismo? Quem vos ensina a viver a compreensão, o espírito de convivência, a entrega, o serviço dos demais?»

**São Josemaria (século XX) - Cristo que passa, n. 148.**

«A Virgem Maria conservava no seu coração, com suma diligência, tudo o que tinha ouvido dizer do Senhor e tudo quanto Ele próprio dizia e fazia. Confiava tudo à memória, para que, quando chegasse a altura de pregar ou de escrever acerca da Sua encarnação, pudesse relatar com exatidão todas as coisas, tal como tinham sucedido.

Imitemos, irmãos, a Santa Mãe do Senhor. Também nós conservemos zelosamente no coração as palavras e as obras do nosso Salvador; meditemo-las de dia e de noite, afastando os incómodos assaltos dos desejos vãos e perversos. Porque, se efetivamente desejamos habitar na casa do Senhor e louvá-Lo por toda a eternidade, na bem-aventurança celestial, é muito necessário que já nesta vida demonstremos claramente o que desejamos para a vida futura: não só indo à igreja cantar os louvores do Senhor, mas testemunhando também com as palavras e com as obras, em qualquer lugar do Seu reino, tudo o que redunde em glória e louvor do nosso Criador».

**São Beda o Venerável (séculos VII-VIII) - Homilias , 1, 19.**

////////////////////////////////////

# Vida de Maria (XI): As bodas de Caná (Texto)

Em Caná encontramos Jesus e a Sua Mãe juntos. Aí, por mediação da Virgem, Cristo realizou um milagre que deu felicidade a uns recém-casados. Novo artigo sobre a vida de Nossa Senhora.

Ao terminar o longo período de Nazaré, o Senhor começou a pregar a chegada do reino de Deus. Todos os evangelistas registam o primeiro ato desta nova etapa: a receção do batismo que o Precursor administrava nas margens do Jordão. No entanto, só São João assinala a presença da Virgem nesses começos da vida pública: três dias depois — anota — *celebrava-se um casamento em Caná da Galileia e estava lá a Mãe de Jesus. Jesus com os Seus discípulos foi também convidado para a boda (Jo 2, 1-2).*

Uma leitura rápida do texto leva a constatar, simplesmente, que Jesus realiza um milagre a pedido da Sua Mãe. A celebração das bodas durava sete dias; e numa aldeia pequena, como Caná, é provável que todos os habitantes participassem de um modo ou de outro nos festejos. Jesus apresentou-Se na companhia dos primeiros discípulos. Não é estranho que, com tantos convivas, o vinho acabasse por escassear. Maria, sempre atenta às necessidades dos outros, foi a primeira a dar conta disso e comunicou-o ao seu Filho: *não têm vinho (Jo 2, 3)*. Depois de uma resposta difícil de interpretar, Jesus atendeu a petição de Sua Mãe e realizou o grande milagre da conversão da água em vinho.

No entanto, o que João nos deseja relatar não acaba aí. Quando escreve o seu evangelho, no final da vida, iluminado pelo Espírito Santo, meditou longamente sobre os milagres e os ensinamentos de Jesus. Aprofundou no significado deste primeiro sinal e pôe em relevo o seu sentido mais profundo. Assim o afirma o Magistério pontifício recente, aceitando as conclusões a que chegaram os estudiosos da Sagrada Escritura nos últimos decénios.

A precisão cronológica com que o evangelista situa o acontecimento tem um profundo significado. Segundo o livro do Êxodo, a manifestação de Deus a Israel para fazer a aliança teve lugar três dias depois de ter chegado ao monte Sinai. Agora, *três dias depois* do regresso à Galileia em companhia dos primeiros discípulos, Jesus vai manifestar a Sua glória pela primeira vez. Por outro lado, a glorificação plena da Sua Santa Humanidade teve lugar *três dias* depois da morte, mediante a ressurreição.

Para além do facto histórico das bodas, João salienta que a presença de Maria no princípio e no final da vida pública de Jesus obedece a um desígnio divino. O apelativo com que o Senhor se dirige a Ela em Caná — chamando-lhe *mulher* em vez de *mãe* — parece manifestar a Sua intenção de formar uma família fundada, não nos laços de sangue, mas sobre a fé. Vem espontaneamente à memória que Deus se dirigiu a Eva do mesmo modo no Paraíso, quando prometeu que da sua descendência sairia o Redentor (cfr. *Gn 3, 15*). Em Caná, pois, Maria apercebe-se de que a sua missão materna não termina no plano natural: Deus conta com Ela para ser Mãe espiritual dos discípulos do seu Filho, nos quais a partir desse momento, graças à sua intervenção junto de Jesus, começa a nascer a fé no Messias prometido. O próprio São João o afirma no final da narração: *foi este o primeiro milagre de Jesus; fê-lo em Caná da Galileia. Assim manifestou a Sua glória e os Seus discípulos acreditaram n'Ele (Jo 2, 11).*

***PARA ALÉM DO FACTO HISTÓRICO DAS BODAS, JOÃO SALIENTA QUE A PRESENÇA DE MARIA NO PRINCÍPIO E NO FINAL DA VIDA PÚBLICA DE JESUS OBEDECE A UM DESÍGNIO DIVINO.***

A maior parte dos estudiosos afirma que essas bodas são um símbolo da união do Verbo com a humanidade. Os profetas tinham-no anunciado: *selarei convosco uma aliança eterna (...). Nações que não conhecias correrão para Ti (Is 55, 3.5)*. E os Padres da Igreja tinham explicado que a água das talhas de pedra, *preparadas para a purificação judaica (Jo 2, 6)*, representavam a antiga Lei, que Jesus vai levar à perfeição mediante a nova Lei do Espírito impressa nos corações.

A nova aliança prometida no Antigo Testamento para os tempos messiânicos anunciava-se com a imagem de um banquete de casamento; abundaria todo o tipo de bens, especialmente o vinho. É significativo que, no relato de São João,

precisamente o vinho tenha grande protagonismo: é mencionado cinco vezes e afirma-se que o que Jesus fez surgir com o Seu poder era melhor do que o que começou a faltar (cfr. Jo 2,10). É também notável o volume de água convertida em vinho: mais de 500 litros. Esta superabundância é típica dos tempos messiânicos.

*Mulher, que nos importa isso a Mim e a ti? Ainda não chegou a Minha hora (Jo 2, 4).* Qualquer que seja o significado exato destas palavras (que, além disso, estariam matizadas pelo tom da voz, a expressão do rosto, etc.), torna-se claro que a Virgem não perde a confiança no Seu Filho: deixou o assunto nas Suas mãos e dirige aos servos uma exortação — *fazei tudo o que Ele vos disser (Jo 2, 5)* — que são as últimas palavras Suas recolhidas no Evangelho.

Nesta breve frase ressoa o eco do que o povo de Israel respondeu a Moisés quando, da parte de Deus, pedia o seu assentimento à aliança do Sinai: *faremos tudo o que o Senhor nos disse (Ex 19, 8)*. Aqueles homens e mulheres foram muitas vezes infiéis ao pacto com o Senhor; os servos de Caná, pelo contrário, obedeceram com prontidão e plenamente. *Jesus disse-lhes: — Enchei as talhas de água. Encheram-nas até cima. Então Jesus disse-lhes: Tirai-o agora, e levai ao chefe de mesa. Eles levaram (Jo 2, 7-8).*

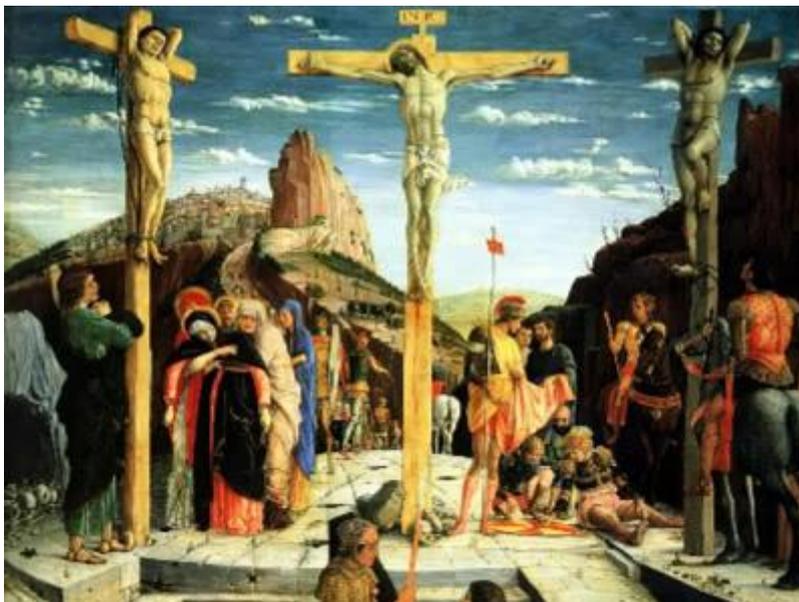
Maria depositou a sua confiança no Senhor e antecipa o momento da Sua manifestação messiânica. Precede na fé os discípulos, que acreditarão em Jesus depois de realizado o prodígio. Deste modo, a Virgem colabora com o seu Filho nos primeiros momentos da formação da nova família de Jesus. O evangelista assim o parece sugerir, concluindo a narração com as seguintes palavras: *depois disto desceu a Cafarnaum com a Sua mãe, Seus irmãos e Seus discípulos; mas não se demoraram lá muitos dias (Jo 2, 12)*. Já está tudo preparado para que o Senhor, com o anúncio da Boa Nova, com as Suas palavras e as Suas obras, dê início ao novo Povo de Deus, que é a Igreja.

**J.A. Loarte**



## Vida de Maria (XII): Junto à Cruz de Jesus (Texto)

"Estavam junto à Cruz de Jesus Sua Mãe, a irmã de Sua Mãe, Maria de Cleofas e Maria Madalena". Assim descreve o Evangelho a cena que se contempla neste artigo sobre a Vida de Maria.



Passaram quase três anos desde o primeiro milagre de Jesus, em Caná da Galileia. O Evangelho quase não nos fala da Virgem Santíssima, nesse lapso de tempo. Talvez, nalgumas ocasiões, fizesse parte do grupo de mulheres que acompanhavam o Senhor nas suas deslocações (cfr. *Lc 8, 1-3*). No entanto, os evangelistas assinalam a sua presença física uma só vez: quando, em companhia de outros parentes que vão ver Jesus, não podendo entrar na casa onde se alojava por causa da multidão, mandaram-nO chamar. A resposta do Senhor foi eloquente: *Quem é Minha mãe e quem são Meus irmãos? E, olhando para os que estavam sentados à volta d'Ele, disse: «Eis Minha mãe e Meus irmãos. Porque quem fizer a Vontade de Deus, esse é Meu irmão, Minha irmã e Minha mãe (Mc 3, 33-35)*. Era o maior elogio da Virgem Maria, a criatura que melhor que ninguém soube cumprir a Vontade do Pai celestial.

***[DURANTE A VIDA PÚBLICA, MARIA] SEGUIA-O DE LONGE, AINDA QUE UNIDA ESPIRITUALMENTE A ELE EM TODOS OS MOMENTOS, COM UMA PROXIMIDADE MUITO MAIOR DO QUE A DOS DISCÍPULOS E DAS SANTAS MULHERES.***

O silêncio dos Evangelhos faz supor – como expõe o Papa João Paulo II numa das suas catequeses marianas – que a Virgem não acompanhou habitualmente Cristo nas suas viagens pela Palestina; seguia-O de longe, embora unida espiritualmente a Ele em todo os momentos, com uma proximidade muito maior do que a dos discípulos e a das santas mulheres. De qualquer forma, João mostra que se encontrava em Jerusalém durante a última Páscoa do Senhor. Talvez tenha ido à Cidade Santa noutras festas semelhantes; mas o Evangelista só agora o assinala expressamente, e fá-lo no contexto do Sacrifício redentor. *Estavam, de pé, junto à Cruz de Jesus, Sua Mãe – escreve – a irmã de Sua Mãe, Maria de Cleofas e Maria Madalena (Jo 19, 25)*. Logo de seguida transmite-nos as palavras que o Senhor dirige a Sua Mãe e a ele próprio, que também lá se encontrava; umas palavras de profundo significado.

Seria muito redutor entender estas palavras de Cristo, no momento supremo da Redenção, como uma simples preocupação, por assim dizer, *familiar*, a do filho que encarrega alguém do cuidado da sua mãe. Encontramo-nos diante de um dos factos mais importantes para entender o papel de Nossa Senhora na obra da Salvação. Já em Caná, Jesus tinha deixado claro que a missão materna de Maria em Nazaré, durante os anos da vida oculta, ia prolongar-se na nova família da Igreja. Os recentes estudos mariológicos põem em relevo – e foram recolhidos pelo Magistério ordinário da Igreja – que estamos diante de uma "cena de revelação" típica do quarto evangelho, o *evangelho dos sinais* por antonomásia.

Jesus olha para Maria, dirige-se a Ela com o apelativo *Mulher*, como em Caná e, indicando o discípulo amado, diz: «*Mulher, eis o teu filho* (Jo 19, 26). Depois, olhando para João, acrescenta: «*Eis a tua mãe*» (Jo 19, 27).

***MARIA É A NOVA EVA QUE, EM UNIÃO COM O NOVO ADÃO E SUBORDINADA A ELE, É CHAMADA A PRESTAR A SUA MEDIAÇÃO MATERNA NA OBRA DA REDENÇÃO.***

Nem a Nossa Senhora, nem a João os chama pelos seus nomes. Maria é a nova Eva que, em união com o novo Adão e subordinada a Ele, é chamada a prestar a sua mediação materna na obra da Redenção. E o evangelista encontra-se aí na qualidade de discípulo fiel, como representante de todos os que haviam de crer em Jesus Cristo até ao fim dos séculos. As palavras do Senhor – palavras de Deus e, portanto, palavras criadoras como as do princípio do mundo – realizam o que significam. A partir desse momento, Maria é constituída Mãe de todos os que viriam à Igreja: *Mater Ecclesiae*, como a chamou Paulo VI ao terminar o Concílio Vaticano II. O seu ventre frutificounuma nova maternidade, espiritual, mas verdadeira; e dolorosa, porque naqueles momentos se cumpria à letra a profecia do velho Simeão: *uma espada trespassará a tua alma* (Lc 2, 35).

Também o coração do discípulo se abriu, nesse mesmo momento, para a consciência de uma filiação – verdadeira, real – que o fazia irmão de Jesus e filho da Sua própria Mãe. Por isso acrescenta: *edesde aquela hora o discípulo recebeu-a na sua casa* (Jo 19, 27); quer dizer, introduziu-a no espaço da sua vida interior, acolheu-a – como verdadeira Mãe – entre os seus bens mais preciosos. A partir daquele instante, e até ao momento da Dormição da Santíssima Virgem, João nunca mais se separou d’Ela.

Só depois da entrega do discípulo à Mãe e da Mãe ao discípulo, Jesus podia dizer que tudo estava consumado, como refere expressamente São João. Depois, após manifestar a Sua sede – sede de almas – para que se cumprisse a Escritura, Jesus clamou com voz forte: *consummatum est!*, tudo está cumprido. *E inclinando a cabeça, entregou o espírito* (Jo 19, 30).

**J. A. Loarte**



# Vida de Maria (XIII): Sepultura de Cristo (Texto)

A cena da Pietà mostra-nos, de novo, Cristo nos braços de Maria. A Mãe acolhe, novamente, o Filho desprezado pelos homens.



Jesus estava morto desde as três da tarde: a hora em que se sacrificavam os cordeiros no templo para a ceia pascal já iminente. O quarto evangelho sublinha esse simbolismo desde os primeiros capítulos, quando – diante de um grupo de discípulos – põe na boca do Batista que, está indicando Jesus, estas palavras: *Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo* (Jo 1,29). Maria permanecia ao pé da Cruz, com João e as santas mulheres. Não podia afastar-se desse lugar, com o olhar fixo em seu Filho. Faltavam-lhe ainda vários desgostos amargos, antes de poder depositar seu corpo no sepulcro.

Ao pôr do sol, perto das seis da tarde, já começava o sábado que, naquele ano era muito solene pois coincidia com a Páscoa dos hebreus. Não era conveniente que, numa festividade tão grande, os corpos dos condenados continuassem pendentes das cruzes. Por isso um grupo de notáveis dirigiu-se a Pilatos rogando-lhe *que mandasse quebrar as pernas dos crucificados e os tirasse da cruz* (Jo 19, 31). O Procurador romano enviou alguns soldados com esse encargo penoso. Podemos imaginar o sobressalto de Maria quando viu aparecer no Calvário esse pelotão armado de lanças. São João descreve a cena: *Quebraram as pernas, primeiro a um dos crucificados com ele e depois ao outro. Chegando a Jesus, viram que estava morto. Por isso, não lhe quebraram as pernas, mas um soldado golpeou-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água.* (Jo 19, 32-34).

A lança atravessou o coração de Jesus já morto e feriu profundamente a alma de Maria, cumprindo a profecia de Simeão: *Uma espada traspassará a tua alma!* (cfr. Lc 2, 35). São João, testemunha ocular, viu neste episódio a

realização de outras profecias; especialmente aquela referente ao cordeiro pascal: *Não quebrarão nenhum dos seus ossos* (Jo 19, 36; cfr. Ex 12, 46). *E um outro texto da Escritura diz: Olharão para aquele que traspassaram* (Jo 19, 37; cfr. Zc 12, 10).

O tempo urgia. José de Arimateia e Nicodemos, homens tementes a Deus e membros do Sinédrio, discípulos ocultos do Senhor, apresentaram-se diante de Pilatos pedindo com audácia que lhes concedesse o corpo do Senhor. Uma vez certificado da morte, Pilatos concedeu a sua autorização. E então apresentou-se José acompanhado de uma grupo de servos que levavam consigo escadas para descer o corpo da cruz, vendas e um lençol grande. Nicodemos foi também, *e trouxe uns trinta quilos de perfume feito de mirra e de aloés* (Jo 19, 39): uma quantidade enorme de perfume, digna da sepultura de um rei. *Pegaram no corpo de Jesus e envolveram-no, com os perfumes, em faixas de linho, do modo como os judeus costumam sepultar* (Jo 19, 40).

### **OLHANDO PARA O CORPO MARTIRIZADO DE CRISTO, APENAS LIMPO O INDISPENSÁVEL**

A piedade cristã deteve-se nesta passagem do Evangelho para contemplar com emoção e recolhimento a imagem de Maria com o seu Filho morto nos seus braços. É a célebre cena da *Pietà*, imortalizada na arte por inumeráveis pintores e escultores. Talvez tenha sido neste momento, olhando para o corpo martirizado de Cristo, apenas limpo o indispensável, que Nossa Senhora e as mulheres entoaram as suas lamentações, como era habitual nos antigos povos do Médio Oriente e como é frequente ainda agora em muitos lugares. O Evangelho é parco em detalhes; porém, em antigos documentos da tradição, esta cena é detalhada, colocando na boca de Maria – como faz, por exemplo, São Efrém, no século IV – lamentações em que Maria expressa a sua dor, ao mesmo tempo em que adere totalmente à Vontade divina.

Por fim, colocaram o corpo de Jesus numa propriedade de José situada a poucos metros do Calvário. *Havia um jardim e, no jardim, um túmulo novo, onde ninguém tinha sido ainda sepultado. Por ser dia de preparação para os judeus, e como o túmulo estava perto, foi lá que colocaram Jesus* (Jo 19, 41-42). José de Arimateia *rolou uma grande pedra na entrada do túmulo e retirou-se* (Mt 27, 60). Estava a ponto de começar o grande e solene sábado. No dia seguinte, apesar da festa, uma embaixada dos príncipes dos sacerdotes e dos fariseus pediu a Pilatos que pusesse uma guarda de soldados nesse lugar. Pilatos assentiu. *Então eles foram assegurar o sepulcro: lacraram a pedra e deixaram ali a guarda* (Mt 27, 66).

A fé em Jesus Cristo, o Messias e Filho de Deus, parecia ter acabado sobre a terra. Porém brilhava com força no coração de sua Mãe, que não havia esquecido a promessa do seu Filho: *Depois de três dias vou ressuscitar* (Mt 27, 63).

**J.A. Loarte**



# Vida de Maria (XIV) - Ressurreição e Ascensão - A voz do Magistério, Padres, santos e poetas

A alegria de Nossa Senhora com a ressurreição do seu Filho e o momento de intimidade e de alegria que devem ter partilhado foi cantado por santos e poetas e contemplado pelos Padres da Igreja e pelo Magistério.



## A VOZ DO MAGISTÉRIO

«Os Evangelhos narram diversas aparições do Ressuscitado, mas não o encontro de Jesus com a sua Mãe. Este silêncio não deve levar a concluir que, depois da Ressurreição, Cristo não tenha aparecido a Maria; convida-nos, pelo contrário, a procurar os motivos dessa escolha por parte dos evangelistas.

Supondo tratar-se de uma «omissão», ela poderia ser atribuída ao facto que tudo o que é necessário para o nosso conhecimento salvífico é confiado à palavra de «testemunhas anteriormente designadas por Deus» (Act. 10, 41), isto é, aos Apóstolos que «com grande poder» deram testemunho da ressurreição do Senhor Jesus (cf. Act. 4, 33). Antes que a eles, o Ressuscitado apareceu a algumas mulheres fiéis, por causa da sua função eclesial: «Ide dizer a Meus irmãos que partam para a Galileia, e lá Me verão» (Mt. 28, 10). Se os autores do Novo Testamento não falam do encontro da Mãe com o Filho ressuscitado, isto talvez seja atribuível ao facto que semelhante testemunho poderia ser considerado, por parte daqueles que negavam a ressurreição do Senhor, muito interessado, e portanto não digno de fé.

Os Evangelhos, além disso, referem um pequeno número de aparições de Jesus ressuscitado, e não certamente o relatório completo de quanto aconteceu nos quarenta dias após a Páscoa. São Paulo recorda uma aparição «a mais de quinhentos irmãos, de uma só vez» (1 Cor. 15, 6). Como justificar que um facto conhecido por muitos não seja referido pelos Evangelistas, apesar do seu carácter excepcional? É sinal evidente de que outras aparições do Ressuscitado, embora consideradas factos reais e notórios, não tenham sido mencionadas. Como poderia a Virgem, presente na primeira comunidade dos discípulos (cf. Act. 1, 14), ter sido excluída do número daqueles que se encontraram com o seu divino Filho, ressuscitado dos mortos?

É antes legítimo pensar que, muito provavelmente, a Mãe tenha sido a primeira pessoa a quem Jesus ressuscitado apareceu. A ausência de Maria do grupo das mulheres que ao alvorecer se dirige ao sepulcro (cf. Mc. 16, 1; Mt. 28, 1), não poderia talvez constituir um indício do facto de Ela já se ter encontrado com Jesus? Esta dedução encontraria

confirmação no dado que as primeiras testemunhas da ressurreição, por vontade de Jesus, foram as mulheres, que tinham permanecido fiéis ao pé da Cruz, e portanto mais firmes na fé. Com efeito, a uma delas, Maria de Magdala, o Ressuscitado confia a mensagem a ser transmitida aos Apóstolos (cf. *Jo. 20, 17-18*). Também este elemento permite talvez pensar que Jesus apareceu em primeiro lugar à sua Mãe, Aquela que permaneceu mais fiel e, na prova, conservou íntegra a sua fé.

Por fim, o carácter único e especial da presença da Virgem no Calvário e a sua perfeita união com o Filho no sofrimento da Cruz, parecem postular uma sua particularíssima participação no mistério da ressurreição.

Um autor do século quinto, Sedúlio, afirma que Cristo Se mostrou no esplendor da vida ressuscitada, antes de tudo, à própria Mãe. Com efeito, Aquela que na Anunciação tinha sido a via do Seu ingresso no mundo, era chamada a difundir a maravilhosa notícia da ressurreição, para se fazer anunciadora da Sua vinda gloriosa. Inundada assim pela glória do Ressuscitado, Ela antecipa o «resplendor» da Igreja (cf. Sedúlio, *Carmen Pascale*, 5, 357-364, CSEL 10, 140 s.).

Sendo imagem e modelo da Igreja, que espera o Ressuscitado e que no grupo dos discípulos O encontra durante as aparições pascais, parece razoável pensar que Maria tenha tido um contacto pessoal com o Filho ressuscitado, para gozar também ela da plenitude da alegria pascal. Presente no Calvário durante a Sexta-Feira Santa (cf. *Jo. 19, 25*) e no Cenáculo, no Pentecostes (cf. *Act. 1, 14*), a Virgem Santíssima foi provavelmente testemunha privilegiada da ressurreição de Cristo, completando desse modo a sua participação em todos os momentos essenciais do Mistério pascal. Acolhendo Jesus ressuscitado, Maria é além disso sinal e antecipação da humanidade, que espera obter a sua plena realização mediante a ressurreição dentre os mortos.»

**S. João Paulo II (século XX) - Catequese mariana na audiência geral, 21-V-1997.**

---

## A VOZ DOS PADRES



«Maria recebeu primeiro que ninguém o anúncio da ressurreição e foi considerada digna de ver primeiro que ninguém o seu Filho e Senhor — visão divinamente bela, cume de todos os bens desejáveis — e de ouvir a Sua doce voz. Acolheu pela fé todos os mistérios da Sua divina economia; e assim como tinha acreditado nos da encarnação, agora acreditava nos da ressurreição. E isto não só porque era a Mãe imaculada e santa, mas também porque tinha permanecido com todo o carinho junto d'Ele na hora da paixão, com Ele tinha sofrido cheia de amor, d'Ele tinha recebido a força de ânimo para não morrer com Ele. Por isso agora vive com Ele e é glorificada com Ele.

Ela deu a notícia aos discípulos, ou melhor, às mulheres que levavam os perfumes. E se no relato da ressurreição os evangelistas não recordaram nada disto, fizeram-no por motivos de conveniência. Omitiram o testemunho da Mãe porque todos o conheciam, ou talvez para que ninguém tivesse o pretexto de não acreditar na ressurreição pelo simples facto de ter sido vista e contada pela Mãe (...).

Assim, a santa Mãe de Deus viu com os seus olhos a ressurreição do seu Filho Rei e, cheia de alegria, foi à casa do discípulo para esperar o momento da ascensão de Cristo (...). No tempo que decorreu entre a ressurreição e a ascensão, o Senhor apareceu muitas vezes à Sua santíssima Mãe, quando achava oportuno; e mais de uma vez a consolava da forma que Ele gostava. Pelo contrário, aos discípulos não lhes aparecia continuamente, mas apenas quando era necessário (...).

Fez-lhes entender muitos mistérios, prometeu-lhes a vinda do Espírito Santo e ordenou-lhes que ficassem em Jerusalém até que fossem revestidos da força do alto. “Depois levou-os para fora da cidade, até Betânia, e abençoou-os” (Lc 24, 49-50). Estava também com eles a santa Mãe de Deus. Era conveniente que lá estivesse, para que o seu coração, que tinha sofrido mais do que os outros na hora da paixão permanecendo inseparavelmente unido a Ele, contemplasse agora a Sua ascensão gloriosa e fosse cumulado de alegria.»

*São Máximo, o Confessor (séculos VI-VII). Vida de Maria, nn. 92-93 (atribuição).*

---

## A VOZ DOS SANTOS E ESCRITORES ESPIRITUAIS

«É coisa comumente admitida que Jesus apareceu depois da ressurreição, em primeiro lugar e separadamente, à Sua Mãe; em primeiro lugar, porque Ela o merecia numa medida especial, por ter permanecido ao pé da cruz martirizadora; separadamente, posto que esta aparição tinha uma razão de ser muito distinta da aparição às outras mulheres e discípulos. Aos discípulos tinha que os voltar a ganhar para a fé; Maria, pelo contrário, tinha que ser recompensada por ela.



Foi uma cena de inenarrável paz e intimidade. Maria, Mãe de Jesus, estava a sós num aposento. Lá fora, as pessoas preparavam-se para um novo dia de trabalho, após o descanso do sábado. Ela, a Mãe de Jesus, não pensava noutra coisa: ressuscitará! Em Maria não tinha lugar aquela surpresa que excitou os discípulos em tal grau, que só lentamente voltaram a si. Como antes tinha pressentido os sofrimentos e os tinha enfrentado com plena consciência, estava também agora preparada para a ressurreição por razão da sua fé.

Não sabemos de que maneira teve lugar a aparição de Jesus à Sua Mãe. A Madalena apareceu com uma figura tal que ela nem sequer O reconheceu ao princípio e tomou-O como o guarda do horto onde estava o sepulcro de Jesus. Aos dois discípulos de Emaús juntou-se-lhes como um homem que ia de viagem. Aos Apóstolos reunidos no cenáculo apareceu-lhes com as portas fechadas. Aos quinhentos discípulos da Galileia reuniu-se na montanha, como se juntam os amigos para uma conversa.

À Sua Mãe mostrou-se-lhe de tal forma que Ela reconhecesse, em todo o caso, que estava em estado glorioso e que já não continuaria a vida comum sobre a terra. As Suas relações já se tinham alterado antes, embora não fosse senão por a ter recomendado a João e ter declarado a este filho de Maria».

**Franz M. Willam (século XX) - Vida de María la Madre de Jesús, pp. 347-348.**

«Aqui tens, portanto, que considerar a alegria de todos os aparecimentos que houve neste dia tão glorioso, que são: a alegria dos Padres do limbo, a quem o Salvador primeiramente visitou e libertou do cativeiro; a alegria da Sacratíssima Virgem Nossa Senhora; a alegria daquelas santas mulheres que O iam ungir ao sepulcro e também a alegria dos discípulos, que tão desconsolados estavam sem o seu Mestre e tanta consolação receberam ao vê-l'O ressuscitado (...).

Pois, a alegria que a Sacratíssima Virgem recebeu neste dia quando viu o Filho ressuscitado, quem a explicará? Porque é certo que como Ela foi a que mais sentiu as dores da Sua Paixão, assim Ela foi a quem coube a maior parte da alegria da Sua ressurreição.

Pois, que sentiria esta bendita Senhora quando visse diante de si o seu Filho vivo e glorioso, acompanhado de todos aqueles santos Padres que ressuscitaram? Como seriam os seus abraços e beijos? E as lágrimas dos seus piedosos olhos? E o desejo de ir atrás d'Ele se lhe fosse concedido?

Pois, que direi da alegria daquelas santas Marias, e especialmente daquela que continuava a chorar ao pé do sepulcro, quando se prostrasse diante dos pés do Senhor e O visse em tão gloriosa figura? E repara bem que depois da Mãe apareceu primeiro àquela que mais amou, mais perseverou, mais chorou e mais solícitamente O procurou; para que assim tenhas por certo que encontrarás Deus se com estas mesmas lágrimas e diligências O procurares».

**Frei Luis de Granada (séculos XV-XVI) - Vida de Jesus Cristo, cap. 26.**

\* \* \*

## A VOZ DOS POETAS



Virá teu Filho de anjos cercado,  
e santas almas na sua luz ardendo  
seu corpo cingirão ressuscitado  
com regozijo grande e doce estrondo:  
ao Filho que miraste ensanguentado  
o verás fontes de prazer vertendo.

Dir-te-á: Oh! Mãe! E tu dir-lhe-ás: Oh! Filho!  
Tu n'Ele, e Ele no teu rosto o rosto fixo.  
Abraçá-lo-ás, e Ele te dará abraços  
Beijar-te-á e lhe darás doces beijos,  
estenderás para o seu pescoço estreitos braços,  
e Ele te dará recíprocos excessos.

Oh! Quem separará tão lindos braços,  
a tão gloriosos braços também presos;  
e quem afastará tão puros lábios,  
que sem dizer palavras são tão sábios!  
Suas mãos colherás, oh! Virgem pura!  
E apertando-as com tuas mãos belas,  
e assim admirado da sua formosura  
tua formosura mirarás nelas:  
do seu lado beberás doçura,

e beberás de amor vivas centelhas;  
e verás na sua alegre e linda cara  
sol, lua, estrelas, céu, lume claro.

A beijar de seus pés as nobres chagas  
te prostrarás diante seus pés divinos,  
e aí receberás gloriosas pagas  
de que teus pés cansados foram dignos,  
e para que o apetite satisfaças  
de regalar-te com seus pés benignos,  
não te elevará tão depressa o Filho eterno,  
e depois te dará o lado terno.

E banharás nele, com a memória  
da que sangue foi, teus lábios roxos,  
e na sua doçura tocarás tua glória,  
e no seu regalo o fim dos teus desgostos;  
e com teus próprios olhos a vitória  
da morte verás vendo seus olhos,  
pois jamais se porá para ti o dia  
enquanto claros te dessem sua luz pia.

Pedir-lhe-ás, Senhora, que se quede,  
que se detenha mais, que não se vá,  
que outra vez torne, pois fazê-lo pode,  
e que da tua dor compaixão haja.  
Dir-lhe-ás que quem ama nunca excede,  
mesmo no presentear passe o risco:  
mas que não lhe dirás de teus amores?

E ele que não te dará de seus favores?  
Assim estará contigo tempo longo  
que a ti parecerá momento breve.

#### **Diego de Hojeda (séculos XVI-XVII) - La Cristiada.**

«Jesus procura Maria a primeira  
que violento que divino que humano desejo  
de abraçar sua própria mãe com sua própria glória  
só por este abraço já morria de ganas de ressuscitar  
era ainda noite escura quando a Virgem saiu às ruas  
seu filho teledirigia esses passos desde a morte  
desde a glória seu filho os orientava  
a Virgem ia criando a primeira via-sacra para a história  
parecia procurar um objeto perdido  
em diversos lugares se inclinava tocando pedras beijando o pó  
eram as catorze marcas de Cristo os objetos da sua adoração  
seu coração não se equivocava nunca  
em trevas seus lábios davam sempre com esse sangue  
melhor que se brilhasse refulgente sobre o caminho  
de repente se fez dia ao seu redor  
o dia era Jesus Cristo que a rodeava  
era o dia rei dos dias para a sua rainha  
Jesus envolveu sua mãe em sua infinita luz

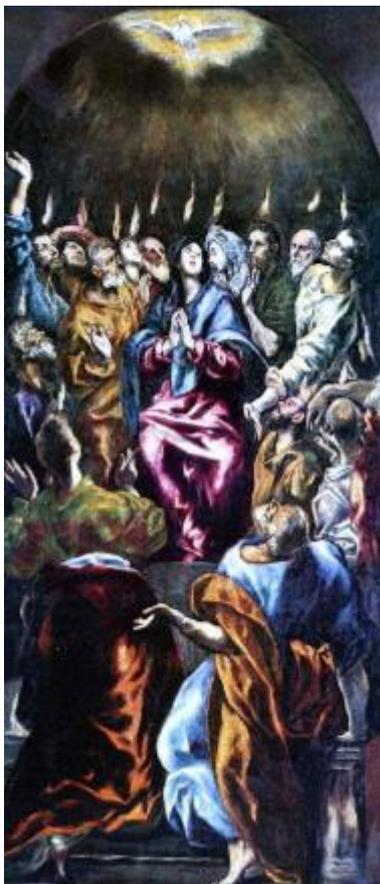
a mãe abraçou Deus filho como sua mãe  
como se toda a criação abraçasse maternalmente seu Criador  
nem os anjos podem medir o que durou esse abraço  
os anjos do Filho se inclinaram diante da sua rainha  
enquanto além no oriente despontava o pequeno sol  
como um sol de brinquedo como um pálido emblema da verdadeira luz».

**José Miguel Ibáñez-Langlois (sécalos XX-XXI) - El libro de la Pasión, IX, 4.**



# Vida de Maria (XV): A vinda do Espírito Santo (Texto)

"Perseveravam unânimes na oração, junto com algumas mulheres e com Maria, Mãe de Jesus, e os seus irmãos". E assim, chegou o Espírito Santo, cena que se contempla neste artigo sobre a vida de Nossa Senhora.



Uma vez que Jesus Cristo subiu ao Céu, as testemunhas desse facto maravilhoso *regressaram a Jerusalém, do monte chamado das Oliveiras, que dista de Jerusalém a jornada de um sábado. Logo que chegaram, subiram ao cenáculo, onde permaneciam habitualmente Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago filho de Alfeu e Simão o Zelador, e Judas irmão de Tiago. Todos eles perseveravam unanimemente em oração, com as mulheres e com Maria, a mãe de Jesus e os Seus irmãos (Act 1, 12-14).*

Cumpriam o mandato de Jesus, que lhes tinha dito que aguardassem na Cidade Santa o envio do Consolador prometido. Foram dez dias de espera, todos à volta de Maria. Que humanamente lógico é o que nos conta a Sagrada Escritura! Ao perder a companhia física do seu Mestre, os mais íntimos reúnem-se em torno da Mãe, que tanto lhes recordaria Jesus: nas feições, no timbre da voz, no olhar carinhoso e maternal, nas delicadezas do seu coração e, sobretudo, na paz que derramava à sua volta. Além dos Apóstolos e das santas mulheres, encontramos os parentes mais próximos do Senhor, esses mesmos que antes tinham duvidado d'Ele, e que agora, convertidos, se estreitam em torno da Virgem de Nazaré.

É fácil imaginar a vida naquele Cenáculo, que devia ser amplo para acolher tantas pessoas. Os dados da tradição não permitem assegurar com certeza de quem era aquela casa, embora duas hipóteses pareçam ser as mais seguras: ou se tratava da casa da mãe de Marcos, o futuro evangelista, a que se refere mais adiante o texto sagrado (cfr. *Act 12, 12*), ou pode ser a casa que a família de João evangelista tinha na Cidade Santa. Em qualquer caso, a oração unânime dos discípulos com Maria produziu logo um primeiro resultado: a eleição de Matias para ocupar o lugar de Judas Iscariotes.

Uma vez completado o número dos doze Apóstolos, continuaram a rezar à espera da efusão do Espírito Santo que Jesus lhes tinha prometido.

Mas nem tudo era rezar; deviam ocupar-se de muito mais tarefas; embora, no fundo, tudo o que faziam era verdadeira oração, porque o seu pensamento estava continuamente em Jesus e tinham com eles Maria. Podemos imaginar as conversas — verdadeiras tertúlias — com a Virgem. Agora que tinham visto Cristo ressuscitado e contemplado a sua ascensão ao Céu, desejavam conhecer muitos detalhes da vida — também da infância — do seu Mestre. E ali estava a Mãe, evocando aquelas recordações sempre vivas no seu coração: o anúncio de Gabriel nos anos já longínquos de Nazaré, os esponsais com José — que muitos deles não tinham conhecido — o nascimento em Belém, a adoração dos pastores e os magos, a fuga para Egipto, a vida de trabalho na oficina de Nazaré... Quantos temas ofereciam as palavras de Maria à oração dos discípulos! Com que nova luz deviam ver todos os acontecimentos vividos junto do Mestre, nos três anos em que O acompanharam por terras da Palestina! Junto de Maria, a Virgem fiel, acendia-se neles a fé, a esperança e o amor: a melhor preparação para receber o Paráclito.

Por fim, ao completarem-se os dias do Pentecostes, *veio do céu um estrondo, como de vento que sopra impetuoso, que encheu toda a casa onde estavam. Apareceram-lhes repartidas umas como línguas de fogo, das quais poisou uma em cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo (Act 2, 2-4).*

***JUNTO DE MARIA, A VIRGEM FIEL, ACENDIA-SE NELES A FÉ, A ESPERANÇA E O AMOR: A MELHOR PREPARAÇÃO PARA RECEBER O PARÁCLITO..***

A maravilha do acontecimento chegou à multidão que havia, nessa altura em Jerusalém: *Partos, Medos, Elamitas, os que habitam a Mesopotâmia, a Judeia, a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia e a Panfília...* (Act 2, 9 ss). Pedro falou à multidão, estimulado pela força do Espírito Santo. Depois chegaria a dispersão dos Apóstolos pela Galileia, Samaria e até aos últimos confins da terra, levando a todas as partes a boa nova do reino de Deus.

Maria agradecia a Deus a conversão daquelas primícias da pregação apostólica, e a incontável multidão de fiéis que viriam à Igreja no decurso dos séculos. Todos tinham lugar no seu coração de mãe, que Deus lhe tinha outorgado no momento da encarnação do Verbo e que Jesus lhe tinha confirmado do madeiro da Cruz, na pessoa do discípulo amado.

**J.A. Loarte**



# Vida de Maria (XVI): Assunção de Nossa Senhora - Magistério, Padres, santos e poetas

A assunção de Nossa Senhora em corpo e alma aos céus, vista por escritores e santos.



## A VOZ DO MAGISTÉRIO

«A Sagrada Escritura apresenta-nos a Mãe de Deus extremamente unida ao seu Filho, e sempre participante da sua sorte. Pelo que parece quase que impossível contemplar aquela que concebeu, deu à luz, alimentou com o seu leite, a Cristo, e o teve nos braços e apertou contra o peito, estivesse agora, depois da vida terrestre, separada dele, se não quanto à alma, ao menos quanto ao corpo. O nosso Redentor é também filho de Maria; e como observador perfeitíssimo da lei divina não podia deixar de honrar a sua Mãe amantíssima logo depois do Eterno Pai. E podendo ele adorná-la com tamanha honra, preservando-a da corrupção do sepulcro, deve crer-se que realmente o fez.

E convém sobretudo ter em vista que, já a partir do século II, os santos Padres apresentam a virgem Maria como nova Eva, sujeita sim, mas intimamente unida ao novo Adão na luta contra o inimigo infernal. E essa luta, como já se indicava no Protoevangelho, acabaria com a vitória completa sobre o pecado e sobre a morte, que sempre se encontram unidas nos escritos do apóstolo das gentes (cf. Rm 5; 6; 1Cor 15,21-26; 54-57). Assim como a ressurreição gloriosa de Cristo constituiu parte essencial e último troféu desta vitória, assim também a vitória de Maria santíssima, comum com a do seu Filho, devia terminar pela glorificação do seu corpo virginal. Pois, como diz ainda o apóstolo, "quando... este corpo mortal se revestir da imortalidade, então se cumprirá o que está escrito: a morte foi absorvida na vitória" (1Cor 15,14).

Deste modo, a augustíssima Mãe de Deus, associada a Jesus Cristo de modo insondável desde toda a eternidade "com um único decreto" (30) de predestinação, imaculada na sua concepção, sempre virgem, na sua maternidade divina, generosa companheira do divino Redentor que obteve triunfo completo sobre o pecado e suas consequências, alcançou

por fim, como suprema coroa dos seus privilégios, que fosse preservada da corrupção do sepulcro, e que, à semelhança do seu divino Filho, vencida a morte, fosse levada em corpo e alma ao céu, onde refulge como Rainha à direita do seu Filho, Rei imortal dos séculos (cf. 1Tm 1,17) (...)

Pelo que, depois de termos dirigido a Deus repetidas súplicas, e de termos invocado a paz do Espírito de verdade, para glória de Deus onipotente que à virgem Maria concedeu a sua especial benevolência, para honra do seu Filho, Rei imortal dos séculos e triunfador do pecado e da morte, para aumento da glória da sua augusta mãe, e para gozo e júbilo de toda a Igreja, com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos s. Pedro e s. Paulo e com a nossa, pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que: a imaculada Mãe de Deus, a sempre virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assumta em corpo e alma à glória celestial".

Pelo que, se alguém, o que Deus não permita, ousar, voluntariamente, negar ou pôr em dúvida esta nossa definição, saiba que naufraga na fé divina e católica».

**Pio XII (século XX) - Constituição apostólica Munificentissimus Deus, 1-XI-1950, nn. 38, 40, 44 e 45.**

---

«É possível que Maria de Nazaré tenha experimentado na sua carne o drama da morte? Reflectindo sobre o destino de Maria e sobre a sua relação com o Filho divino, parece legítimo responder afirmativamente: dado que Cristo morreu, seria difícil afirmar o contrário no que concerne à Mãe.

»Neste sentido raciocinaram os Padres da Igreja, que não tiveram dúvidas a este propósito. É verdade que na Revelação a morte se apresenta como castigo do pecado. Todavia, o facto de a Igreja proclamar Maria liberta do pecado original por singular privilégio divino não induz a concluir que Ela recebeu também a imortalidade corporal. A Mãe não é superior ao Filho, que assumiu a morte, dando-lhe novo significado e transformando-a em instrumento de salvação.

»Empenhada na obra redentora e associada à oferta salvífica de Cristo, Maria pôde partilhar o sofrimento e a morte em vista da redenção da humanidade.

O Novo Testamento não oferece qualquer notícia sobre as circunstâncias da morte de Maria. Este silêncio induz a supor que esta se tenha verificado normalmente, sem qualquer pormenor digno de menção. Se assim não tivesse sido, como poderia a notícia permanecer escondida aos contemporâneos e, de alguma forma, não chegar até nós?

Qualquer que tenha sido o facto orgânico e biológico que, sob o aspecto físico, causou a cessação da vida do corpo, pode-se dizer que a passagem desta vida à outra constituiu para Maria uma maturação da graça na glória, de tal forma que jamais como nesse caso a morte pôde ser concebida como uma «dormida».

**S. João Paulo II (século XX) - Discurso na audiência geral, 25-VI-1997.**

\* \* \*

## **A VOZ DOS PADRES DA IGREJA**

«Quando Cristo, Senhor Nosso, quis retirar do mundo a sua santa e imaculada Mãe para a conduzir ao reino dos céus e lhe outorgar a coroa eterna devida às suas virtudes e fadigas espirituais, enviou de novo o Arcanjo São Gabriel para lhe anunciar a sua gloriosa translação, do mesmo modo que tempo antes lhe tinha anunciado a sua concepção inefável.

Chegou, pois, o Arcanjo e ofereceu-lhe um ramo de palma, sinal de vitória. Assim como um dia tinham saído com ramos de palma ao encontro do seu Filho, vencedor da morte e destruidor do inferno, também o Arcanjo ofereceu à Virgem Santa este ramo, sinal da sua vitória sobre os sofrimentos e a nudez da morte, e disse-lhe: “O teu Filho e Senhor convida-te e diz: chegou a hora de que a Minha Mãe venha para junto de Mim. Por isso me enviou a comunicar-te mais uma vez o anúncio, ó bendita entre as mulheres! Até agora, ó bendita, encheste de alegria os habitantes da terra; a partir de agora, com a tua assunção encherás de gozo os exércitos celestiais e farás brilhar ainda mais as almas dos santos. Salvé! Já to disse uma vez, mas agora tomarás o nome de «cheia de graça» como honra perpétua. Salve, ó cheia de graça,

o Senhor é contigo (Lc 1, 28). As tuas orações e súplicas subiram ao Céu, junto do teu Filho; de acordo com a tua petição, Ele manda-te sair deste mundo para subir às moradas celestiais, para estar com Ele na vida que não terá fim”.

Quando a santa Mãe de Deus, Maria, ouviu este anúncio, cheia de gozo deu ao anjo a resposta que tinha dado tempos antes: eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo afastou-se dela (Lc 1, 38)».

#### **São Máximo, o Confessor (séculos VI-VII) - Vida de Maria, n. 103.**

\* \* \*

«Cumprido já o curso da vida de Maria, quando ia ser chamada deste mundo, todos os Apóstolos, provenientes das diversas regiões, se reuniram em sua casa. E como tivessem conhecimento de que ia ser tomada do mundo, velavam juntamente com Ela; e foi aqui que o Senhor Jesus veio com os seus anjos e, tomando a sua alma, confiou-a ao Arcanjo Miguel e afastou-se.

Ao amanhecer, os Apóstolos tomaram o seu corpo com o leito e colocaram-no num sepulcro, e guardavam-no, aguardando a vinda do Senhor. E foi então que de novo se aproximou deles o Senhor e tomando o santo corpo, mandou que o levassem numa nuvem ao paraíso, onde agora, de novo assumida a alma, goza dos bens eternos, para sempre, alegrando-se com os seus eleitos».

#### **São Gregório de Tours (século VI) - Livro dos milagres 1, 4.**

\* \* \*

«É já hora, diz o Senhor, de te levar comigo, minha Mãe. Como encheste de alegria a terra e os seus habitantes, ó cheia de graça, alegra agora também os habitantes do Céu.

A morte não se gloriará para nada em ti, porque trouxeste no teu seio a Vida. Foste como um recipiente para mim; nada poderá quebrá-lo, nenhuma treva poderá levar-te à obscuridade. Vem ao teu Filho com bom ânimo, que quero fazer-te feliz como só o pode conseguir um bom filho. Quero recompensar-te por me teres hospedado no teu seio, desejo premiar-te pelo leite que me deste como alimento, por me teres criado; quero testemunhar diante de todos que és minha Mãe.

Vem, feliz. Abre o paraíso que Eva, tua mãe, companheira da tua raça, tinha fechado. Vem participar do gozo do teu Filho. Deixa a Jerusalém terrena e corre para a celestial. Estende-te no sepulcro de Getsemani, que não te deixarei só por muito tempo. Virei a ti, serás apenas sepultada, não para que me concebas de novo, mas para que sejas minha companheira. Recosta confiadamente o teu corpo em Getsemani, como Eu, antes da Paixão me prostrei de joelhos naquele mesmo lugar. Do mesmo modo que Eu, caminhei com liberdade, do local em que estive ajoelhado, para a morte vivificadora da cruz, também tu, depois da deposição do teu corpo, serás levada à Vida».

#### **São Germano de Constantinopla (séculos VII-VIII) - Homilia na festa da Assunção.**

\* \* \*

«Era necessário que esta digna sede de Deus, a fonte não escavada da água do perdão, a terra não arada que produz o pão celestial, a vinha não regada que produz frutos de imortalidade, a oliveira sempre verde e frutífera da misericórdia do Pai, não ficasse prisioneira nas entranhas da terra. Como o corpo santo e puro, unido hipostaticamente – por meio d’Ela – ao Verbo divino, ressuscitou ao terceiro dia do sepulcro, também esta deva ser salva da tumba e a Mãe entregue ao Filho; e do mesmo modo que este tinha descido para Ela, também Ela, a predileta, devia ser transportada até ao tabernáculo mais excelente e perfeito, no mesmo Céu (Hb 9, 11 e 24).

Era preciso que Aquela que tinha hospedado no seu seio o Verbo divino fosse transportada à morada do seu Filho; e do mesmo modo que o Senhor tinha dito que devia encontrar-se na casa do Seu Pai, era preciso que também a Mãe vivesse no palácio do Filho na casa do Senhor e nos átrios da casa do nosso Deus (Sal 134, 1 e 135, 2).

Era preciso que Aquela que no parto tinha conservado a virgindade, conservasse o corpo incorrupto também depois da morte.

Era preciso que Aquela que tinha levado no seio, como um menino o Criador, habitasse na morada divina.

Era preciso que a esposa que o Pai tinha escolhido, vivesse na câmara nupcial celeste.

Era preciso que Aquela que tinha contemplado o seu Filho na Cruz, recebendo no coração a espada da dor — que não tinha conhecido no parto — O contemplasse agora sentada junto ao Pai.

Era preciso que a Mãe de Deus chegasse a ser participante dos bens do Filho e que toda a criação a celebrasse como Mãe e serva de Deus. Sempre, com efeito, a herança passa de pais para filhos. Neste caso, pelo contrário, como diz um sábio, as águas dos rios sagrados correm para trás. O Filho submeteu toda a criação a sua Mãe».

**São João Damasceno (séculos VII-VIII) - Homilia II sobre a Dormição da Virgem.**

---

## A VOZ DOS SANTOS

«Começa já Maria a abandonar a terra e, ao lembrar-se das graças que lá recebeu do Senhor, olha-a com afeto, ao mesmo tempo com compaixão, ao considerar que deixa atrás de si os seus pobres filhos, cercados de tantos perigos e envolvidos em tantas misérias. Jesus toma-a pelo manto e a sua augusta Mãe eleva-se pelos ares, atravessa as nuvens e os mundos siderais e chega por fim às portas do Céu. Quando os reis e imperadores vão tomar posse do seu reino, não entram pelas portas da cidade, mas nivelam-nas ou passam por cima delas. Por isso, quando Jesus Cristo entrou no reino da Sua glória os anjos clamavam dizendo: levantai, ó portas, os vossos umbrais! Levantai-vos, ó pórticos antigos, para que entre o Rei da glória (Sal 23/24, 7). De igual modo, quando Maria vai tomar posse do seu reino, os anjos que a acompanham diziam bem alto aos que estavam lá dentro: “Levantai, ó portas os vossos umbrais! Levantai-vos, ó pórticos antigos, para que entre a Rainha da glória”.

Maria entra na pátria bem-aventurada e ao vê-la tão formosa e agraciada, todos os bem-aventurados espíritos exclamam a uma só voz: “Quem é esta formosa criatura tão bela que sobe do deserto da terra, lugar de espinhos e abrolhos? Quem é esta que vem tão pura e tão carregada de tantas virtudes, apoiada no seu amado Senhor? Quem é esta que mereceu entrar na glória com tanta honra e esplendor? Dizei-nos, quem é?”. E os anjos que acompanhavam Maria no seu triunfo, respondiam: “É a Mãe do nosso Rei, é a nossa Rainha, a bendita entre todas as mulheres, a cheia de graça, a Santa dos santos, a predileta de Deus, a Imaculada, a pomba, a mais formosa das criaturas”. Então, aqueles bem-aventurados espíritos começaram a louvá-la e a bendizê-la, cantando, com mais razão do que o fizeram os hebreus de Judit, este sublime cântico: Tu és a glória de Jerusalém, Tu és a alegria de Israel, Tu és a honra do nosso povo (Judit 15, 10)».

**Santo Afonso Maria de Ligório (século XVIII) - As glórias de Maria, parte II, discurso 8, ponto 1.**

---

«Assumpta est Maria in coelum gaudent angeli! - Maria foi levada por Deus, em corpo e alma, para o Céu. E os Anjos rejubilam!

Assim canta a Igreja. - E é assim, com este clamor de regozijo, que começamos a contemplação, desta dezena do Santo Rosário.

Adoreceu a Mãe de Deus. - Em volta do seu leito encontram-se os doze Apóstolos.

- Matias substituiu Judas.

E nós, por graça que todos respeitam, estamos também a seu lado.

Mas Jesus quer ter Sua Mãe, em corpo e alma, na Glória. - E a Corte celestial ostenta todo o seu esplendor, para receber a Senhora. - Tu e eu - crianças, afinal - pegamos na cauda do esplêndido manto azul da Virgem e assim podemos contemplar aquela maravilha.

A Trindade Santíssima recebe e cumula de honras a Filha, Mãe e Esposa de Deus... - E é tamanha a majestade da Senhora, que os Anjos perguntam Quem é esta?».

**S. Josemaria (século XX) - Santo Rosário, IV mistério glorioso.**

---

## A VOZ DOS POETAS

Hoje sobe ao céu Maria,  
que Cristo, em honra do povo,  
translada à casa do céu  
onde na terra vivia.

Hoje o palácio real  
só por Deus habitado,  
sobe à sua pátria imortal,  
ao império o animado,  
e o terreno ao celestial;  
hoje a casa em que vivia  
a eterna sabedoria,  
hoje a soberana aurora  
a lua pisa, o sol doura,  
hoje sobe ao céu Maria.

Sobem as colunas graves  
daquela sempre bendita  
casa, e as celestes aves  
ao Fénix que ressuscita  
dizem com vozes suaves:  
Como sobe em mortal véu,  
ou quem a conduz ao céu?

A terra pode subir?  
Mas bem pode dizer  
que Cristo em honra do solo.

Vosso privilégio passa,  
casa ilustre, da lei  
comum, porque foste casa  
do Rei, nem pagara o Rei  
tal casa com mão escassa.

Levantai para o céu o voo,  
casa formosa, honrai o povo;  
de Deus o fostes, e Deus,  
por não estar nele sem vós,  
translada a casa ao céu.

Suba para que o prémio lhe dêem,  
que tão alta glória encerra;  
suba o breve céu, em quem  
achou Deus casa na terra,  
onde coube tão bem;  
suba com justa alegria,  
que não é bem, pois que Maria  
foi Deus céu no povo,  
que se torne em terra o céu,  
onde na terra vivia.

**Lope de Vega (séculos XVI-XVII) - Romancero espiritual. Glosas difíciles VII.**



## (XVII) Três coisas que todo o católico deve saber sobre os dogmas marianos

POR [CYNTHIA PÉREZ](#) | ACI Press



### Dogmas marianos. A Virgem Maria e o Menino Jesus.

Em maio, mês dedicado pela Igreja Católica em homenagem à Virgem Maria, os católicos do mundo costumam aprofundar seus conhecimentos e amor pela Mãe de Deus, através de eventos formativos, a recitação do Rosário e a consagração a Maria.

Durante este período especial, alguns fiéis que participam de catequese, cursos ou conferências sobre temas marianos, puderam ouvir ou ler sobre [dogmas marianos](#) sem conhecimento prévio sobre o assunto. É por isso que abaixo, explicamos de forma simples tudo o que um [católico](#) precisa saber sobre dogmas marianos:

#### **A. O que é um dogma mariano?**

Um dogma é uma verdade absoluta, definitiva, infalível, irrevogável e inquestionável da fé revelada por Deus através da [Bíblia](#) ou da [Tradição Sagrada](#). Após ser proclamado, não pode ser revogada ou negada, nem pelo Papa nem por uma decisão conciliadora.

Para que a verdade se torne dogma, é necessário que ela seja proposta diretamente pela Igreja Católica aos fiéis como parte de sua [fé](#) e doutrina, através de uma definição solene e infalível pelo Magistério Supremo da Igreja.

Os dogmas mais importantes referem-se a [Deus](#), [Jesus Cristo](#), a Virgem Maria, o [Papa](#) e a [Igreja](#), a criação do mundo, os [sacramentos](#), e tudo relacionado ao fim da existência humana e ao julgamento final.

Os dogmas que se referem à [Virgem Maria](#) são chamados de "marianos", e a Igreja Católica os celebra todos os anos como Solenidades, a mais alta categoria litúrgica, e indica que os católicos devem participar da Eucaristia.

## **B. Quais são os dogmas marianos?**

### **1. A Imaculada Conceição**

O dogma da fé da Imaculada Conceição nos revela que, pela graça de Deus, a Virgem Maria foi preservada do pecado desde o momento de sua concepção; ou seja, a partir do momento em que Maria começou a vida humana.

A Virgem Maria é imaculada graças a Cristo seu filho, porque como Jesus deveria nascer de seu ventre, Deus a fez Imaculada para que ela pudesse ter um útero puro encarnado. Ela nunca se curvou a concupiscências e sua grandeza mostra que, como ser humano, ela era livre, mas nunca ofendeu Deus, e assim, ela não perdeu a enorme graça que Ele lhe concedeu.

### **2. Maternidade Divina**

Este dogma é a base da adoração mariana e aponta que a Virgem Maria é a verdadeira Mãe de Deus. Como Jesus é o homem e Deus ao mesmo tempo; ou seja, uma pessoa que integra essas duas naturezas, e a Virgem Maria é a mãe de Jesus em sua integridade, então, ela é a Mãe de Deus.

### **3. Virgindade Perpétua**

O dogma da Virgindade Perpétua é o mais antigo dos quatro e aponta que Maria era virgem antes, durante e perpetuamente após o nascimento de Jesus, e foi mantida por Deus até sua gloriosa Assunção no céu. Maria "é a Virgem que conceberá e dará à luz um Filho cujo nome será Immanuel", afirma a Bíblia e o Concílio Vaticano II.

### **4. A Assunção da Virgem Maria**

A Assunção é a celebração de quando o corpo e a alma da Virgem Maria foram glorificados e levados para o Céu no final de sua vida terrena. Isso significa que, por um privilégio especial de Deus, Maria não experimentou a corrupção de seu corpo e foi assumida ao céu, onde reina viva e gloriosa, ao lado de Jesus. Não deve ser confundido com a Ascensão, que se refere a Jesus Cristo.

## **C. Quem aprovou os dogmas marianos?**

**O dogma da Imaculada Conceição** foi proclamado pelo Papa Pio IX em seu touro Ineffabilis Deus em 8 de dezembro de 1854. Desde então, a Igreja Católica celebra todo 8 de dezembro a Solenidade da [Imaculada Conceição](#) de Maria.

"[...] a Virgem Maria foi preservada imune a cada mancha de culpa original no primeiro instante de sua concepção pela graça singular e privilégio de Deus todo-poderoso, em atenção aos méritos de Cristo Jesus, o Salvador da raça humana [...]", disse.

**O dogma da Maternidade Divina** foi proclamado pelo Papa São Clemente I no Concílio de Éfeso em 431, que declarou que qualquer um que não confessasse que "a Virgem Santíssima é a Mãe de Deus, porque ela deu à luz de acordo com a carne da Palavra de Deus feita carne", Jesus Cristo, seja anátema ou excomungado.

Em seguida, foi proclamada por outros Conselhos Universais, o de Chalcedon e os de Constantinopla. O Concílio Vaticano II indica que Nossa Senhora foi homenageada sob este título desde os tempos antigos e que os fiéis vêm suplicantemente a ela em todos os seus perigos e necessidades.

A Solenidade de Maria, Mãe de Deus, é celebrada em 1º de janeiro de cada ano, e é a mais antiga conhecida no Ocidente.

**Sobre o dogma da Virgindade Perpétua**, o Papa João Paulo II [apontou](#) em 1996 que "a fé expressa nos Evangelhos" sobre a virgindade de Maria "está confirmada, sem interrupção, na tradição posterior", e que as definições de "conselhos ecumênicos e do pontifício Magistério [...] eles estão em perfeita harmonia com essa verdade.

A santa disse que o Conselho de Chalcedon de 451, o Terceiro Concílio de Constantinopla de 681 e outros conselhos ecumênicos como Constantinopolitano II, Latão IV e Lugdunense II, declaram Maria "sempre virgem", sublinhando sua [virgindade perpétua](#)".

"O Concílio Vaticano II assumiu essas afirmações, destacando o fato de que Maria, 'por sua fé e sua obediência, gerou na terra o próprio Filho do Pai, certamente sem conhecer um homem, coberto com a sombra do Espírito Santo'", acrescentou.

"Embora as definições do Magistério, com exceção do Conselho Latário de 649, convocado pelo Papa Martinho I, não especifiquem o significado da denominação 'virgem', é evidente que este termo é usado em seu sentido habitual: a abstenção voluntária dos atos sexuais e a preservação da integridade corporal. De qualquer forma, a integridade física é considerada essencial para a verdade da fé da concepção virginal de Jesus", disse.

**Sobre a Assunção da Virgem Maria**, desde 1849 o Vaticano recebeu pedidos para que a [Assunção](#) da Virgem fosse declarada um dogma da fé, e em 1950, o Papa Pio XII declarou-o dogma na Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*.

"[...] declaramos e definimos ser divinamente revelados dogma, que a Imaculada Mãe de Deus, sempre Virgem Maria, tendo terminado o curso de sua vida terrena foi assumida em corpo e alma para a glória celestial", disse ele.

Em 15 de agosto, a Igreja Católica celebra a Solenidade da Assunção da Virgem Maria, para comemorar a feliz partida de Maria desta vida e a Assunção de seu corpo para o céu.

**FIM**

# ÍNDICE

## Vida de Maria:

(I) A Imaculada Conceição : Texto	p. 1
(I) A Imaculada Conceição : Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas a)	p. 3
(I) A Imaculada Conceição : Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas b)	p. 9
(II) Os esponsais com José: Texto	p. 15
(III) A Visitação a Sta. Isabel: Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 17
(III) A Visitação a Sta. Isabel: Texto	p. 22
(IV) O Nascimento de Jesus: Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 24
(IV) O Nascimento de Jesus: Texto	p. 29
(V) A Apresentação de Jesus no Templo: Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 31
(VI) A Adoração dos Magos : Texto	p. 38
(VI) A Adoração dos Magos : Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 37
(VII) A fuga para o Egípto : Texto	p. 43
(VII) A fuga para o Egípto : Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 45
(VIII) Regresso a Nazaré : Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 51
(VIII) Regresso a Nazaré: Texto	p. 56
(IX) Jesus entre os doutores : Texto	p. 58
(IX) Jesus entre os doutores : Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 60
(X) Vida de trabalho e normalidade em Nazaré: Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 64
(XI) As Bodas de Caná: Texto	p. 67
(XII) Junto à Cruz de Jesus : Texto	p. 69
(XIII) Sepultura de Jesus : Texto	p. 71
(XIV) Ressurreição e Ascensão : Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 73
(XV) A vinda do Espírito Santo: Texto	p. 79
(XVI) Assunção de Nossa Senhora: Magistério, Padres da Igreja, Santos e Poetas	p. 81
(XVII) Três coisas que todo o cristão deve saber sobre os Dogmas Marianos	p. 87

*Obs. - Os itens de I a XVI foram retirados do "Site" do Opus Dei. O XVII de ACI PRENSA.*

